

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
JANILSON RODRIGUES LIMA

EM DEFESA DA FÉ E DA FAMÍLIA:
intelectualidade católica e as estratégias para o restabelecimento de um
padrão comportamental em Fortaleza (1936-1941).

FORTALEZA – CE
2013

JANILSON RODRIGUES LIMA

**EM DEFESA DA FÉ E DA FAMÍLIA:
intelectuais católicos e padrão comportamental em Fortaleza (1936-1941)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em História, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. João Rameres Regis.

FORTALEZA – CE
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário (a) Leila Cavalcante Sátiro – CRB-3 / 544

L732e Lima, Janilson Rodrigues.
 Em defesa da fé e da família: intelectuais católicos e padrão comportamental em
 Fortaleza (1936-1941) / Janilson Rodrigues Lima. — 2013.
 CD-ROM 148f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

 “CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico,
 acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades,
 Mestrado Acadêmico em História, Fortaleza, 2013.

 Área de Concentração: Práticas Urbanas.

 Orientação: Prof. Dr. João Rameres Regis.

 1. Intelectualidade católica. 2. Comportamento. 3. Disciplina. I. Título.

CDD: 900

2.

3. . I. Título.

CDD: 338.46918131



Universidade Estadual do Ceará -UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005

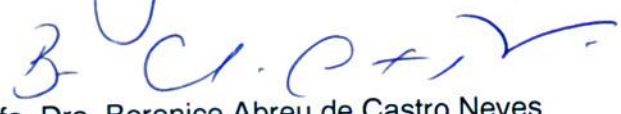


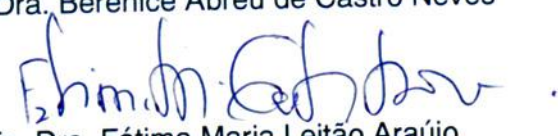
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO JANILSON RODRIGUES LIMA

Às 09h30min do dia 15 (quinze) de julho de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentado pelo aluno **Janilson Rodrigues Lima**, intitulada **“EM DEFESA DA FÊ E DA FAMÍLIA: INTELECTUALIDADE CATÓLICA E AS ESTRATÉGIAS PARA O RESTABELECIMENTO DE UM PADRÃO COMPORTAMENTAL EM FORTALEZA (1936-1941)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “APROVADO” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores(as) doutores (as): João Rameres Regis (Orientador-UECE), Berenice Abreu de Castro Neves (UECE) e Fátima Maria Leitão Araújo (UECE). Assinam também a presente ata, o Coordenador Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz e a secretária Maria Rozilda Martins Oliveira, para devidos efeitos legais.

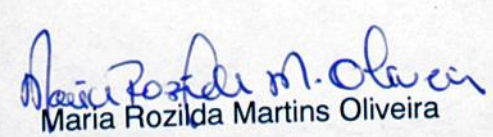
Fortaleza, 15 de julho de 2013.


Prof. Dr. João Rameres Regis


Profa. Dra. Berenice Abreu de Castro Neves


Profa. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo


Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz


Maria Rozilda Martins Oliveira

Dedico este trabalho ao meu avô Mateus Rodrigues da Costa, que hoje não tem a mesma alegria e a mesma noção do que se passa com ele, mas foi com sua alegria e com sua força de agricultor que criou todos seus filhos, filhas, netos e netas. E foi lembrando dessa alegria e dessa força de alguém que luta até mesmo contra a natureza para se manter de pé diante das secas que assolam o sertão cearense, que escrevia e estudava para concluir este trabalho e ir em busca de novos desafios. Espero um dia ter a mesma garra e a mesma força que o senhor para enfrentar as dificuldades e as adversidades que a vida nos impõe.

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo a minha família, pois, sem ela, eu não chegaria onde estou nessa minha caminhada. Sempre me lembrando do que sou e de onde vim, pois é isso que me faz lembrar que graduado, mestre ou doutor... Tudo isso são títulos OBRIGATÓRIOS que servem apenas para galgar alguns espaços dentro da academia. Agradeço ao meu pai e à minha mãe, Luis e Gorete, que mesmo sem ter os títulos acima mencionados me foram os melhores professores da vida e que ainda hoje me acompanham nessa caminhada de ensino e aprendizagem. Aos meus irmãos (que por mais que os nomes não pareçam...), Janilson e Janilce, que mesmo distantes fisicamente sempre estiveram próximos espiritualmente servindo de exemplo, como profissionais, como estudantes e como pessoas. Agradeço aos meus avós, Melquíades, Maria Andrade (Diva), Mateus e Maria do Carmo (Carminha) que mostram o quanto a vida é difícil e que, mesmo com suas dificuldades, devemos aproveitar cada instante ao lado das pessoas que amamos. Para encerrar os integrantes dessa “grande família” não poderia deixar de lado seu Coelho, dona Marly, dona Rita e seu Chico, pais e avós da Milena, que hoje posso dizer fazem parte de uma família que me acolheu como filho e que me sinto em casa quando estou ao lado deles, a vocês que hoje também fazem parte de minha “grande família”.

Em seguida quero agradecer outra família, pois assim como William Shakespeare, acredito que “bons amigos são a família que Deus nos permitiu escolher”. Assim não posso deixar de fora pessoas tão especiais e que estiveram tão presentes nessa construção e principalmente nos momentos de dificuldades. Primeiro Wendell (Foucault) e Emilu, pois estes dois foram um presente duplo dado por Deus, nunca ri tanto em momentos tão difíceis e de extrema desmotivação (como foram esses dois anos), como com estes dois. Serra, pizza, cachoeira, pizza, Limoeiro, pizza Mosteiro, pizza, Circo, “Mulher Caçote” (MUITAS RISADAS) e pizza, Imagem e Ação, Perfil, Maria Maluca e pizza, são algumas das inúmeras vezes que nos encontramos e marcamos qualquer besteira apenas como uma desculpa para podermos nos ver e dar boas risadas. Obrigado por vocês permitirem e nos proporcionar (a mim e à Milena) momentos tão bons e de grande crescimento pessoal. Falando desses dois, queria falar de outro casal, Renner e Lúcia Regina, vou começar pela Lúcia que nos conhecemos há pouco tempo, mas foi tempo suficiente para saber que tinha ali uma pessoa de sangue bom e muito humana. Já o Renner... Muitos momentos vividos na UECE e fora dela.

“Bandido” foi assim que me acostumei a chamar esse grande irmão, os motivos do nome não teríamos folhas suficientes para explicar, fica para outro trabalho acadêmico, mas queria dizer que este Bandido, também me proporcionou momentos muito importantes principalmente no que diz respeito a trabalho, compromisso e educação. Sei dos seus esforços e das suas abdições para que cada dia seus alunos possam ter o melhor de você em sala de aula. Como sempre sou seu fã e para mim ainda hoje você é o melhor professor de História que já conheci (nada contra você meu amigo Wendell, que também é um ótimo professor, mas é porque o COROA SE GARANTE! Risos). Não tenho dúvidas que se a UECE tivesse um terço do seu corpo docente, comprometido com a educação como você é, a nossa realidade acadêmica e o mar de lama que vemos em algumas das seleções dentro da UECE seriam outras. Teríamos bem mais professores do que “cabos eleitorais” preocupados com o que poderá ganhar se grupo A ou B assumir a reitoria. Obrigado pelo compromisso e pela sua dedicação como pai, como professor e como amigo. Lucia segura esse “cabra” aí, e “num deixe ele correr, não!”.

Nesse grupo de amigos outra pessoa também deve ser incluída, a Germana, uma amiga que é muito inteligente e muito divertida, além de louca. Gejas, torço muito pelo seu sucesso e acredito muito na sua capacidade, pois você foi um dos presentes que ganhei do *Grupo História, Cultura e Natureza*. Uma pessoa competente, compromissada, amiga, humana, HACKER e muito estudiosa. Para mim existem duas coisas apenas que você precisa definir para poder crescer mais ainda, organizar suas prioridades, pois você faz mil coisas ao mesmo tempo, inclusive dessas mil aproximadamente 995 estão ligadas a alguma questão médica (exames, consultas, remédios e etc... risos) e a outra é ter mais confiança no que você sabe, faz e no que você estudou, acredite mais em você. Obrigado por ser essa amiga competente e na qual sei que tenho alguém que posso contar caso precise de ajuda.

Agora queria agradecer a alguns professores que foram fundamentais para a construção desse trabalho e nessa caminhada. Primeiro queria agradecer ao professor Edilberto Reis, uma figura ímpar dentro da academia. Tenho muito a agradecer pela sua compreensão e ajuda, pois inicialmente ele começou a orientar este trabalho, porém, por motivos internos (e quem sabe até pessoais) ligados ao MAHIS, ele não pode continuar a orientação, mesmo assim foi grande sua ajuda, não apenas nas primeiras ideias que surgiram, como também nas aulas que o acompanhei, que me possibilitaram um maior aprendizado em relação às encíclicas papais e nos direcionamentos da Igreja Católica para o seu público de maneira mais geral. Participou também da minha qualificação e trouxe ainda mais contribuições que espero ter agregado a este trabalho final. Além de tudo isso me mostrou com seu jeito meio louco de ser e de ensinar que os padrões e modelos estabelecidos

socialmente podem ser questionados e quebrados, seja por um padre ou por um professor de história, seja falando para pessoas religiosas ou não. E tudo isso sem nenhum ANÁTEMA! Obrigado professor e desculpa por qualquer transtorno.

Diante disso, não posso deixar de agradecer ao professor Rameres Regis, pois se não pude concluir a orientação inicial, tive que lutar por uma nova orientação dentro do MAHIS. Assim acabei conhecendo um novo professor, do qual já tinha ouvido falar, mas não o conhecia. Professor Rameres, lá de Limoeiro. Ouvia dizer que era uma pessoa muito ocupada, um ótimo professor, palavras de alunos dele. Realmente não posso negar nenhuma das afirmações e mesmo com todos os afazeres topou orientar um estudante que tinha um algo que chamava de projeto, cheio de ideias, confusões e poucas definições. Não tenho dúvidas de que não foi uma tarefa fácil, professor, para nenhum de nós, mas agradeço a imensa paciência em ler os meus escritos, que com certeza deram bastante trabalho e também pela enorme compreensão para comigo e com minhas escolhas. Sei que temos muito a melhorar, sempre teremos, mas se errei, se me equivoquei em algum ponto deste trabalho é por que o senhor me permitiu voar e ousar livremente, dando conselhos e nunca ordens, conversando e nunca impondo limitações ou restrições ao que pensava e escrevia. Agradeço sua orientação e as conversas que tivemos para a construção deste trabalho.

Queria agradecer aqui três professoras que me acompanharam e me acompanham desde a graduação e que ainda hoje as carrego comigo para onde quer que eu vá, seja para dentro de uma sala de aula, seja para um novo desafio acadêmico, ou seja, para melhorar enquanto pessoa e em quanto espírito. Como dizia uma garota chamada Nádia Brito, elas formam o grupo das “Meninas Superpoderosas” da UECE: Berenice Abreu, Fátima Leitão e Regianne Medeiros. Sei que hoje o grupo não se encontra formado na UECE é uma pena, pois só quem perde são os alunos da graduação, cada vez mais necessitados de professores e professoras como vocês. Queria agradecer à professora Fátima, que me acompanhou na graduação participando da banca de monografia e que trouxe contribuições naquele momento que ainda hoje me são válidas e que fizeram parte e foram fundamentais para esse trabalho, mostrando a profundidade de sua análise e contribuição, por isso sua presença nesta banca atual não poderia ser esquecida. Obrigado pela ajuda, pelas suas contribuições e pela sua dedicação em prol da educação de nosso estado e do nosso país.

Para a professora Berenice, não existem palavras que descrevam o sentimento, admiração e dívida que tenho para com essa professora, historiadora, mãe e espírito. Porém tenho que agradecer por tudo que você tem feito por mim e pelo curso de História da UECE. Uma profissional exemplar, dedicada, compromissada com a educação, que nos mostra o

quanto vale apenas estudar e se dedicar. Sempre mostrando que por mais que estejamos cansados e desmotivados podemos conseguir mais. Não tenho dúvidas que esse trabalho tem muito da senhora, afinal de contas ele passou pelas suas mãos na construção para a seleção, na leitura externa no primeiro semestre, na qualificação no segundo semestre e, por fim, sua contribuição na banca era uma escolha definitiva, não importava o tempo que eu tivesse que esperar. A caminhada da graduação na qual a senhora me orientou foi uma escola e tanto, não conseguiria chegar aonde cheguei sem aquelas conversas e orientações, me mostrando o tipo de profissional que tenho que ser e que tipo de aluno sempre devo ser, pois sempre seremos eternos alunos aprendendo a cada dia, a cada aula e a cada orientação. Não sei se consegui superar algumas das dificuldades que a senhora sempre me apontou, mas espero ter melhorado em algum aspecto. Agradeço sua disponibilidade, sempre disposta a ajudar, sua delicadeza na hora de apontar os aspectos que devem ser melhorados, sem perder o rigor, o critério e a ênfase nas suas colocações. Muito obrigado por me permitir vivenciar esses momentos de intenso crescimento intelectual e espiritual proporcionado pela senhora.

A professora Regianne Medeiros é outra joia rara que a UECE me presenteou. Como falar de meu mestrado sem falar das conversas com essa amiga-professora sempre a me aconselhar quais os caminhos que eu deveria seguir, os cuidados que eu deveria tomar e, claro, o compromisso com os estudos. No início desta caminhada, que para mim foi um dos mais tensos e de maior desmotivação, devido aos problemas com a orientação e com algumas questões internas do MAHIS, você sempre foi um ombro amigo para podermos conversar e me orientar, comendo aquela saladinha de fruta e sempre com o cuidado de não fugir da sua ética profissional e ao mesmo tempo auxiliando seus alunos. Sei que no momento atual você vive outro projeto pessoal, a maternidade, fico feliz por suas realizações e agradeço sua amizade e seus conselhos tão importantes em momentos tão atribulados.

Ainda tem outro professor que deve ser agradecido, o docente Gerson Jr. que me proporcionou uma visão diferenciada da história, pois com sua leitura antropológica me apresentou autores que contribuíram para minha formação como Clifford Geertz e Marshall Sahlins. Mostrou-me as influências da antropologia para o fazer histórico atual e como ainda temos algumas coisas a aprender com os antropólogos. Também não poderia deixar de agradecê-lo por SALVAR a disciplina de Práticas Urbanas, feita no meu segundo semestre na qual ele ministrou junto com outro professor. Sua presença foi fundamental para que a disciplina não fosse por “água a baixo”. Muito obrigado professor, Gerson Jr.

Agora quero agradecer a uma pessoa que sem sombra de dúvidas foi uma das que mais contribuíram (se não a que mais contribui) para meu crescimento e meu amadurecimento

durante esses dois anos. O professor Francisco Carlos Jacinto Barbosa, este professor que se tornou um amigo pessoal e intelectual, ofertou uma disciplina no semestre em que eu estava entrando no MAHIS, logo que vi o nome dele na disciplina não tive dúvidas que iria me matricular, pois já o conhecia da graduação e sabia que seria uma disciplina de grande aprendizado e de INTENSA LEITURA, porém no ato da inscrição foi avisado que ele tinha disponibilizado a disciplina apenas para seus orientandos ou pessoas que tivessem temáticas ligadas ao seu grupo de pesquisa História, Cultura e Natureza. Mesmo assim, graças à desorganização e a querela entre alguns professores do MAHIS, conseguimos nos matricular, mesmo o professor mandando um e-mail para que pudéssemos reavaliar se realmente nos cabia naquela disciplina ofertada, demos uma de “João sem braço”, fizemos como se não tivéssemos recebido o e-mail. No dia da disciplina nunca tinha visto um professor com tanta raiva na UECE, tivemos que justificar o nosso trabalho dentro da temática da disciplina. Ainda bem que a ciência é tão construída quanto a sociedade e os prédios que vivemos, rapidamente cada um defendeu sua ideia e a atrelou à disciplina. Tivemos que perseverar para continuarmos nessa disciplina, tínhamos um livro por semana para ler e acredito que conseguimos mostrar como nossa presença era importante. Porém, toda essa história era para relembrar e dar algumas risadas, mas também para mostrar que mesmo com as dificuldades sempre soube que participar de uma disciplina ofertada por você, Carlos, iria me trazer grandes aprendizados e prazerosas leituras. Essa disciplina resultou em um convite seu para participar do seu grupo de pesquisa, que aceitei de cara. E essa participação nas leituras feitas no grupo, no acompanhamento da disciplina de Tópicos Especiais I, ofertada no curso de História, me trouxe um avanço nas reflexões em torno da ciência, da natureza e da História. Quando entrei na UECE em 2004.2 e no MAHIS em 2011, pedi a Deus que me orientasse e trouxesse para próximo de mim bons espíritos e boas influências. Na graduação Deus me presenteou com a professora Berenice e em 2011 ele me trouxe você, um amigo, um grande historiador e um espírito de muita luz e que luta pelos seus ideais e suas convicções. Um cara que procura novas leituras e que não se prende a leituras corporativistas, que me apresentou Leonardo Boff (ainda na graduação), Bruno Latour, Laymert Garcia, Gilbert Simondon, Jack Goody, além de vários outros autores e historiadores. Leituras e contribuições que me são presentes enquanto “estudioso social” e que me compõem enquanto pessoa, pois suas leituras, mais do que formar profissionais, elas me proporcionaram uma visão de mundo e sobre o mundo (GAIA) na qual carregarei por toda minha vida. Muito obrigado, pois a nível intelectual você fez valer a pena esses dois anos no MAHIS.

Não posso deixar de fora algumas pessoas que sem elas a UECE não seria a mesma, como Dona Silvia, Neto e Dona Rosilda, todos funcionários do MAHIS, e que sem eles as coisas seriam ainda piores, muito obrigado pelo trabalho de vocês e ajuda que vocês nos dão diante do tempo que passamos aí. Ao Franzé, ao Daniel, à Cristina e à Dona Silvia (mais uma vez), que trabalham na coordenação do curso de História, que sem eles não teria o cafezinho e as conversas nos momentos de cansaço entre uma leitura e outra. A todos os funcionários da Biblioteca Central e do Restaurante Universitário, locais constantemente frequentados por mim, diante do horário de estudos ao longo da manhã, tarde e noite na UECE. Agradeço à Brígida, do Seminário da Prainha, ao Chiquinho, do setor de Obras Raras da Biblioteca Pública e a todos os funcionários do setor de periódicos dessa mesma instituição, pois sem vocês esse trabalho não teria sido feito.

Ainda queria agradecer a uma pessoa muito especial, Milena Marques Coelho. Uma mulher de garra, de personalidade e de grande perseverança. Agradeço meu amor por estar ao meu lado todos os dias, compartilhando os momentos bons e ruins, ao longo desses dois anos de mestrado. Você faz parte desse trabalho e principalmente do meu crescimento intelectual, pessoal e espiritual. Pois desde quando ficamos juntos pela primeira vez vimos que nossa ligação era muito forte e o quanto você é importante para mim, pois só tenho a te agradecer pela paciência, pela ajuda, pelo esforço e pela historiadora que você vem se tornando, mostrando sua personalidade e o crescimento que você vem conseguindo. Sei que não foi fácil aguentar meu mau humor e os momentos sozinha, enquanto eu estava a pesquisar ou a escrever para poder concluir esta dissertação, mas quero que saiba que cada esforço tem um objetivo de ficarmos juntos e poder realizar todos os nossos sonhos. Obrigado pela companhia que você é, pelos conselhos, pelas brigas e puxões de orelha, pois sem eles acredito que não teria tido força suficiente para finalizar este trabalho diante das dificuldades que enfrentamos juntos, seja de saúde, de tempo ou de paciência. E nunca esquecerei que você é a MELHOR VENDEDORA DE JUJUBAS da face da terra! (risos)

Existem vários outros amigos que gostaria de citar, mas devido ao espaço, vou colocar o nome de alguns e peço desculpas pelos que não constarem, mas sintam-se integrantes dessa família de amigos: Paulo Giovanni, Gabriela, Gustavo, Adson, Ana Paula, Danielle, Dona Tereza, Erica Gonçalves, Patrícia, Zenaide, Zuleika, Abraão, Juliete, Mayara, Michele, Vinícius, Roberta Kelly, Mayara Lemos, Bruna Demes, Ana Claudia, Ariane, Canindeeeeeeeé, Felipe, Hislly, Ana Cecilia, Daniele, Gleidson, Kelly Maria, Luiz Alberto, Ana Raquel, Helena, Gizele, Moisés, Karla Torquatro, Fernando...

Por fim agradeço a Deus por colocar todas essas pessoas na minha vida e no meu caminho, pois sem elas não sou nada. Saibam que cada passo, cada ação, cada aula, cada planejamento, cada exemplo, penso em cada um de vocês e como Deus é bom em colocar vocês na minha vida. MUITO OBRIGADO por tudo.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado discute a atuação de um grupo de intelectuais católicos que participavam de forma constante nas páginas do jornal católico fortalezense, *O Nordeste*. Entre os anos de 1936 a 1941 percebemos que esse grupo de intelectuais nesse período se fortalece politicamente e socialmente, o que lhes possibilitou uma maior atuação e articulação diante da sociedade fortalezense. Assim, tivemos uma tentativa por parte desse laicato de restabelecer comportamentos e padrões para a sociedade fortalezense, que passava por transformações socioculturais e possuía em seu âmbito urbano influências que questionavam e proporcionavam valores distintos dos que eram defendidos pelo grupo de intelectuais católicos fortalezenses ligados ao jornal *O Nordeste*. Com isso, analisamos as atividades desse laicato que integrava a Arquidiocese de Fortaleza na tentativa de restabelecer esses padrões desejados pelo grupo católico, demonstrando as estratégias usadas, os embates com alguns setores sociais daquele momento histórico e as lutas constantes travadas no jornal *O Nordeste*, sobre temas como a educação formal, o cinema e o carnaval, que eram usados por este grupo como pontos estratégicos de disputa para seus interesses. Para isso usamos como fonte jornais do período como *O Nordeste*, *Gazeta de Notícias*, *Unitário* e *O Estado*. Além de ainda disponibilizar de obras de alguns escritores que vivenciaram o período abordado por nós, o que nos possibilitou um olhar diferenciado daquele proporcionado pelos periódicos. Assim constatamos que este grupo de intelectuais busca legitimar um modelo de cidadão, um modelo político de poder usando estratégias para reestabelecer e formar valores e costumes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais Católicos, Educação, Controle Comportamental.

ABSTRACT

The work presented here discusses the work of a group of Catholic intellectuals who participated steadily pages of the Catholic newspaper, *O Nordeste*. Between 1936 and 1941, we realized that this group of intellectuals in this period are strengthened politically and socially which enabled them greater performance and articulation in society from Fortaleza. So we had an attempt by the laity to restore this behavior and standards for society from Fortaleza, passing by sociocultural transformations and had in its urban context influences who questioned and provided distinct values of which were defended by a group of Catholic intellectuals from Fortaleza linked to newspaper *O Nordeste*. Thus we analyze the activities that laity which included the Archdiocese of Fortaleza in an attempt to restore these standards desired by the Catholic group, demonstrating the strategies used, the clashes with some social sectors that historical moment and the constant struggles waged in the newspaper *O Nordeste*, on topics as formal education, movies and carnival, which were used by this group as strategic points of contention for their interests. For this we use newspapers as a source for the period as *O Nordeste*, *Gazeta de Notícias*, *Unitário* e *O Estado*. Besides still available works of some writers who experienced the period covered by us, this allowed us a different look from that provided by the journals. Thus we see that this group of intellectuals seeking to legitimize a model citizen, a political model of power using strategies to restore and form values and customs in society.

KEYWORDS: Catholic Intellectuals, Education, Behavioral Control.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1	Fotografia da sessão de reorganização da Academia Cearense de Letras no ano de 1922.....p. 41
FIGURA 2	Capa do jornal O Nordeste, de 17 de janeiro de 1938.....p. 55
FIGURA 3	O carnaval bate às portas! O Nordeste, Fortaleza, 17 de fevereiro de 1938, pag. 05.....p. 132

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Ação Católica: intelectualidade laica e sua relação entre a Igreja Católica e o Estado em Fortaleza.....	22
1.1 – Ação Católica e a intelectualidade laica em Fortaleza.....	23
1.2 – Intelectualidade laica: uma forte base de atuação da Arquidiocese	36
1.3 – Jornal O Nordeste: a trincheira da intelectualidade católica fortalezense	49
Capítulo 2 – A educação e o ensino religioso: intelectualidade católica e as estratégias na construção de padrões sociais em Fortaleza.....	63
2.1 – Educação Católica: para quem? E para que?.....	66
2.1.1 – Família, encíclicas e educação católica.....	75
2.2 – Educando espíritos e formando os costumes da juventude fortalezense	85
Capítulo 3 – Em defesa da ordem: combate católico sobre a educação física, o cinema e o carnaval.....	101
3.1 – A educação física e o sexo feminino: “masculinização da mulher em terras da Fortaleza catholica”.....	102
3.2 – “Das telas para a vida”: o perigo do cinema para a formação cristã da juventude fortalezense.....	113
3.3 - O carnaval e os costumes católicos: ritual da desordem e da astúcia.....	125
Considerações Finais.....	137
Fontes.....	142
Referências Bibliográficas.....	144

INTRODUÇÃO

Em 1889, com a Proclamação da República no Brasil, as bases da relação entre a Igreja Católica e o Estado ficaram abaladas, principalmente depois da Constituição de 1891, em que separava oficialmente a Igreja do Estado. No entanto, apesar de ter acontecido essa separação, não significava que a Igreja Católica deixava de ter uma forte influência social e política no nosso país, ao mesmo tempo também não significava que essa relação não pudesse se reatar.¹

Assim, percebemos a influência da Igreja Católica na sociedade brasileira e ao mesmo tempo visualizamos as transformações² pelas quais a instituição religiosa passava nos primeiros anos do Governo Republicano e como ela foi ganhando força e se reestruturando em nosso país, principalmente no Estado do Ceará, quando ficou sob a direção do Arcebispo Dom Manoel da Silva Gomes e como as transformações trazidas pela Arquidiocese se refletiram diretamente na forma de atuação católica no âmbito social da cidade de Fortaleza.³

Visto a influência dessa instituição religiosa em Fortaleza, buscamos compreender o discurso católico durante os anos de 1936 a 1941 proferido nas páginas do jornal O Nordeste, um dos principais jornais da capital cearense nesse período, criado pela Arquidiocese de Fortaleza, contando principalmente com a atuação de um grupo de intelectuais laicos, com o intuito de propiciar um centro difusor dos ideais católicos, além de

¹ Porém essa aproximação entre Igreja e Estado a partir da República se daria apenas em caráter informal, pois com o fim do Segundo Império não teríamos esses dois grupos juntos de forma constitucional, como foi visto no primeiro e no segundo reinado.

² “[...] o comportamento da Igreja brasileira à época reflete a orientação ultramontana, fruto da reação católica às perdas provocadas, entre outros fatores, pelas revoluções burguesas no Velho Continente, e cuja base é a defesa da absoluta autoridade papal. No Brasil, essa orientação doutrinária e prática começa a se fazer sentir com a ‘romanização’, processo iniciado com os chamados ‘bispos reformadores’.” A autora Júlia Miranda nos dá uma pequena mostra de que modificações eram essas que passavam a Igreja e quais motivos levou-a a fazer isso, pois a perda de espaço político na Europa com as Revoluções Burguesas ao longo do século XIX fizeram com que a Igreja buscasse esse espaço que antes ela ocupava. Desta maneira, essas modificações refletem no Brasil, principalmente com a separação desta instituição religiosa do Estado pós 1891. MIRANDA, Julia. **O poder e a fé; discurso e prática católicos**. Fortaleza, Edições UFC, 1987. p. 104.

³ Josênio Parente afirma que “O Círculo Católico de Fortaleza (CCF) foi a escola política que posteriormente seria seguida por d. Leme (sic.), então arcebispo do Rio de Janeiro, quando cria o Centro D. Vidal, em 1922.” O autor também cita um outro exemplo que é o caso do jornal “O Nordeste” que vai influenciar a revista “A Ordem”, também do Rio de Janeiro ligada ao Centro Dom Vidal. Tanto o Círculo Católico de Fortaleza como o jornal “O Nordeste” foram criações do Arcebispado Dom Manoel da Silva, no Ceará. PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses**. / Francisco Josênio Camelo Parente. – Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000. p.87.

possibilitar, também, ser usado como local de combate e defesa dos ideais e pensamentos desse grupo na capital cearense.

Pensando no jornal nessa perspectiva e na atuação de uma intelectualidade católica laica na produção e confecção desse jornal, partimos principalmente da atuação de três destes intelectuais: Andrade Furtado, José Valdivino e Luis Sucupira. Esses personagens foram figuras constantes nos escritos do jornal, pois o primeiro seria o redator-chefe do periódico e os dois últimos eram escritores assíduos, com colunas quase que diariamente publicadas, posicionando-se e defendendo padrões que se desejava restabelecer no seio da sociedade fortalezense. Além disso, esses intelectuais estavam inseridos em uma elite intelectual e política da cidade de Fortaleza, atuando especificamente em agremiações católicas e na busca de um controle social com o sentido de reestabelecer uma ordem desejada pelos setores aos quais eles pertenciam. Por estes motivos, as ações e os discursos desses intelectuais, publicados nas páginas do diário católico, fazem parte de nossa documentação e é a partir dela que se desenvolvem nossas análises.

No entanto, esses discursos, principalmente proferidos pela intelectualidade laica católica, buscavam reestabelecer uma ordem social com o objetivo de recobrar padrões desejados para os jovens e a família fortalezense, que estavam se modificando com a chegada de novas ideias e novas influências que vinham de práticas e ideias que se consolidavam na sociedade fortalezense, como o cinema, o carnaval e os valores educacionais defendidos pela Escola Nova, que traziam uma série de novos costumes e valores que se integravam no meio social e começavam a fazer parte do cotidiano dessa sociedade.

Porém, esses valores e práticas não eram bem vistos pela intelectualidade laica católica, por trazerem outras concepções de mundo que exaltavam a inversão social, o divórcio, as paixões, novos modos de se vestir e se comportar, além de atividades que aproximavam e buscavam dar uma certa igualdade para os sexos masculino e feminino, principalmente, no âmbito educacional que visava a coeducação, no qual os dois grupos estariam submetidos ao mesmo currículo escolar. Nesse sentido, percebemos que o jornal O Nordeste ganha força junto à sociedade letrada da capital cearense, que passava por um momento político diferenciado no cenário Nacional e, principalmente, no nosso cenário Estadual. Pois na década de 1930 temos uma reaproximação entre a Igreja e o Estado e, no Ceará, essa conjuntura vem com maior intensidade a partir de 1936.⁴ Para compreendermos a

⁴ Momento esse em que temos Menezes Pimentel como Interventor do Estado, sendo ele um ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza e Raimundo Alencar Araripe como prefeito de Fortaleza, que tinha sido presidente da União dos Moços Católicos, os dois eram intelectuais católicos leigos que faziam parte da Arquidiocese de Fortaleza, nesse período.

conjuntura política entre esses dois polos sociais (Igreja/Estado), nesse momento, foi necessário entendermos como se deu essa nova aproximação entre esses dois entes, os quais se reaproximaram de forma mais efetiva na década de 1930.

Como já foi dito, desde a Proclamação da República a relação Igreja/Estado havia sido abalada, porém isso não significava que o grupo católico estava contra a ordem que havia sido instituída naquele momento. Pois, o que vai acontecer no adensar da década de 1930 é justamente o contrário. A Igreja Católica composta por sua intelectualidade laica foi colaboradora de forma direta e indireta com a ordem social e política que estava sendo estabelecida no pós 1930. Porém, essa colaboração não se deu de forma ingênua nem voltada somente com a preocupação para os assuntos divinos (mesmo que o grupo católico tentasse fundamentar isso muitas vezes), pois desta maneira buscou a proximidade com as bases políticas e assim pôde estar junto ao poder político, atuando em áreas estratégicas com o desejo de restabelecer e difundir os seus ideais e valores na sociedade.

Isso pôde ser visto a partir de 1920, quando a Igreja buscou uma aproximação com o Governo Federal, no entanto, essa aproximação só foi efetuada e consolidada nos anos de 1930 e com a ascensão de Vargas à esfera do poder federal. Em 1934 essa influência político-religiosa já poderia ser vista na própria Carta Constitucional com a educação religiosa sendo instituída, uma luta que há tempos era empenhada pela Igreja e que fortificou os laços entre Vargas e a Igreja Católica em nosso país e contou com grande atuação e participação da intelectualidade laica que, apoiada pela Liga Eleitoral Católica⁵ (LEC), conseguiu eleger uma quantidade considerável de deputados para a Assembleia Constituinte, o que possibilitou alguns ganhos para a Igreja em virtude da atuação destes leigos ao lado dos líderes eclesiásticos.

Porém, os laços entre a instituição religiosa e o Estado não estavam livres das tensões e fraturas políticas, pois há momentos em que esses dois grupos entraram em choque em seus interesses, nos valores que estavam sendo estabelecidos, nos costumes que se buscavam e principalmente no que dizia respeito à educação. Pois se o Estado Varguista tentava obter uma educação que visava um modelo de jovem que cuidava não apenas do viés intelectual, mas passava também pelo cuidado com o corpo e com o tipo ideal de nação desejada pelo governo, o grupo católico não coadunou com tais pensamentos em torno desse modelo de educação centrado no corpo. Mostrando dessa maneira que por mais que em alguns

⁵ A Liga Eleitoral Católica, funcionou como um partido político, que congregou vários personagens que tinham teoricamente como fim defender os ideais e pensamentos católicos diante do poder político do país. PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses.** / Francisco Josênio Camelo Parente. – Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.

momentos esses dois grupos andassem juntos e coadunassem em suas ações políticas, isso não significava que não tinham divergências e disputas internas sobre as concepções de mundo entre eles. Entretanto, em Fortaleza, a Igreja Católica ganha cada vez mais espaço no cenário político do Estado, principalmente depois da criação do Círculo Católico de Fortaleza⁶, o qual tinha como integrantes um grupo de intelectuais alencarinos que eram os pensadores e mediadores (leigos) das ações da Igreja na cidade. Esse grupo tem uma importância crucial, sobretudo na década de 1930, pois mesmo com o fim do Círculo Católico de Fortaleza, criado em 1913 e extinto em 1922, os intelectuais que participaram dele e que estiveram à frente da direção dessa agremiação católica estiveram presentes e atuantes no cenário político-social da cidade como defensores, articuladores e mediadores da ordem social, que era desejada pela Igreja nos anos de 1930, visando a consolidar e divulgar os valores dessa instituição. Foi desse grupo também que saiu o Interventor Menezes Pimentel, que ficou à frente do Governo do Estado nos anos de 1935 a 1945.

Essa intelectualidade católica estava fortemente consolidada nos cargos políticos do Estado e da capital cearense e este fato ressaltava cada vez mais a força católica no cenário político cearense desde os anos de 1933⁷. Percebemos que, mesmo com o passar dos anos e mesmo antes do Estado Novo, a grande maioria política que era eleita em nosso Estado saía de bases católicas. Raimundo Alencar Araripe e Menezes Pimentel foram dois exemplos máximos dessa força política ligada à intelectualidade católica, tendo forte apoio da Arquidiocese de Fortaleza, podendo ainda ser citado o nome de Waldemar Falcão, que foi senador e Ministro do Trabalho, em 1938, o que mostrava a força dessa entidade dentro do território cearense. Com a implantação do Estado Novo, a Igreja pode ter tido perdas no âmbito constitucional e legislativo, porém, no que diz respeito ao âmbito de atuação social e

⁶ Criado no dia 29 de junho de 1913, por D. Manoel da Silva e tinha como assistente eclesiástico o padre Misael Gomes.

⁷ A hegemonia católica iniciou-se com as sucessivas vitórias da Liga Eleitoral Católica (LEC). Na votação de 1933, para a Constituinte Federal, de um total de 10 deputados, a Liga Eleitoral Católica, no Ceará, elegeu a maior bancada: 6 deputados contra 4 do Partido Social Democrata (PSD); em 1934, para a Câmara Federal, de um total de 11 deputados, a LEC ganhou, elegeu 7 e o PSD elegeu 4; e para a Constituinte Estadual, de um total de 30 deputados elegeu a maioria: 17 contra 12 do PSD e 1 deputado avulso. Em 1935, na Assembleia Legislativa, ocorreram mais dois triunfos da LEC, a eleição de Menezes Pimentel, ex-presidente do Círculo Católico de Fortaleza, ao governo do Ceará e a escolha de Edgar Arruda e Waldemar Falcão para o senado federal. Em 1936, a LEC assumiu a direção do recém-fundado Partido Republicano Progressista (PRP) e elegeu o prefeito de Fortaleza, Raimundo Alencar Araripe, ex-diretor da União dos Moços Católicos. Em função da aliança entre a Arquidiocese de Fortaleza e o governo Vargas, Pimentel e Araripe continuaram em seus cargos durante o Estado Novo e, em 1938, o senador Waldemar Falcão assumiu o Ministério do Trabalho. Em 1941, Falcão deixa o cargo para ser empossado ministro do Supremo Tribunal Federal. PINTO, José Aluísio Martins. **“Não vingarão as sementeiras do anticristianismo”**: O Comunismo na Imprensa Católica (Fortaleza/CE, 1930 – 1945). Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Jos%E9%20Alo%EDsio%20Martins%20Pinto.pdf>> Acesso em: 25 de julho de 2010.

política ela estava amplamente fortalecida desde 1936, com a atuação de seu laicato católico dentro do poder político tanto na esfera estadual quanto municipal e até mesmo federal, além dos outros âmbitos de atuação desse grupo dentro da esfera social, como jornais, revistas e em outras agremiações católicas.

Nesse sentido, a intelectualidade católica de Fortaleza assume pontos estratégicos no cenário político de nosso estado e da capital, além de alguns cargos de âmbito nacional. Justamente com essa influência, a Igreja consegue continuar sua educação religiosa nas escolas públicas e neste mesmo viés continua seu trabalho de formação de leigos para atuar com ela, e seria este um dos pontos fortes da Arquidiocese de Fortaleza, contando com o jornal O Nordeste para suas ações de formação, que não se limitavam só às escolas nem só aos jovens, por mais que esses fossem um dos focos principais. Com esse intuito, a Arquidiocese se mostrava preocupada com as influências que poderiam prejudicar essa juventude brasileira e destruir as famílias cristãs em nosso Estado, ou melhor, destruir essa relação entre a sociedade e a religião católica. Por esse motivo, a instituição religiosa através do seu laicato, procurava sempre se colocar como protetores da sociedade e únicos responsáveis por sanar todos os males que a atingia.

Dessa forma, através do jornal católico, foram em busca de restabelecer que tipos de comportamentos eram desejados para a população fortalezense e que tipo de práticas eram almejadas como formadoras dessa sociedade. Mostravam que tipos de influências seriam benéficas e maléficas ao espírito católico de nossa sociedade, ao mesmo tempo em que buscavam reconstituir uma suposta ordem social desejada pelo grupo católico, com base nos ideais de hierarquização e no combate às ideias contrárias à Igreja. Assim, o jornal católico em Fortaleza, foi usado como trincheira, pois era através dele que defendiam e atacavam as ideias e personagens que faziam frente ao grupo católicos, além de fazer críticas aos novos costumes e práticas que chegavam à cidade pelo cinema, pela educação e pelo carnaval, que eram vistos como impróprios para a população católica, segundo os princípios estabelecidos pela Arquidiocese de Fortaleza.

Assim, o discurso Católico produzido pelo jornal O Nordeste é carregado de sentidos que eram almejados aos jovens e às famílias na cidade de Fortaleza e de nosso Estado. Esse discurso tentava traçar um imaginário social carregado de simbolismos que ambicionavam criar uma ação comum por parte do público católico da cidade em prol dos costumes e comportamentos que eram exaltados por sua intelectualidade, ao mesmo tempo em que coadunavam com as concepções e valores de mundo desse grupo. Porém, como dissemos, novos valores e práticas se estabeleciam e influenciavam a população da capital

cearense. Por mais que os intelectuais que compunham a Arquidiocese contassem com o jornal *O Nordeste*, este não era suficiente para impedir tais costumes e práticas que já se espalhavam entre a juventude fortalezense, como iremos ver no último capítulo da dissertação. No entanto, as campanhas e manifestações de depreciação a algumas práticas foram constantes pelo grupo católico, com a intenção de impedir ou pelo menos retardar a chegada ou práticas desses novos costumes.

A devastação moral pelo CINEMA está acima de qualquer cálculo. A Encíclica “*Vigilanti Cura*” enumera os males produzidos pelos maus filmes: “são ocasiões de pecado; arrastam a mocidade para o caminho do pecado, pois constituem a glorificação do vício e das paixões; apresentam a vida sob um falso prisma, ofuscam o ideal; destroem o amor puro, o respeito ao casamento, o afeto à família”
Como sucedâneo do teatro nessa missão tétrica de perder as almas, ele o superou de muito tal a sua vulgarização. Tudo quanto se puder fazer para minorar o mal que jorra dessa fonte havemos de tentar com afinco.⁸

A citação retirada do jornal católico nos dá uma visão de como eram feitos os discursos carregados de um simbolismo escatológico, onde “destrói o amor puro”, se “perde as almas” e mostra de forma direta a preocupação com a “mocidade”, ou seja, com os jovens e com a família, ao mesmo tempo em que a Igreja se mostra como a principal entidade responsável por educar e instruir essa população fortalezense no caminho “correto do bem”, longe do pecado e das paixões, símbolos do “mal”, símbolos da desordem e por isso sempre associado aos inimigos da Igreja, principalmente ao comunismo constantemente combatido nas páginas do referido jornal e mostrado como inimigo da instituição. Como podemos observar:

Pactuar com os processos bolchevistas é soltar os ventos que se transformam em tremendas tempestades nos quadrantes do globo.
A civilização christã(sic.), que o marxismo intenta derruir, vem a ser, precisamente, a base angular da fraternidade na terra.
Quanto mais se afastam os governos dos ensinamentos insubstituíveis do Evangelho, mais se precipitam no caos da anarquia(sic.) turbulenta.⁹

Verificamos como foi dito acima as relações estabelecidas com os inimigos da Igreja e como as diretrizes católicas eram fortes e ganhavam espaço no cenário político-social cearense através do jornal católico. Notamos a preocupação em fundamentar o ideal católico como “base angular da fraternidade na terra”. Como se fora do catolicismo não houvesse condições políticas e sociais de haver um desenvolvimento do país, ou uma sociedade que pudesse existir fora desses princípios católicos, segundo o determinado pelo grupo. Não

⁸ *O Nordeste*. Fortaleza, 3 de fevereiro de 1942, p. 4.

⁹ *Blasphemia Social*. *O Nordeste*. Fortaleza, 10 de janeiro de 1938, p. 1.

deixando de ressaltar o mal que poderia ser “pactuar com os processos bolchevistas”, demonstrando como a Arquidiocese vai propagandar o comunismo como um grande mal para a sociedade cearense¹⁰, como se fosse uma antítese dos padrões desejados pelo grupo católico.

É importante não deixar de lado a sua preocupação com o controle sobre essa sociedade, tanto nas ideologias que chegavam a ela como também em suas práticas cotidianas; as informações, as influências a que estavam submetidas e principalmente aos filmes, romances e lugares com que essa sociedade estava em contato, pois segundo a Arquidiocese só assim poderia ser criado um padrão de católico, dotado de uma moral religiosa, com bases na constituição familiar desejada pelo grupo católico e com as influências que o jornal direcionava.

Desta forma, as análises aqui apresentadas buscam compreender as ações da Arquidiocese de Fortaleza composta por um grupo de intelectuais leigos que atuavam diretamente nas páginas do jornal O Nordeste, sobre a sociedade da capital cearense nos anos de 1936 a 1941, tendo como ponto central a atuação desses intelectuais leigos no que diz respeito à família, ao jovem e os embates sociais travados nas páginas do jornal católico defendendo as concepções e valores de mundo que eram desejados por eles para a cidade de Fortaleza. Tinha como principal objetivo atingir os ideais visados por este grupo sobre o restabelecimento de um padrão social, carregado de um sentido moral religioso e hierarquizado para a população da cidade.

Por este motivo e principalmente pelo fato de em nosso estado a intelectualidade católica assumir os postos do poder executivo do Estado, com Menezes Pimentel e em seguida com Raimundo Alencar Araripe no poder executivo da capital cearense, escolhemos o ano de 1936 como sendo o ponto de partida desse trabalho aqui apresentado, pois entendemos que foi neste momento que o grupo católico ganha ainda maior força dentro de nosso território. Aliançando as empreitadas de Dom Manoel da Silva e a atuação da intelectualidade católica presente em nosso Estado, junto com o jornal O Nordeste, que foi usado como ponto de combate desse grupo para reestabelecer padrões e costumes desejados, ao mesmo tempo

¹⁰ O que não é uma exclusividade de nosso Estado. Pois o combate da Igreja ao comunismo é possível ser detectado por todo o país, principalmente neste momento histórico. Para saber mais ver: ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. **O risco das ideias:** intelectuais e a polícia política (1930-1945) / Álvaro Gonçalves Antunes Andreucci. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006. 235p. (História da Repressão e da Resistência, 1); CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e igreja católica no Paraná:** 1926 – 1938 / Névio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010; FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem:** aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 - 1945). São Paulo: Editora HUCITEC, 1998; HENZE, Hans Herbert M. **O centro D. Vital:** Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945). 1995. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

defendiam os pensamentos e ideais católicos diante das novas ideias e influências que chegavam para a sociedade fortalezense.

Finalizamos nosso recorte em 1941, último ano de atuação do primeiro Arcebispo cearense, Dom Manoel, frente à Arquidiocese, sendo substituído por Dom Almeida Lustosa em 1942. Diante de nosso trabalho de pesquisa, percebemos uma diferenciação no modo de proceder e até mesmo na confecção do jornal e dos assuntos abordados. Como nossa pesquisa não se baseia em um estudo comparativo e ao mesmo tempo percebemos essas mudanças nas paginas d'O Nordeste, acreditamos que o ano de 1941 é pertinente ao que temos nos proposto a analisar no decorrer de nosso trabalho.

Assim, justificamos o recorte temporal escolhido, percebendo a necessidade de uma pesquisa a respeito da atuação desses intelectuais católicos através do principal jornal da Arquidiocese, principalmente nesse momento em que a atuação desse grupo chega aos cargos do poder executivo do Estado e da capital cearense, para mostrar a força deles dentro de Fortaleza e como essa conjuntura favoreceu ao grupo católico na tentativa de reestabelecer um padrão comportamental e moral para os jovens e a família fortalezense, através do jornal O Nordeste, tentando, assim, reconstruir uma ordem social diferente da que estava sendo composta no cenário político-social daquele momento que trazia em seu bojo uma série de novas influências e costumes, que se inseriam na sociedade através de grupos e personagens que pensavam de forma distinta da Arquidiocese.

O jornal O Nordeste foi um dos principais meios de divulgação dos ideais visados pelo grupo católico para a sociedade cearense, sendo colocado muitas vezes como porta-voz da Arquidiocese de Fortaleza, também como representante dos católicos na cidade. O jornal era composto por um grupo de intelectuais católicos que costumavam apresentar no periódico propostas para resolver os problemas sociais dos mais diversos. Sempre com um viés religioso forte, se colocavam em seus discursos como defensores da fé, da família e do lar cristão.

Desta maneira, procuramos responder algumas perguntas que foram surgindo ao longo do trabalho e de nossas leituras, como exemplo: quem eram os intelectuais que atuavam de forma mais constante em defesa dos ideais católicos e quem eram os responsáveis pelo jornal O Nordeste em Fortaleza? Quais as estratégias usadas por este grupo para buscar reestabelecer os valores e costumes católicos na cidade? Qual a importância das discussões em torno da educação para o reestabelecimento das concepções de mundo dos intelectuais católicos? Qual a relação entre essas concepções e os embates que alguns desses intelectuais tiveram a respeito da coeducação e dos valores defendidos pela Escola Nova?

Além de buscarmos compreender como a população recebia e se comportava diante desses valores que eram difundidos pela intelectualidade católica da cidade, pois notamos também que existia certo combate a algumas práticas que eram do cotidiano dessa população e que foram combatidas pelo grupo católico, como a educação física, o cinema e o carnaval. Estes três elementos eram combatidos pelas páginas do jornal O Nordeste, apontados muitas vezes como uma afronta às famílias católicas e aos valores católicos. Neste sentido, também tentamos fazer a relação desses combates com os valores que eram difundidos por estes três elementos e as ligações existentes entre essas atividades, os novos costumes e valores que chegavam à sociedade fortalezense e as estratégias católicas no reestabelecimento de suas concepções no seio social da capital cearense.

Lembramos que a Arquidiocese de Fortaleza contava com apoio dos Governos Estadual e Municipal, que tinham fortes ligações com suas bases religiosas. Essa ligação foi muito utilizada e aproveitada nas estratégias da Arquidiocese para divulgar os seus ideais morais e cívicos dentro da sociedade fortalezense. Estratégias¹¹ que ganhavam espaços e fundamentação nas folhas do jornal O Nordeste. Assim, vamos buscar entender as ações dessa intelectualidade católica, a partir das estratégias pensadas, dos discursos construídos e do simbolismo empregado para atingir um propósito do qual aqui nos referimos ao restabelecimento de um padrão de jovem e de família, pautado em questões morais, comportamentais e até mesmo físicas, que buscava concretizar uma determinada ordem social almejada e defendida por essa intelectualidade.

Para realizarmos este trabalho, usamos como fonte em nossas análises o jornal O Nordeste (1936-1941), como já foi comentado no decorrer destas páginas, além de algumas Encíclicas Papais, pois estas foram importantes para podermos refletir as intenções e ordens que vinham do Vaticano e que acabavam repercutindo no território fortalezense, como exemplo a Ação Católica, que foi importante para a atuação da intelectualidade junto às atividades da Arquidiocese. Além disso, atas de reuniões da Liga dos Professores Católicos que era composta pela intelectualidade laica, que atuava também dentro do jornal católico.

Cabe aqui destacar o jornal O Nordeste, pois ele é uma das fontes principais do nosso trabalho, além de ser também objeto de análise nosso. Pois uma vez que compreendemos a ação intelectual católica dentro da sociedade fortalezense e esse grupo se utiliza desse periódico para difundir seus ideais ao mesmo tempo em que usa dele como

¹¹ Vamos entender por estratégia “o calculo das relações de forças que se tornam possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.46.

trincheira de combate contra os ideais contrários aos seus e aos grupos que lhe fazia oposição, não poderia deixar de ficar de fora de nossas análises. Compreendemos, assim, o jornal O Nordeste como fonte e objeto de pesquisa, pois em nossa perspectiva é impossível analisar as ações desses intelectuais católicos de Fortaleza, sem também se debruçar sobre o jornal utilizado por eles como forma de veículo de suas ideias e como ponto de defesa e ataque dos seus ideais. Assim destacamos uma parte de nosso trabalho para olharmos de forma mais atenta para esse periódico.

Usaremos também como fonte outros periódicos da época, como O Estado, Gazeta de Notícias e o Unitário, para cruzar os olhares desses jornais da cidade a respeito dos costumes, valores e práticas que eram defendidos pelos católicos, mas que ganhavam outras concepções diante de outros grupos que disputavam espaço e as visões de mundo dentro de Fortaleza. Com estes documentos, buscamos analisar o viés que partia da Arquidiocese composta por seu laicato com seus objetivos, simbolismos, intenções e estratégias. Na busca por outra visão do período pesquisado fora do olhar católico, nos utilizaremos do jornal O Estado, dessa maneira nos possibilitando ter a visão do Governo¹² e ainda nos municiando de alguns decretos-leis aprovados e registrados no Diário Oficial, do período, no intuito de melhor avaliação dos fatos e assim cruzar o maior número de informações possíveis para a melhor reflexão do momento histórico abordado. Utilizaremos, ainda, os jornais Gazeta de Notícias e Unitário, para, dessa forma, termos uma noção do que acontecia nas opiniões que estavam por fora (pelo menos diretamente) do grupo católico e do círculo do Governo do Estado.

No mesmo viés de um olhar pelo menos diretamente exterior ao católico, usamos fontes de escritores memorialistas que escrevem sobre às décadas de 1930 e 1940, como Marciano Lopes e Blanchard Girão, buscando traços dessa Fortaleza por outros olhares que nos possam mostrar focos alternativos além dos que temos. O Objetivo é possibilitar uma melhor análise de como eram recebidos os discursos, os ideais propagados e as ações da intelectualidade laica católica pela sociedade fortalezense. Por fim, cabe-nos aqui articular as questões que nos motivaram nesta pesquisa, as fontes utilizadas e a estruturação dos capítulos de nossa dissertação. Nesse intuito pensamos em três capítulos nos quais pudéssemos analisar as questões que foram apresentadas e ao mesmo tempo contemplar as questões que envolvem as ações intelectuais, as concepções e visões de mundo desse grupo e os combates feitos por eles em defesa de seus valores.

¹² Estadual e muitas vezes também Federal.

Assim, buscamos em nosso primeiro capítulo trabalhar as questões que envolvem a atuação dessa intelectualidade laica junto à Arquidiocese através do jornal O Nordeste, analisando documentos que nos possibilitaram entender as intenções desse grupo de intelectuais, sua formação e as atividades deles nos diversos setores sociais da cidade, na intenção de restabelecer costumes e comportamentos, com a estratégia de que seus valores alcançassem diversas classes sociais, procurando, através disso, inibir o avanço de novos costumes e comportamentos que chegavam à cidade de Fortaleza. Então, neste primeiro momento também analisaremos como era composto o jornal católico e a Ação Católica em Fortaleza, pois compreendemos que esses dois pontos eram fundamentais para avaliar as atividades desses intelectuais e suas defesas e combates feitos através das páginas do periódico.

No segundo capítulo, nossas análises se voltam para a atenção que foi dada por este grupo católico para os debates em torno da educação formal, um setor que nos anos de 1936 a 1941, tivemos uma disputa intensa sobre qual proposta educacional seria implantada. Entre os pensadores da educação estava a vertente da Escola Nova, que contava com alguns pensadores que estavam dentro do Governo Vargas e buscavam implementar transformações como a coeducação, ao mesmo tempo em que homens e mulheres teriam o mesmo currículo escolar. Essas propostas foram combatidas pelos intelectuais católicos da cidade. Dessa forma, iremos analisar os motivos que levaram esses intelectuais a tal combate, o que estava em jogo além de um plano educacional, pois compreendemos que o âmbito da educação foi um setor estratégico para o restabelecimento dos valores e costumes católicos.

Já no terceiro capítulo, abordaremos os combates feitos pelos intelectuais nas páginas do jornal católico contra a educação física, o cinema e o carnaval. Pontos estes que receberam uma atenção além do comum nas páginas desse jornal e pelos intelectuais católicos. Seria nesses três momentos que os novos valores combatidos por este grupo apareciam com maior visibilidade e mostravam que os costumes católicos, os quais anteriormente poderiam ser considerados padrões dessa sociedade, por este grupo de intelectuais conservadores, estavam mudando e ganhando novos comportamentos que vinham de outros setores não católicos. Isso parece ter incomodado bastante esse grupo e seria justamente nesses três momentos que tínhamos os combates mais intensos e incisivos por parte desses intelectuais aos comportamentos que eram praticados pelos jovens fortalezenses. Assim o uso da família ganha força para tentar impedir o avanço dessas novas práticas e no sentido de reestabelecer os valores católicos que anteriormente eram padrões nessa sociedade.

. Dessa maneira, nossas reflexões vão girar sobre o combate que era feito à “mulher moderna”¹³, ou seja, as personagens que fugiam aos padrões estabelecidos pela Igreja, que não estavam ligadas apenas ao lar e aos filhos, modelo este combatido pelo grupo católico. Além disso, nossas análises tentam também se voltar para as práticas combatidas por este mesmo grupo, pois, segundo ele, seriam prejudiciais à formação moral da família e do jovem fortalezense, como exemplo o cinema e o carnaval, constantemente combatidos nas páginas do jornal O Nordeste.

¹³ Essa expressão é encontrada constantemente nos discursos católicos para se referir ao modelo que estava sendo combatido.

CAPÍTULO 1: Ação Católica: intelectualidade laica e sua relação entre a Igreja Católica e o Estado em Fortaleza.

A Igreja Católica sempre foi uma instituição presente na sociedade brasileira e suas atividades muitas vezes extrapolaram o viés religioso, neste sentido podemos perceber ao longo da história do Brasil a relação da Igreja Católica com os poderes políticos e os desdobramentos que ocorreram dessas relações e como elas influenciaram a história do país e do estado do Ceará.¹⁴ Porém, mesmo com esse rompimento, o grupo eclesial não desapareceu de cena, muito pelo contrário, houve uma reestruturação da Igreja, a qual buscou fortalecer a hierarquização, e a submissão do clero brasileiro às ordens diretas de Roma, com o intuito de um maior controle e reorganização das bases clericais em nosso país por parte da alta hierarquia eclesial, processo esse que ficou conhecido como Romanização.¹⁵

No entanto, esse processo que foi vivenciado pela Igreja Católica nesse momento de transição política e de consolidação do regime republicano de nosso país era o início da reorganização dessa instituição, que teve seu auge nos anos 30 e contou com forte atuação não apenas com clérigos, mas principalmente com as atividades de intelectuais leigos e é justamente para esse segundo grupo que se volta nossa atenção, pois tentando analisar e entender como o desempenho desse grupo de intelectuais foi importante para que as conquistas da Igreja Católica e mais especificamente para as conquistas da Arquidiocese de Fortaleza no período analisado por nós.

Nessa perspectiva analisamos as atividades intelectuais leigas na Arquidiocese de Fortaleza, principalmente o papel de três intelectuais que desempenharam intensa atividade nas ações da Arquidiocese no âmbito social nas atividades desenvolvidas pela imprensa

¹⁴ Pois como seria falar de Canudos, Questão Religiosa, Contestado, além de vários outros assuntos que envolvem nossa história e na qual perpassa o campo do viés religioso e acaba por extrapolar esta fronteira. O que seria falar desses temas mencionados sem discutir as influências da Igreja Católica e suas relações na esfera social, política e muitas vezes ligadas às esferas de poder de nosso país. BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: **O Brasil republicano**, v. 11: economia e cultura (1930-1964) / por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et al.]; introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 798p.: il. – (História geral da civilização brasileira; t. 3; v. 11).

¹⁵ Para saber mais ver: PARENTE, Francisco José Camelo. **A fé e a razão na política**: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. / Francisco José Camelo Parente. – Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000; MIRANDA, Julia. **O poder e a fé**: discurso e prática católicos. Fortaleza, Edições UFC, 1987; MONTENEGRO. João Alfredo de Souza. **O trono e o altar**: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará, 1817 – 1978. Fortaleza, BNB, 1992; BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: **O Brasil republicano**, v. 11: economia e cultura (1930-1964) / por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et al.]; introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 798p.: il. – (História geral da civilização brasileira; t. 3; v. 11). CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e igreja católica no Paraná**: 1926 – 1938 / Névio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

católica do estado, seriam eles: Andrade Furtado, José Valdivino e Luiz Sucupira. Seus trabalhos se voltavam aos diversos setores da sociedade da capital cearense, divulgando os preceitos católicos e tentando formar grupos de atuação dentro dessa sociedade, que pudessem exaltar, nos mais diversos setores, os ideais católicos, baseando-se nas atuações sobre a família, a ordem e os comportamentos que eram desejados por este grupo.

Então a Arquidiocese de Fortaleza e suas atividades realizadas com a ajuda dos intelectuais católicos leigos, foram de suma importância para entendermos esse período dos anos de 1936 à 1941 em Fortaleza, no qual tivemos uma intensa participação desse grupo no cenário político, social e religioso na cidade, mesmo levando em conta que a atividade desse grupo não se iniciou nesses anos. Porém, não podemos deixar de enfatizar como sendo este o ápice da atuação deles na capital cearense.¹⁶

Estes intelectuais não ficaram restritos apenas à atuação religiosa. Eles ocupavam postos estratégicos para propagar os ideais defendidos pela Igreja, ao passo que desempenhavam na cidade de Fortaleza, quer fosse na imprensa, ou em agremiações de cunho católico e noutras instituições que fugiam (pelo menos diretamente) ao espaço religioso defendido por eles, utilizando-se destes locais para divulgarem os seus ideias em torno de uma ordem social embasada de uma forte hierarquização social e da tentativa de propor um modelo comportamental desejado por este grupo à sociedade fortalezense. Eles ainda se utilizavam de seus discursos, que se remetiam à família e à nação para reforçar essas construções sociais pensadas por eles, ao mesmo tempo em que eram inseridas no tecido social da capital cearense.

1.1 – Ação Católica e a intelectualidade laica em Fortaleza.

A Ação Católica brasileira teve grande apoio no Cardeal Dom Leme e no Centro Dom Vital¹⁷ (CDV), este último era o centro irradiador das ideias que direcionavam as

¹⁶ Essa intelectualidade esteve à frente de várias agremiações católicas dentro de Fortaleza, além de ocupar cargos estratégicos no cenário político da cidade e do estado do Ceará, como por exemplo, os cargos de Governador do Estado e Prefeito de Fortaleza, exercidos por Menezes Pimentel e Raimundo Alencar Araripe, respectivamente. Por esses motivos, o ano de 1936 foi escolhido como início de nosso trabalho, pois é nele que temos essas articulações do poder executivo do Estado com a intelectualidade católica de Fortaleza, além de ser neste o ano em que o papa Pio XI aprovou “os Estatutos que dariam origem à Ação Católica Brasileira”.

¹⁷ O Centro Dom Vital ficava localizado na cidade do Rio de Janeiro e contou com apoio de muitos intelectuais, inclusive participantes do Governo de Getúlio Vargas, como o Ministro Gustavo Capanema e o Ministro Waldemar Falcão, respectivamente um mineiro e um cearense. Ver: HENZE. Hans Herbert M. **O centro D. Vital: Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945)**. 1995. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995; RODRIGUES. Cândido Moreira. **A ordem – uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)** / Cândido Moreira Rodrigues. – Belo Horizonte: Autêntica / Fapesp, 2005.

atividades intelectuais leigas no país, lembrando que estas diretrizes tinham o consentimento de D. Leme e de dois personagens leigos que estiveram à frente do CDV, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima.¹⁸

A Ação Católica é adotada no Brasil oficialmente em 1935, vai ter como modelo a Ação Católica italiana e a francesa. Pio XI a definia como sendo “dependente das autoridades eclesiásticas” e que sua finalidade estava centrada na formação de “leigos para exercer atividades complementares às do clero, desenvolvendo” ações em diversos setores da sociedade, como por exemplo, ações políticas, sociais, econômicas e culturais de “transformação da sociedade”, porém seguindo “o Evangelho de Cristo”¹⁹

Mesmo considerando o CDV como o ponto de irradiação dos ideais da Ação Católica no Brasil, que iriam direcionar as atividades da intelectualidade laica em nosso país, não podemos cometer o erro de desprezar a individualidade e o fazer de cada personagem ou de cada grupo envolvido nessas atividades. Em se tratando da cidade de Fortaleza, essa intelectualidade laica tinha um campo de atuação bem variado. Embora fosse parte integrante da Arquidiocese de Fortaleza, atuava também em outras instituições como o Instituto Histórico do Ceará e a Academia Cearense de Letras, entre outras agremiações, inclusive católicas. Mesmo assim, reconhecendo a vasta atuação desse grupo, nos detemos em analisar alguns integrantes que tinham uma maior ligação com o jornal Católico fortalezense O Nordeste.

No entanto, antes de falarmos desses intelectuais especificamente e suas relações com o jornal católico, temos que nos deter em que consistia essa Ação Católica e essa atividade intelectual incentivada pela Igreja Católica tanto em âmbito nacional como em âmbito local. Nesse sentido, acreditamos que estas ações empreendidas pela Igreja por um grupo de leigos têm fortes raízes nos direcionamentos vindos do Vaticano, mesmo levando em conta as especificidades locais e individuais. Pois vejamos:

Antes de tudo vos recomendamos a maior solicitude possível na formação dos que desejam combater nas fileiras da A.C. [Ação Católica]: **a formação religiosa, moral e social indispensável** aos que quiserem exercitar com êxito o apostolado no meio da sociedade moderna. E justamente devido a esta absoluta exigência de formação não se deve começar com vistosas aglomerações, mas lançando mão de grupos, que bem adestrados na teoria e na prática serão o fermento evangélico que fará levantar e transformar-se toda a massa.

¹⁸ Para saber mais ver: HENZE. Hans Herbert M. **O centro D. Vital**: Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945). 1995. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995; FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem**: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 - 1945). São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

¹⁹ RODRIGUES. Cândido Moreira. **A ordem** – uma revista de intelectuais católicos (1934-1945) / Cândido Moreira Rodrigues. – Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005. p. 155.

Não se tenha, pois, como difícil iniciar em cada parochia este trabalho salutar. Dedicando principalmente affectuoso interesse às crianças, cujas cândidas almas podem boamente ser encaminhadas á prática das virtudes christãs, mas chamando também às Associações Catholicas os jovens, promissoras esperanças da Igreja e da Pátria, e os homens que são o fundamento da Família e da Sociedade.²⁰ [Grifo nosso]

Temos aqui uma publicação no jornal O Nordeste, de uma carta do Papa Pio XI, direcionada ao Cardeal Dom Leme, falando a respeito da Ação Católica Brasileira. Inicialmente podemos perceber uma preocupação constante em quase toda essa carta que é o enfoque dado pelo pontífice à formação, pois em suas palavras é recomendado “antes de tudo” uma atenção especial na instrução “dos que desejam combater nas fileiras da A.C.”. Em seguida, outro ponto nos chama atenção nas palavras do Papa, pois, segundo ele, seria necessário abrir mão de “vistosias aglomerações” em prol da “transformação da massa”. E como essa transformação se daria? Justamente com um grupo bem formado tanto “na teoria” quanto “na prática” para atuar junto às camadas populares e junto às massas, tentando controlar e disciplinar essa população através dos ideais que eram defendidos por esse grupo católico.

Elegendo, desta forma, dois pontos de partida, que eram a formação do grupo católico e a transformação comportamental das massas, acreditamos podermos iniciar uma reflexão em torno dos interesses que eram construídos pelos poderes eclesiásticos do país em torno da Ação Católica e da atividade intelectual laica. Seria justamente a AC através das ações dessa intelectualidade laica responsável por difundir, direcionar e levar para a sociedade de uma maneira mais geral os ideais e os valores católicos no que dizia respeito aos modos, ao pensamento e aos inimigos desse grupo. Despertando, assim, um interesse por parte da Igreja Católica principalmente que estas ideias chegassem às camadas mais diversas da sociedade, fortalecendo através dessa ação laica a autoridade eclesiástica e a influência da religião católica sobre o território brasileiro e principalmente sobre as camadas populares.

Então, as pretensões da Arquidiocese de Fortaleza tinham uma transformação comportamental, porém não nos ideais liberais, positivistas, evolucionistas ou socialistas, que questionavam a autoridade da Igreja, mas sim uma transformação baseada nos valores católicos, na qual os intelectuais leigos atuariam na “formação religiosa, moral e social”, com destaque a esta primeira, pois dela partiriam as outras duas formações. Com esse intuito, a Ação Católica com a força da intelectualidade laica buscavam dar as diretrizes para estas transformações desejadas pelo Vaticano e apoiado pelo Cardeal do Rio de Janeiro, os quais

²⁰ Ação Catholica Brasileira. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 de janeiro de 1936, p. 03.

visavam padrões comportamentais dentro dos valores e concepções de mundo católico. Além disso, ainda podemos perceber que esta ordenação não era apenas estabelecida a um grupo de trabalhadores ou qualquer outro grupo específico, mas essa formação se voltava para diversos grupos sociais, incluindo crianças, jovens e com enfoque principal sobre a figura masculina, pois, segundo o pontífice, seria este último o principal responsável pela família e pela sociedade, dando, assim, um olhar privilegiado sobre a figura masculina na sociedade que era pensada pela visão religiosa.

Diante dessa visão para estes diversos grupos sociais, a preocupação do Papa com a instrução desses grupos e das pessoas que atuavam na AC ainda era ressaltada:

Afim de que o clero secular, os religiosos de ambos os sexos e os leigos se tornem sempre mais idôneos à A.C. julgamos de sumo proveito que se institua como em alguns lugares é costume, dias e semanas de estudo e oração.

Nestas reuniões, quer nacionais, quer diocesanas ou parochiaes, por meio de pios exercícios, meditação das cousas divinas, e, conforme o tempo de que se dispuser e a praxe, ligações ou conferencias de peritos em questões sociaes e de A. C., sejam os congressistas excitados ao apostolado e seriamente imbuídos da genuína doutrina da Igreja.

É conveniente que se dediquem estas reuniões de A. C. em separado a jovens, estudantes, homens ou senhoras catholicas, operários, ou de profissões liberaes, como por exemplo, advogados, médicos, comerciantes, industriaes, etc., como também padres, religiosos e religiosas, educadores, professoras, etc., afim de se tratarem argumentos especializados que, relacionando-se com a Igreja e o apostolado da A. C., maiormente interessem a cada categoria ou classe.²¹ [Grifo nosso]

Como notamos, as investidas eclesiásticas para a instrução e o rigor que era desejado pelo papa eram fortes, além disso, podemos destacar que essas informações não deveriam ficar no campo das ideias ou da pura teoria, pois, segundo Pio XI, era necessário que os participantes fossem “excitados ao apostolado”. Depois ainda podemos ver as intenções de que se realizem em períodos pré-estabelecidos de estudos e orações para os participantes dessa A.C. No entanto, estes estudos deveriam ser ministrados por pessoas “seriamente imbuídos da genuína doutrina da Igreja”, ou seja, pessoas da confiança eclesiástica que estavam diretamente ligadas aos poderes eclesiásticos. A formação era conduzida pela intelectualidade, que era um agente e uma forma de tentar incutir nos participantes os seus valores e suas visões de mundo, por tais motivos eles eram umas das principais figuras nessas atividades de formação e de transformação de mundo, pois seriam eles o grupo seletivo de formação supostamente ligado à doutrina católica e da confiança eclesiástica, os responsáveis por mediar essa formação e os valores católicos para os diversos grupos sociais e para as diversas entidades de atuação da AC.

²¹ Ação Catholica Brasileira. op. cit p. 03.

Outro ponto que podemos refletir nesta citação é a parte que grifamos, pois ela traz um direcionamento específico para cada grupo que participava dessa formação, tentando, assim, segundo o pontífice, alcançar e aguçar o interesse de cada um destes grupos para a formação que estava sendo ministrada. Essa ação representava parte da estratégia da Igreja que partia de uma visão de sociedade corporativista e hierarquizada. Com isso ela desejava controlar os comportamentos sociais vigentes e disciplinar os diversos setores da sociedade. No entanto, poderíamos nos perguntar: essas ações não traziam uma dispersão dos ideais da Igreja? Ou será que o fato dessa ideia corporativista, que se voltava a uma formação específica para cada setor social, não criava um espaço de manobra que pudesse em alguns momentos escapar à formação desejada pela elite eclesiástica às massas e à intelectualidade?

O que conseguimos analisar é que na maioria das vezes não, visto que a AC não era fundamentada nem era pensada apenas pelo viés da especificidade de cada grupo, pois existia outra base bem mais ampla, a qual não permitia que essas manobras ou descentralizações ocorressem, era a hierarquização e a ideia educativa de formação que se complementavam no controle e nas ações católicas. Diante desses dois patamares que eram a organização (hierarquizada) e a formação se fundamentava a AC. Porém, isso não significava que todas as ações destes intelectuais católicos fossem sempre de acordo com a hierarquia eclesiástica, pois, como veremos mais adiante em nossa pesquisa, em alguns momentos podemos perceber ideias e ações que em alguns instantes eram contrárias ao ideal católico, para mostrar que esse grupo de atuação católica não era homogêneo e tinha sua autonomia nas decisões, mesmo sendo supervisionado por alguns eclesiásticos e sob uma formação prestada a eles de acordo com os valores católicos.

Diante do destaque que é colocado o intelectual na Ação Católica, temos que refletir a respeito do papel desse intelectual e na sua orientação diante da sociedade que ele compõe nesse período. Assim, Ângela de Castro Gomes e Monica Pimenta Velloso em trabalhos realizados sobre a intelectualidade nos anos de 1930 e 1940²², ressaltam o papel desse grupo nas diretrizes que eram tomadas no Estado e a influência desse grupo nessas direções, assumindo, assim, a intelectualidade, não apenas atividades relacionadas ao pensar a sociedade, mas também relacionadas às ações nessa sociedade, mesmo as duas autoras tendo analisado a atuação desse grupo no que dizia respeito ao Estado Vargas, elas não

²² GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: intelectuais e construção do mito Vargas. In: **O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo** / organizadores, Antônio Costa Pinto, Francisco Palomanes Martinho. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo** / Mônica Pimenta Velloso. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

desprezam em suas análises o papel e influência do grupo intelectual católico, que foi atuante e tão influente quanto as outras correntes de pensamentos que disputavam espaço naquele período.

Nesse sentido, ressaltamos também como esses intelectuais concebiam a sociedade, pois “imbuídos de vocação messiânica, senso de missão ou dever social” compreendiam “a sociedade civil como corpo conflituoso, indefeso e fragmentado”. Essa visão sobre a sociedade civil e sobre o seu próprio papel nela, colocava esse grupo em um lugar privilegiado, pois seriam eles o “cérebro”, a cabeça pensante capaz de coordenar e por em funcionamento esse “organismo social”.²³ O intelectual assumia, dessa forma, a atribuição de consciência iluminada e capaz de trilhar os caminhos salutareis para os problemas vividos pela sociedade do período. Porém, esse grupo não era homogêneo e tinha propostas diversas de organização: política, econômica, jurídica e religiosa. Por esta diversidade e por projetos distintos de sociedade é que veremos os embates que foram traçados pelo grupo intelectual católico.

No entanto, temos que levar em consideração a importância e o papel de destaque desses intelectuais leigos junto às ações da IC em nosso país e mais especificamente no estado do Ceará, sendo alguns desses personagens peças fundamentais no projeto da Igreja junto às massas, como exemplo Andrade Furtado, redator chefe do jornal católico no estado.

Pensando a respeito da hierarquia que estávamos discutindo, podemos observar:

Queira Deus fecundar as fadigas que tu, Nosso Dilecto Filho [Dom Leme], e que todos os teus Irmãos no Episcopado, docilmente seguidos pelo clero e pelas figuras mais preeminentes do laicato, dependeis para estabelecer em toda parte o poderoso instrumento da A. C. pela regeneração christã da sociedade, de modo que, quanto antes, em todas as dioceses, se formem esses batalhões de valorosos soldados na decidida defesa dos interesses da Igreja e de Deus, e para espalhar em todos os recantos aquelle “sensos Christi” que é penhor e **garantia de prosperidade aos indivíduos, às famílias e á mesma sociedade civil.**²⁴

Assim, refletimos sobre o que estávamos dizendo anteriormente, analisando as palavras do Papa, que fala aos católicos de forma hierarquizada, seguindo do cargo de maior importância para os de menor importância, segundo a instituição religiosa, indo do Cardeal Dom Leme para o episcopado, o clero e por fim os leigos. Entendemos que o pontífice está fazendo apenas uma menção a estas figuras, mas não podemos desprezar a ordem que é mencionada em cada personagem pelo Papa, pois simbolicamente reflete a hierarquização

²³ Ibid. p. 03.

²⁴ Acção Catholica Brasileira. op. cit p. 03.

pregada pela Igreja e que faz parte de seus valores na ordem social a qual ela desejava instituir.

Visto isso, podemos elencar junto com a reflexão que estava sendo feita a respeito dos dois pilares que regem a do grupo católico, na qual hierarquização e direcionamento específico fundamentam quatro preceitos básicos da A.C.: “a estrutura, o recrutamento, a formação e a prática”²⁵. Esses fundamentos serão chave para podermos entender e analisar as atividades intelectuais na cidade de Fortaleza e as intenções da Arquidiocese em sua relação com a Ação Católica e o Estado.²⁶

Dessa maneira, podemos analisar como as intenções da Arquidiocese e de sua intelectualidade laica se direcionavam para o social e como seus discursos se voltavam para uma ação educadora que desejava construir valores e comportamentos sociais, segundo a visão católica, baseada pela “formação religiosa, moral e social” que se converteria em uma “prosperidade aos indivíduos, às famílias e a mesma sociedade civil”.

Segundo Bourdieu:

[...] as lutas que têm lugar no campo intelectual têm o poder simbólico como coisa em jogo, quer dizer, o que nelas está em jogo é o poder sobre o uso particular de uma categoria particular de sinais e, deste modo, sobre a visão e o sentido do mundo natural e social.²⁷

Assim compreendemos o campo intelectual definido por Bourdieu como um campo de disputa e de visões distintas, no qual o grupo intelectual católico buscava seu espaço com o desejo de estabelecer suas “categorias particulares de sinais”, na qual estava ameaçado por visões e sentidos de mundo diferentes do seu. Por este motivo as ações desses intelectuais católicos estavam direcionadas a formação e a ação educadora da sociedade civil, pois através dessas atividades e poder simbólico utilizador por este grupo procuravam mediar e difundir seus valores e concepções de mundo.

Esse era o desejo e os valores que eram divulgados pelo grupo de intelectuais católicos, porém não nasce na década de 1930, era anterior, e foi exaltada por Pio XI em sua encíclica *Quadragesimo Anno*. Esse líder eclesiástico, que muitas vezes foi intitulado como o “Papa da Ação Católica”, tentou criar grupos, investindo em sua formação no princípio do

²⁵ FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem**: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 - 1945). São Paulo: Editora HUCITEC, 1998. p.52.

²⁶ Porém, vale aqui esclarecer um ponto, o fato dessa hierarquização católica ser um fator presente tanto para clérigos como para leigos, não significa que ela se deu de forma engessada e que estes personagens não pudessem fugir a ela, então por mais que neste primeiro momento não reflitamos sobre esta questão, queremos esclarecer que não podemos entendê-la dessa forma, pois estes personagens tinham autonomia para suas realizações e poderiam em alguns momentos transparecer a heterogeneidade desses grupos.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Editora: Difusão Editorial. 1989. p.72

catolicismo, que atuassem junto com a Igreja Católica em prol de um determinado sentido de mundo estabelecido pelo Vaticano. A Encíclica *Quadragesimo Anno* nos permite perceber essa estratégia:

Foi assim que à luz e sob o impulso da encíclica de Leão XIII nasceu uma verdadeira ciência social católica, cultivada e enriquecida continuamente pela indefessa aplicação d'aquêles varões escolhidos, que chamámos cooperadores da Igreja. Nem eles a deixam escondida na sombra de simples discussões eruditas, mas expõem-na à luz do sol em públicas palestras, como o demonstram exuberantemente os cursos, tão úteis e tão frequentados, instituídos nas universidades católicas, academias e seminários, os congressos ou « semanas sociais » celebrados frequentemente e com grande fruto, os círculos de estudos, os escritos repletos de oportuna e sã doutrina, por toda a parte e por todos os modos divulgados.[...] **Assim se iam divulgando cada vez mais à luz das investigações científicas os preceitos de Leão XIII**; ao mesmo tempo passava-se à sua aplicação prática. E primeiramente com actividade e benevolência fizeram-se todos os esforços para elevar aquela classe, que os recentes progressos da indústria tinham aumentado desmedidamente sem lhe darem na sociedade o lugar que lhe competia, e que por isso jazia em quase completa desconsideração e abandono : falamos dos operários., a cuja cultura zelosos sacerdotes de um e outro clero, apesar de sobrecarregados com outros cuidados pastorais, se aplicaram desde logo, sob a guia dos respectivos Prelados e com grande fruto d'aquelas almas. Este trabalho constante vara embeber de espírito cristão as almas dos operários contribuiu também muitíssimo para lhes dar a verdadeira consciência da própria dignidade, e para habilitá-los, pela compreensão clara dos direitos e deveres da sua classe, a progredir honrada e felizmente no campo social e económico, a ponto de servirem de guias aos outros.²⁸
[Grifo nosso]

A carta papal supracitada foi lançada em 1931 com o intuito de comemorar os 40 anos da Encíclica *Rerum Novarum*, escrita por Leão XIII. Acreditamos que este ato do pontífice expressa as várias intenções: primeiro prepara a sociedade para o momento de crise que se vivia, ainda como resquício de 1929; outro, perceptível nas palavras de Pio XI em relação à encíclica leonina, como sendo dela o surgimento de uma suposta “ciência social católica”. Devemos considerar que a atenção que a *Rerum Novarum* voltava às questões sociais é inegável, porém precisamos questionar quais os interesses da Igreja em se voltar para esse social. Comemorar o aniversário de quarenta anos da encíclica leonina lançando uma carta papal que relembra e que procura exaltar esse suposto olhar para as camadas populares num período de crise que o mundo ocidental estava vivendo, não pode ser considerado uma simples atitude de comemoração ou sem propósitos para as bases de ação da Igreja Católica. O fato de estar comemorando o aniversário da encíclica leonina, já nos traz uma informação importante, pois isso significava um destaque para este documento, que, segundo o grupo católico, teria lançado as bases da ação social da Igreja. Neste momento, então, teríamos essa

28

PIO XI. **Quadragesimo Anno.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

ação social sendo intensificada pela atuação da intelectualidade laica na Ação Católica. Nesse sentido, comemorar a Rerum Novarum era simbólico e mostrava onde deveria ser a atuação dessa intelectualidade católica que estava sendo formada.

Além dos pontos analisados acima, pode ser destacado também a demarcação do público que o Vaticano desejava que fossem efetivadas as atividades do grupo intelectual, pois como bem mencionado existe uma preocupação com os operários, pois é justamente através destes que muitas vezes visões e sentidos de mundo contrários ao da Igreja cresciam, como exemplo o comunismo. Diante disso, o campo intelectual passa a ser uma preocupação e uma demarcação para aquele grupo, pois os sentidos e concepções de mundo que deveriam fundamentar diante daquele grupo seria o católico, com todas as suas categorias particulares de sinais, carregados de um simbolismo que dava sentido às visões de mundo desse grupo, sendo organizado a partir da ordem e da desmobilização social.

Vejamos por exemplo no segundo parágrafo da citação, onde ela inicia falando da divulgação dos preceitos de Leão XIII, porém esses preceitos estavam “cada vez mais sob a luz das investigações científicas”. Esse final é bastante significativo para o momento que analisamos, pois, como já dissemos, o crescimento e fortalecimento das ideias positivistas, cientificistas e comunistas cresceram em oposição aos valores católicos e nesta frase escrita pelo pontífice, podemos ver a tentativa de conciliar os preceitos católicos às concepções científicas, ou pelo menos aliar razão e fé aos ideais católicos, pelo que nos parece procurando legitimar os signos e as concepções de mundo que eram estabelecidas pela ordem papal.

Assim como na carta a respeito da Ação Católica Brasileira, a preocupação com a formação e divulgação dos ideais católicos ainda é uma constante para o pontífice quando ele faz referência aos cursos que deveriam ser realizados em diversos lugares. No entanto, outra preocupação chama nossa atenção, no caso o cuidado que o Papa dedicou aos operários. Como dissemos, não era uma preocupação que teve seu início nesse período. Leão XIII já havia tecido considerações em sua encíclica sobre este grupo, mas agora existia novamente esta necessidade e por esse motivo Pio XI não dispensou dedicar algumas linhas para tal segmento da sociedade (os operários), pois o avanço do comunismo era crescente e criticava tanto a autoridade eclesiástica, como, no momento de crise, colocou em questionamento o próprio sistema capitalista e o liberalismo econômico.

Por isso, o Vaticano volta sua atenção a esse grupo social e procura implantar os círculos operários, os quais buscavam controlar as informações e influências que chegavam a

essa classe.²⁹ Dessa maneira, podemos notar quais eram alguns dos pensamentos combatidos pela Igreja Católica, e visto como sendo “prejudiciais” aos grupos sociais nos quais ela se colocava como protetora e única responsável pela formação moral e social. Justamente nesse sentido de tutela, de formação e de reordenação comportamental é que agiram os intelectuais católicos leigos juntos com a Arquidiocese de Fortaleza, da qual eles faziam parte.

Entendamos aqui antes de seguir em nossas análises as estratégias de atuação desses intelectuais para fundamentar e divulgar os preceitos da instituição religiosa com as suas concepções de mundo e valores culturais. Contudo, antes acreditamos ser necessário definir melhor o que estamos chamando de estratégia.

[A estratégia seria] [...] o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios.³⁰

Segundo Michel de Certeau, a estratégia teria um lugar próprio, um ambiente no qual ela seria pensada e colocada em prática para atingir um determinado grupo exterior a este ambiente. Dessa forma, entendemos as estratégias da Arquidiocese para alcançar os seus valores culturais difundidos na capital cearense, visto que ela buscava através de artifícios pensados e articulados por uma elite intelectual que se utilizava de uma intensa atividade junto às associações e imprensa católica, colocando em prática as ideias e valores defendidos por este grupo para a construção de padrões comportamentais nos quais as concepções sociais, culturais e políticas estariam de acordo com os valores do mundo católico, dando-lhe na mesma proporção autoridade sobre essa sociedade. Para isso, os intelectuais seriam os mediadores e propagadores dessa formação social desejada pelo Vaticano nos diversos setores da sociedade, sempre pautados pelos preceitos cristãos de moralidade e de obediência hierárquica.

Esse trabalho da Ação Católica e o que era esperado pela Igreja de sua atuação no meio social, pode ser visto abaixo:

²⁹ Para saber mais sobre os círculos operários e as relações da Igreja Católica com os pensamentos comunistas nesse período ver: SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará**: “instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915 -1963) / Jovelina Silva Santos. – Fortaleza, 2007. 242p.; FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem**: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 - 1945). São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

³⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. pp. 99 e 102.

Nós cremos, que para conseguir este outro intento nobilíssimo, com benefício geral verdadeiro e duradouro, é necessária antes de tudo e sobre tudo a bênção de Deus e depois a colaboração de todas as boas vontades. Creamos também e por necessária consequência, que o mesmo intento se conseguirá tanto mais seguramente, quanto maior for a contribuição das competências técnicas, profissionais e sociais, e mais ainda da doutrina e prática dos princípios católicos por parte, não da Acção Católica (que não pretende desenvolver atividade meramente sindical ou política), mas por parte d'aqueles Nossos filhos a quem a Acção Católica admiravelmente forma naqueles princípios e no seu apostolado sob a guia e magistério da Igreja; da Igreja, que mesmo no terreno supra acenado, como em qualquer outro onde se agitem e regulem questões morais, **não pode esquecer ou descuidar o mandato de guardar e ensinar, que lhe foi divinamente conferido.**

Tudo o que temos ensinado acerca da restauração e aperfeiçoamento da ordem social, de modo nenhum poderá realizar-se sem a reforma dos costumes, como até a mesma história eloquentemente demonstra.³¹ [Grifo nosso]

Como observado, a Ação Católica não foi pensada como um campo simplesmente político ou sindical, muito pelo contrário, ela se pretende formadora no seu apostolado e no qual teria como “guia e magistério” a Igreja Católica, reforçando mais uma vez o caráter hierárquico que era estabelecido pela ação pedagógica exercida pelos intelectuais católicos, ao mesmo tempo em que legitima a ação destes. Porém, como também foi possível refletir, esse trabalho necessitava da “colaboração de todas as boas vontades”, ou seja, leigos e principalmente quem pudesse contribuir com esse princípio de formação desejada pela Igreja. Neste sentido, eles poderiam participar com suas “competências técnicas, profissionais e sociais, e mais ainda” na “doutrina e prática dos princípios católicos”, sendo justamente nestas competências que se inseriam estes intelectuais que atuaram com a Igreja Católica tanto no Brasil e no caso da nossa pesquisa, atuando de forma conjunta com a Arquidiocese de Fortaleza.

Além dessas questões, ainda podemos analisar o sentido que é constantemente colocado pela atividade católica como sendo à “reforma dos costumes” o único caminho para reestabelecer a ordem no momento de crise que era vivido pelo mundo. Outro ponto importante nessa citação foi a referência à “restauração e aperfeiçoamento da ordem social”, pois a própria encíclica foi direcionada para isso, o que nos parece ser um indício a respeito da luta católica no campo intelectual para restaurar determinados valores, comportamentos e uma cultura símbolo do grupo católico, que, pelo que conseguimos perceber, estava sendo questionada e perdia espaço em nosso país, o que explicava as constantes preocupações e ações desse grupo por restaurar comportamentos e valores culturais que haviam e estavam

³¹ PIO XI. **Quadragesimo Anno.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

sendo perdidos por aquela sociedade, segundo esse grupo e que, mais que restaurar, deveriam também ser aperfeiçoados e passados adiante, pois como afirma o sumo pontífice católico, o seu público deveria “guardar e ensinar” o “que lhe foi divinamente conferido”, compreendendo o poder simbólico das palavras do pontífice e das atividades intelectuais desenvolvidas na Ação Católica.

Assim temos simbolicamente os valores católicos sendo postos, segundo o Papa, como os únicos responsáveis por sanar o mal que atingia a sociedade e só cabendo a este grupo esse dever. Conforme as palavras do pontífice, era dever da Igreja e dos seus intelectuais (uma vez que eles também são formadores e mediadores) proteger e guardar a população dos males que afligiam a sociedade. Percebamos que este suposto direito “natural” da Igreja Católica, e conseqüentemente de sua intelectualidade que a integrava, foi conferido ao grupo, segundo a carta papal, divinamente, o que lhe atribuía um caráter dogmático, inquestionável, pois “Deus” havia lhe conferido este direito, um ser transcendente que só o sumo pontífice o representava.

Portanto, se apenas o papa poderia falar em nome de “Deus”, conseqüentemente, podemos entender os motivos que levam o líder católico a fundamentar que só esta instituição seria responsável por proteger e ensinar tudo que estaria ligado tanto ao aperfeiçoamento da ordem social, como também na formação dos costumes morais e sociais. No entanto, as intenções estavam para além da representação divina ou não, pois para a hierarquia eclesiástica era necessário realmente “proteger” os católicos, porém não dos males como fundamenta a Igreja, mas sim das ideias que cresciam contrárias aos preceitos católicos de ordem social e até mesmo que questionavam a autoridade papal, como já foi mencionado aqui.

Então com esses pensamentos e com estas intenções foi instituída a Ação Católica em nosso país e no mundo católico, porém, como já alertamos, esses preceitos que vinham do Vaticano não podem ser entendidos de forma engessada, uma vez que cada personagem tem sua autonomia e seu lugar social, fazendo, assim, com que em cada local ela se desse de acordo com a especificidade dos grupos que estavam envolvidos em pôr em prática a Ação Católica e atuação da intelectualidade laica católica.

Tivemos no Rio de Janeiro como vetor desse processo o Centro Dom Vital, que tinha Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima à frente, junto com seu jornal A Ordem, principal veículo propagador dos ideais desse Centro. Contavam com o apoio de um

conselheiro eclesiástico, o padre Leonel França, e recebiam o apoio e consentimento de seu funcionamento pelo Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme.³²

Entretanto, no Ceará e mais especificamente em Fortaleza, percebemos o trabalho dessa intelectualidade católica em diversos grupos ligados à Arquidiocese de Fortaleza, como a União dos Moços Católicos (UMC), a Liga Eleitoral Católica (LEC), o Crédito Popular São José, as Sociedades Vicentinas e o próprio jornal católico O Nordeste.³³ Mesmo essas agremiações tendo sido fundadas antes da Ação Católica Brasileira, elas nos mostram uma intensa atividade social desse laicato em Fortaleza e os locais nos quais eles estavam inseridos e atuando junto à Arquidiocese da cidade.

No entanto, cabe-nos debater sobre a visão de alguns autores que contribuíram com o debate a respeito do tema. As reflexões de Josênio Parente³⁴, de Júlia Miranda³⁵ e de João Alfredo Montenegro³⁶ nos trazem um panorama em relação às questões relacionadas à Arquidiocese de Fortaleza e seu processo de Romanização e o momento político-social vivido por esta entidade nas décadas de 1930 e de 1940, porém deixam transparecer que as ações de Dom Manuel da Silva, o primeiro Arcebispo de Fortaleza, eram quase que onipresentes. Pois nos parece muitas vezes que todas as agremiações católicas foram criadas única e exclusivamente por ele, desprezando, assim, o papel da AC e dos leigos nesse processo, principalmente dos intelectuais, pois seriam estes os principais responsáveis por gerir esses grupos, além de instruir e intermediar os preceitos religiosos em torno da ordem social para os outros integrantes dessas agremiações.

Visto que existia uma relação entre as atividades dos intelectuais leigos em conjunto com a Arquidiocese de Fortaleza, não apenas em suas ações, mas principalmente nas diretrizes, no pensamento e na sua composição, vamos nos deter no próximo tópico a falar sobre essa relação das atividades intelectuais no meio social da capital cearense e sua interação com os pensamentos e atividades católicas dentro do cenário sociocultural de Fortaleza.

³² HENZE. Hans Herbert M. **O centro D. Vital**: Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945). 1995. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995. p. 68.

³³ No decorrer de nossa pesquisa voltaremos a essas agremiações e mostraremos as relações delas com os intelectuais leigos e em que ponto elas se articulavam dentro da AC.

³⁴ PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **A fé e a razão na política**: conservadorismo e modernidade das elites cearenses. / Francisco Josênio Camelo Parente. – Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.

Id. **Anauê**: os camisas verdes no poder. / Josênio C. Parente. – Fortaleza: EUFC, 1999.

³⁵ MIRANDA, Julia. **O poder e a fé**: discurso e prática católicos. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

³⁶ MONTENEGRO. João Alfredo de Souza. **O trono e o altar**: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará, 1817 – 1978. Fortaleza, BNB, 1992.

1.2 – Intelectualidade laica: uma forte base de atuação da Arquidiocese.

A Igreja Católica a nível nacional intensificava sua busca de nos leigos encontrar uma nova base de atuação, na qual fosse possível formar um grupo de intelectuais católicos que fundamentasse, propagasse e atuasse de acordo com os valores estabelecidos pela Igreja, combatendo, assim, aspirações contrárias a ela, que cresciam cada vez mais no cenário político brasileiro.

Nesse sentido, Dom Sebastião Leme já fez referência a esse cenário na sua Carta Pastoral de 1916:

Parte Dom Leme da constatação corrente de que os católicos são uma maioria no país, mas pergunta-se: “Que maioria *católica* é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústrias, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do Catolicismo? (...) Obliterados em nossa consciência os deveres religiosos e sociais, chegamos ao absurdo de formarmos *uma grande força nacional, mas uma força que não atua e não influi, uma força inerte. Somos, pois, uma maioria ineficiente*”.

A causa dessa ineficiência é a ignorância religiosa, tanto dos intelectuais como dos simples, e a falta de ação social católica.³⁷ [grifo do autor]

O bispo de Olinda e Recife tenta mostrar a força da Igreja Católica diante do atual regime político do país, definindo os católicos como sendo então “maioria no país”. Junto a isto, outro ponto nos chama mais ainda a atenção nas palavras do bispo, pois apesar de fazer essa referência ao catolicismo como a maioria da população do país, ele se mostra incomodado com a falta de atuação desse grupo nas ações em favor das obras e das ideias da Igreja e é incisivo quando busca as causas dessa suposta ineficiência católica no Brasil. Dessa forma, aponta para a “ignorância” tanto dos intelectuais, como da população mais simples e ainda ressalta “a falta de ação social da Igreja”. Em um tom de convocação e de militância, Dom Leme incita os párocos brasileiros a uma melhor formação da intelectualidade católica e da população, sendo essa prática um dos princípios da Ação Católica.

Pensando na melhor formação dessa intelectualidade e da população, Dom Leme, em 1921 (nesse período já sendo arcebispo adjunto do Rio de Janeiro), cria a revista a Ordem, liderada por Jackson Figueiredo (intelectual leigo a serviço da Igreja) e no ano seguinte cria o Centro Dom Vital, que seria uma espécie de centro divulgador dos ideais católicos e das

³⁷ BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: **O Brasil republicano**, v. 11: economia e cultura (1930-1964) / por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et al.]; introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 798p.: il. – (História geral da civilização brasileira; t. 3; v. 11). p.348.

diretrizes para a atuação do episcopado brasileiro. Reflexo das questões já apontadas quando ainda era o bispo de Olinda e Recife, no ano de 1916, agora influencia e mostra a preocupação desse líder católico com a Ação Católica. Era a formação de uma intelectualidade que pudesse atuar em prol da Igreja, como mediadores, administradores e divulgadores dos valores culturais e dos pensamentos católicos, junto aos diversos setores sociais, sempre sem romper a ordem e a hierárquica que eram valores base do ideal católico.

Portanto, tal pensamento não vinha diretamente do Arcebispo adjunto do Rio de Janeiro, mas sim era uma diretriz vinda de Roma, simbolizando a consolidação do processo de romanização que foi visto anteriormente. De acordo com R. Dias:

Pio X definiu a Ação Católica pautada pelo combate ao laicismo, incentivando a participação dos leigos, e na reação contra o individualismo, propondo a subordinação à hierarquia. Enquanto esta definição apontava os inimigos, uma outra formulada por Pio XI indicava o resultado almejado: a instauração do catolicismo na vida e na sociedade. Para isso, seria necessário o envolvimento de “seculares no apostolado hierárquico”, que seriam imprescindíveis para trazer de novo os povos descristianizados às suas remotas tradições cristãs; para reconquistar o coração dos indiferentes; para combater o laicismo político-social que separou da religião todas as instituições públicas do Estado moderno.³⁸

Assim, entendemos como se dava a Ação Católica e como ela vai ser implantada pelo episcopado brasileiro, no sentido de agir contra as ideias anticlericais que cresciam com o Estado laico e baseada na atuação dessa intelectualidade católica laica no combate ao “laicismo político-social”, para buscar dessa forma uma participação nas esferas públicas do Estado, e consequentemente nos meios sociais, consolidando e intensificando os valores culturais e a concepção de mundo desses intelectuais católicos.

Como já foi dito, em 1922, Dom Leme criou o Centro Dom Vital, responsável por ser um centro difusor de informações a respeito dos ideais católicos e dos parâmetros que deveriam ser seguidos pelos bispos brasileiros. No Paraná:

A Ação Católica da Igreja no Paraná começou a se definir a partir dos anos 1920, quando o clero juntamente com intelectuais ligados à Igreja Católica organizaram várias instituições de divulgação e de estudo da doutrina católica. Até então, a Igreja Católica tratou de criar um clero combatente e militante conforme determinava a orientação do ultramontanismo. A organização do grupo católico começou a se definir a partir de 1926 com a criação da UMCC e com o desenvolvimento da imprensa católica dirigida pelos leigos.³⁹

³⁸ DIAS, R. Apud: CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e igreja católica no Paraná: 1926 – 1938** / Névio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. pp. 57-58.

³⁹ CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e igreja católica no Paraná: 1926 – 1938** / Névio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. p. 57.

Como pode ser observado, a Ação Católica em nosso país se inicia na década de 1920, com forte atuação do arcebispo adjunto do Rio. No Paraná, chega a ser realizada efetivamente no final da década de 1920. Na capital cearense tivemos um processo ao nosso ver que antecipou essa atividade intelectual atrelada aos setores católicos da cidade.

Desse modo, a atuação do primeiro Arcebispo do Ceará, Dom Manuel da Silva, mesmo sem ser nosso objeto, deve ser levado em conta. Pois sua atuação no cenário intelectual fortalezense conseguiu reunir estes integrantes em torno do seu arcebispado, formando assim um grupo de intelectuais que se resignavam em prol das ações da Arquidiocese e pelo que nos consta possuiriam uma determinada liberdade, compondo uma das bases do pensamento, da administração e na divulgação dos valores exaltados pela Arquidiocese, ou seja, esses intelectuais que se aglutinaram junto ao referido arcebispo, faziam parte ao mesmo tempo que eram parte da Arquidiocese, junto a outros integrantes eclesiásticos.⁴⁰

Dom Manuel, em 1913, começava sua atuação na formação de uma intelectualidade laica para participar de forma efetiva nas ações da Arquidiocese de Fortaleza. Nessa tentativa, ele cria o Círculo Católico de Fortaleza, que congregou um seletivo grupo de intelectuais e, mesmo com o fim dessa agremiação em 1922, estes intelectuais continuaram suas ações junto à Arquidiocese de Fortaleza. Como exemplo: Andrade Furtado, Menezes Pimentel, Raimundo Alencar Araripe e o próprio Barão de Studart. Figuras que estiveram em constante atuação nas décadas de 1930 e 1940 na cidade de Fortaleza.

Não pretendemos aqui buscar as origens da Ação Católica em nosso país, mas perceber como o arcebispo de Fortaleza estava em sintonia com as diretrizes que eram estabelecidas de Roma ao episcopado brasileiro, além de dar ênfase ao seu cuidado e ao seu papel de administrador eclesiástico, no qual conseguiu constituir de forma precoce uma base de atuação entre a Igreja e os intelectuais leigos, o que acabou por render uma participação de forma singular no cenário político cearense. Não temos informações suficientes para afirmar se o Centro Dom Vital foi influenciado pelo Círculo Católico ou até mesmo pela figura de Dom Manuel. Porém, não podemos negar que este último quando criou o Círculo Católico de Fortaleza, em 1913⁴¹, conseguiu congrega um grupo de intelectuais leigos que se destacariam nas décadas de 30 e 40 tanto à frente do poder político da cidade como também à frente de

⁴⁰ Como, por exemplo, os Assistentes Eclesiásticos do Arcebispo, integrantes também da Arquidiocese, de suas ações e de seus pensamentos.

⁴¹ PARENTE, Francisco José Camelo. Op. cit. 2000. p. 48.

grupos de orientação católica, que agiam estrategicamente na formação e no controle social da população católica de Fortaleza.

Tomamos o devido cuidado em nossas afirmações ao procurar perceber os limites que nossa análise nos impõe, pois mesmo diante dessas limitações momentâneas, a atuação da intelectualidade católica junto com a Arquidiocese de Fortaleza no cenário político e social da cidade não pode ser desprezada, visto que o caráter articulista e estratégico desse grupo caracterizam a atuação conjunta de tais personagens nesse momento histórico estudado. Mostramos, com isso, como essa intelectualidade leiga ganhou destaque em suas atividades ligadas à Arquidiocese, para formar um grupo político forte e atuante em prol dos ideais católicos dentro da cidade, congregando em seu seio médicos, jornalistas, advogados, professores e outros. Essas profissões nos mostram de onde partia a referida elite intelectual, que provinha de uma condição social de destaque dentro da cidade e que em alguns momentos se empenhou em disciplinar os comportamentos e práticas da sociedade fortalezense.

Podemos falar que em torno do Circulo Católico de Fortaleza “congregou-se o que havia de mais seleta na intelectualidade católica da cidade”, além de um dos principais pontos de destaque na administração do arcebispo de Fortaleza “tendo como programa o saneamento moral e o revigoração religioso da sociedade”⁴². Aqui podemos perceber o que já havíamos alertado acima, ou seja, a formação e atuação de uma intelectualidade católica laica que agia em conjunto com a Igreja no combate às ideias laicistas e anticlericais.

Consequentemente, acreditamos ser necessário esclarecermos o que estamos chamando de intelectual, visto que existem vários autores que trabalham com essa categoria. É fundamental que possamos definir com que abordagem olhamos para esses agentes socioculturais.

Estas podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. O primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. [...] uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades específicas, como por exemplo a assinatura de manifestos –, testemunha ou consciência. Uma tal acepção não é, no fundo, autônoma da anterior, já que são dois elementos de natureza sociocultural, sua notoriedade eventual ou sua “especialização”, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende.⁴³

⁴² MONTENEGRO, João Alfredo de Souza. Op. cit. p. 129.

⁴³ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: **Por Uma História Política** / organização de René Rémond; tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp. 242 e 243.

Jean-François Sirinelli nos mostra duas concepções a respeito do intelectual, uma de forma ampla na qual esses intelectuais seriam “criadores” e “mediadores” culturais. A outra visão é mais específica, focando o engajamento desse personagem na vida da cidade enquanto agente dela. Mesmo ele fazendo essa diferenciação em seguida diz que uma não excluía a outra, e mais, elas não seriam, segundo o autor, autônomas uma da outra, o que nos faz perceber sua sincronia com nossa atividade intelectual analisada, pois Andrade Furtado, José Valdivino e Luis Sucupira, exerciam função de advogado, professor, jornalista, além de outras funções junto às associações que participavam, no entanto, ao mesmo tempo em que eram mediadores e criadores da causa católica, exerciam também papéis específicos dentro do jornal católico, como colunistas, como diretor chefe, mostrando suas visões e concepções em torno da cidade de Fortaleza e os valores que desejavam para essa cidade e sua população, ou seja, atuavam enquanto agentes socioculturais na construção e nos debates em torno da cidade, sempre defendendo a sua causa, que era a católica.

Dessa maneira as ações desses intelectuais na cidade defendendo suas concepções, seus valores culturais e comportamentais para cidade, marcam a atividades deles e da Arquidiocese, na mesma proporção que marca a atividade intelectual que acabamos de definir. Pois foram esses personagens que intensificaram seus embates e debates no campo intelectual para “restaurar e aperfeiçoar” os valores católicos em Fortaleza, através de suas atividades no jornal católico O Nordeste, uma verdadeira trincheira na defesa dos valores culturais desses intelectuais, que se utilizavam das páginas em um tom militante e panfletário para mobilizar, propagar e consolidar suas visões de mundo.

Diante da Ação Católica e das atividades exercidas por esta intelectualidade laica, que integrava a Arquidiocese de Fortaleza, logo percebemos como esse conceito atende à nossa perspectiva de análise, pois este laicato composto por jornalistas, advogados, professores etc, participavam ativamente de uma organização, de uma construção, de uma concepção de mundo, visto que essa visão era fundamentalmente criada e mediada por estes intelectuais católicos nos anos de 1936 a 1941.

Com ênfase nessa capacidade construtiva e organizacional de um tecido social, conceituamos esses personagens que participavam e intervinham ativamente nessa concepção de mundo, como sendo intelectuais. Foram esses intelectuais católicos leigos que começavam a atuar e construir teorias favoráveis ao estabelecimento de determinados comportamentos sociais em contra partida de outros que eram combatidos por este grupo, o que não era uma novidade para o momento histórico, mas que ganha ainda mais ênfase nas associações católicas e em outros setores da sociedade, como na imprensa católica, a partir dos anos de

1936, pois tivemos tanto à frente do Governo do Estado como da capital cearense, administradores oriundos dessa intelectualidade laica.

Dessa maneira tivemos neste momento um fortalecimento de grupo de intelectuais que intensificou suas disputas em torno dos setores educacionais, políticos e culturais, desejando inserir na sociedade suas concepções em torno desses setores, ou seja, sempre procurando intervir direta ou indiretamente na vida social da população e principalmente na formação das novas gerações. Esse grupo de intelectuais teria uma função mediadora e sistematizadora das ideias católicas, sendo eles os responsáveis por participar das práticas culturais e sociais, inserindo e mobilizando a sociedade em defesa dessa concepção formativa católica, o que, segundo nossa interpretação, possibilitava e demonstrava a autonomia conquistada por este grupo em relação aos poderes eclesiásticos na capital cearense.

Pensamos a atuação dessa intelectualidade laica, na cidade de Fortaleza, iniciando suas atividades de forma organizada e planejada com ajuda de Dom Manuel da Silva. Esse grupo intelectual se formou junto à Arquidiocese de Fortaleza e reuniu pessoas que se faziam presentes nos meios intelectuais da cidade e atuavam de forma incisiva e intensa no cenário político e social de Fortaleza nos anos de 1930. Mesmo sendo esta iniciativa encarada por nós como sendo o berço organizado dessa relação entre intelectualidade laica e Arquidiocese de Fortaleza, percebemos sua importância quando olhamos para as pessoas que estavam envolvidas nessa iniciativa proporcionada por Dom Manuel. Dessa maneira podemos entender como ela foi de extrema importância na formação e sedimentação desse grupo atuante e mediador das concepções católicas dentro da cidade nos anos que se seguiram.

Em torno desse sodalício [o Círculo Católico de Fortaleza] congregou-se o que havia de mais seleta na intelectualidade católica da cidade. Data a sua criação de 1913 e tem existência até o ano de 1922. Representa um marco importante na gestão episcopal de D. Manuel da Silva Gomes, “tendo como programa o saneamento moral e o revigoramento religioso da sociedade”. Alias, grande parte da elite que o constituiu daria presença, dentro de novos parâmetros filosóficos e pastorais do Catolicismo, em movimentos sócio-religiosos que alcançaram prestígio nos anos 30. Importante destacar que as conferências ali pronunciadas estabeleceram nítido divisor de águas entre o que a Igreja propagara até o final de um Tradicionalismo de face sobrenaturalista exacerbada e o que vinha então postulando com o perfilhamento do social e um sentido de moralidade, que defluía de uma ascese a acentuar a necessidade de purificação generalizada, reformando hábitos e práticas do clero e dos fieis. Exerceram sucessivamente a presidência do “Círculo Católico”: Francisco de Assis Bezerra, Barão de Studart, Álvaro Gurgel de Alencar, Fernandes Távora, Andrade Furtado, Raimundo Arruda e Menezes Pimentel. O Padre Manoel Gomes, o Assistente Eclesiástico. Observe-se que a entidade coincidentemente encerrava as suas atividades num ano limite, 1922, aquele que daria início a um ciclo novo na mentalidade brasileira, e em que o Catolicismo abrir-se-ia para outra etapa do social.⁴⁴

⁴⁴ MONTENEGRO. João Alfredo de Souza. Op. cit. p. 129.

Montenegro reforça a importância dessa entidade no que diz respeito à reunião de um seleto grupo de intelectuais leigos, mas que atuavam e mediavam as ideias católicas nos meios os quais eles frequentavam, ao mesmo tempo em que também os difundia junto à população, através de suas obras e de seus cargos exercidos em setores dos quais eles participavam. Como podemos examinar, a ação promovida pela Igreja junto com esse grupo tinha intenções diretas na transformação comportamental, pois procurava reformular as práticas e os hábitos tanto do clero como também da população no geral, pautados por um discurso moral e colocando a Arquidiocese, através de seu grupo de intelectuais, como a única instituição saneadora da sociedade no período.

Não há dúvidas de que a década de 1920 é um momento de movimentações intensas no cenário político, econômico, cultural e religioso. Porém, interpretamos de forma diferente quando o autor se refere a esse período (e mais especificamente a 1922), comentando como sendo “aquele que daria início a um ciclo novo na mentalidade brasileira, e em que o Catolicismo abrir-se-ia para outra etapa do social”. As transformações e a efervescência nas diversas esferas citadas acima são evidentes, mas entendemos que a Igreja Católica intensifica a sua atuação contra um projeto de modernização e racionalização do país, que vinha crescendo e se fortalecendo com os primeiros anos da República brasileira,⁴⁵ por isso a tentativa de modificar os hábitos e as práticas que estavam se constituindo nesse período. Na grande maioria das vezes fundamentava essa transformação comportamental com um forte sentido moral em aliança com um discurso⁴⁶ conservador-tradicionalista.

Para nós fica muito clara a intensificação das ações intelectuais leigas, e, assim, interpretando de forma diferente de Montenegro que aponta essa fase como sendo uma nova etapa na atuação da Arquidiocese, pois compreendemos que mesmo tendo o fim do Círculo Católico de Fortaleza em 1922, logo percebemos como a ação daqueles intelectuais que estiveram à frente desse grupo, não terminou como o fim daquele Círculo, muito pelo contrário, tiveram atuação tão intensa nos anos seguintes do que na época da existência dele. Justamente nesse momento, conseguimos verificar como essa agremiação foi importante na atividade destes intelectuais leigos junto à Arquidiocese de Fortaleza nas suas lutas políticas, sociais e na consolidação de seus valores culturais nessa sociedade.

⁴⁵ CAMPOS, Nívio de. Op cit. p. 30.

⁴⁶ Lembrando que esse discurso “obedece a necessidades institucionais de manutenção da unidade e de penetração no seio da sociedade, que se pretende ‘descristianizada’, para que esteja garantida a sobrevivência do catolicismo como religião oficial do país”, desta maneira em que conceituamos a priori o discurso católico na década de 20 e 30. Sendo que ainda será melhor explorado no decorrer do trabalho. MIRANDA, Júlia. Op.cit. p. 45.

Como foi possível detectar, vimos vários nomes que estiveram presidindo essa entidade católica em Fortaleza. Nomes fortes no cenário intelectual cearense ganharam destaque político na década de 1930 e com forte atuação na imprensa fortalezense. Antes de evidenciar nosso olhar aos intelectuais Andrade Furtado, José Valdivino e Luiz Sucupira, entendemos ser importante destacar o grupo intelectual e os meios nos quais esses integrantes participaram, o que demonstrava como a participação desse grupo não se limitava apenas aos meios católicos, muito pelo contrário, integravam outros meios nos quais se concentravam outros intelectuais que extrapolavam o meio católico. Como exemplo: a Academia Cearense de Letras, o Instituto Histórico do Ceará e a Faculdade de Direito. No entanto, isso não os impedia na sua atuação junto às agremiações católicas, ao jornal católico e nas suas ações sociais.

Dessa forma, esse grupo de intelectuais leigos que estava inserido na Ação Católica, também se encontrava em outras agremiações, as quais não tinham um vínculo direto com a Arquidiocese (a não ser de forma indireta pela participação desse laicato que estava sendo formado e era responsável pela mediação dos ideais católicos). Pelo que temos percebido, o campo de atuação desse grupo estava dividido em três locais (além das entidades de orientação católica), que eram a Academia Cearense de Letras, o Instituto Histórico e a Faculdade de Direito. Observemos a fotografia:



(FIGURA 1 – Fotografia da sessão de reorganização da Academia Cearense de Letras no ano de 1922. Fonte: Arquivo Nirez. Temos na fotografia no sentido da esquerda para a direita em pé: José Lino da

Justa, Quintino Cunha, Francisco Prado, Cruz Filho, Thomaz Pompeu Sobrinho, Fernandes Távora, Alba Valdez, Álvaro de Alencar, Sales Campos, Antônio Fontenele, Soares Bulcão, José Sombra, Andrade Furtado, Raimundo Ribeiro, Otávio Lobo, Cursino Belém, Beni Carvalho, Carlos Câmara e Júlio Ibiapina. Sentados no mesmo sentido: Antônio Teodorico da Costa, Antônio Augusto de Vasconcelos, Raimundo de Arruda, Thomaz Pompeu, Justiniano de Serpa, Barão de Studart, Leonardo Mota e Alfredo (Alf.) Castro.)

A fotografia, a qual mostra os integrantes da Academia Cearense de Letras na década de 1920, tem alguns pontos que merecem ser analisados com o nosso leitor. Primeiro a participação de cinco integrantes dessa agremiação já tinham assumido a presidência do Circulo Católico de Fortaleza, entre eles: Barão de Studart, Álvaro Gurgel de Alencar, Fernandes Távora, Raimundo Arruda e Andrade Furtado. Além desses personagens, podemos citar aqui outros nomes que ganharam destaque na atuação católica nos anos de 1930 e 1940 e que participaram da referida agremiação literária, como exemplo Luis Sucupira, que ingressa na Academia Cearense de letras no ano de 1930 e José Valdivino, ingressando um pouco mais tarde que este último, em 1951, mas com intensa atuação junto à Arquidiocese nos anos 30 e 40. Estes dois, junto com Andrade Furtado, formam os intelectuais que são ponto chave de nossas análises, por participarem ativamente do jornal católico, desejando imbuir na sociedade os padrões e valores comportamentais desejados pela Arquidiocese da qual eles três faziam parte, congregando de lugares sociais os quais os três personagens tinham em comum, não apenas pelo viés religioso como por outros vieses.

Dessa maneira, não podemos desprezar a atuação desse grupo de intelectuais dentro da agremiação e sua influência sobre essa agremiação literária, pois mesmo tendo integrantes contra o pensamento católico (como por exemplo, Júlio Ibiapina, que combatia o clericalismo⁴⁷) congregou influentes intelectuais católicos e até mesmo a participação de padres⁴⁸ em seu quadro de membros. Isso mostra a atuação desse grupo e o alcance que estes possuíam sobre o meio social de Fortaleza, conseguindo chegar com suas visões de mundo a outros intelectuais e a outras agremiações, mesmo que estas não tivessem uma ligação direta com a Arquidiocese de Fortaleza, da qual eles faziam parte. Isso fica ainda mais notável quando olhamos para o Instituto do Ceará, que teve como presidente por um longo período o próprio Barão de Studart e que congregou vários desses integrantes que vimos acima, junto

⁴⁷ ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. **Membros da Academia Cearense de Letras de ontem:** Júlio Ibiapina. Disponível em: <<<http://www.ceara.pro.br/ACL/Academicosanteriores/AcademicosAnteriores.html>>> Acesso em: 03 de dezembro de 2011.

⁴⁸ Como por exemplo, o padre Misael Gomes, que participou da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico do Ceará.

com a presença também de alguns padres que constantemente escreviam nas páginas das revistas das duas entidades, tanto da Academia de Letras quanto do Instituto do Ceará.

Com o olhar voltado para esse Instituto, temos nomes comuns entre esses grupos como: Thomaz Pompeu Sobrinho, Alba Valdez, Andrade Furtado, Barão de Studart, Soares Bulcão, Álvaro Gurgel de Alencar, Antônio Teodorico da Costa, Leonardo Mota, José Lino da Justa. Todos esses integravam as duas entidades. Destaque ainda para o padre Misael Gomes, padre Castro Nery, Luis Sucupira e ainda Waldemar Falcão. Estes quatro escreviam artigos na revista do Instituto, nos quais podemos destacar a atuação de dois padres e do último personagem citado, outro intelectual leigo que atuou intensamente em prol dos ideais católicos dentro do estado e no âmbito federal, chegando a ser Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio do Governo Varguista de 1937 a 1941.

O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará⁴⁹, como bem percebemos, reflete a integração dessa intelectualidade laica junto à Igreja Católica, em Fortaleza. Pois os integrantes desse Instituto têm uma base de formação que é quase a mesma que foi reunida pela Igreja para mediação e fundamentação de seus ideais nesse momento de reformulação da Ação Católica. Isso para nós mostra a preocupação da Igreja não só com as camadas populares, mas também com a formação desses intelectuais que estavam no cenário político, econômico e social da cidade e que de forma direta ou indireta poderiam difundir ou se opor aos pensamentos católicos.

Não temos dúvida da forte ligação dos intelectuais que compunham a Arquidiocese de Fortaleza e o alcance destes no âmbito intelectual da cidade. Alcance possível de ser percebido com ligação destes com os diversos grupos que foram criados pelos letrados da cidade e com a constante participação deste laicato católico junto a eles, sem que para isso tenham que contradizer sua fé, e suas concepções de mundo. Sendo muitas vezes o contrário, servindo ainda mais para consolidar suas convicções, compartilhar com outros intelectuais e divulgar diante das revistas e publicações feitas por estes grupos letrados, como foi o exemplo do Instituto Histórico e da Academia Cearense de Letras. No entanto, seus escritos tinham um teor bem mais complexo e diferente da linguagem usada por estes intelectuais católicos, diferente do que era usado por eles no jornal católico, voltado para um público bem mais amplo e com outros direcionamentos, distintos dos que regiam as revistas desses grupos letrados.

Devido a essa distinção de atuação desses intelectuais, nos preocupamos com esse direcionamento mais amplo, voltado para o jornal católico e que tinha em suas intenções bem

⁴⁹ Nome completo do Instituto do Ceará.

mais que informar, mas também formar opiniões, divulgar valores culturais e comportamentais na sociedade cearense. Por isso nos centraremos em torno dos três intelectuais que já foi apontado por nós: Andrade Furtado, Luis Sucupira e José Valdivino. Estes são personagens que têm uma importância basilar para o período que analisamos (1936-1941), pois o campo de atuação deles era um dos pontos de maior alcance das ideias católicas, no mesmo instante em que era um dos principais campos de atuação da estratégia da Igreja na formação, divulgação e mediação dos pensamentos, dos combates ideológicos, do discurso e da Ação Católica na cidade de Fortaleza. Esses dois intelectuais tiveram atividade intensa na militância católica nos anos de 1930, principalmente através das páginas do jornal O Nordeste. Este seria o principal meio de vinculação das ideias católicas e com um alcance amplo da sociedade fortalezense devido ao meio de comunicação usado por estes intelectuais no período aqui abordado. Porém entendemos que os campos de atuação desse grupo de intelectuais são voltados para dois ângulos diferenciados:

A “ação pela base” que, no combate ao primeiro mal, cuidava da formação do sentimento popular, cultivando a crença e o patriotismo. E a “ação pelo alto”, responsável pelo combate ao segundo mal, formando as elites intelectuais e os homens de governo, aqueles que, pela capacidade de compreender algumas doutrinas e assumir alguns ideais, poderiam dirigir as massas.⁵⁰

Dias nos aponta alguns indícios muito interessantes, argumentando como era direcionada a Ação Católica nas décadas de 20 e 30, tendo duas direções como pudemos observar. Essas décadas foram distintas para o fortalecimento desses ideais católicos, pois devido ao momento de instabilidade política pelo qual o país passava, ajudou com que a Igreja Católica pudesse se consolidar novamente no cenário político e social do nosso país, principalmente com o movimento de 1930, no qual teremos uma contestação das oligarquias instituídas. Foi de grande importância a aproximação do trabalho conjunto da intelectualidade católica leiga e a da Igreja Católica, principalmente no que diz respeito às atividades desse grupo a nível regional e nacional na imprensa e na política, direcionando seus discursos para a formação de um “sentimento popular, cultivando a crença e o patriotismo” e na constituição de uma “elite intelectual” e de “homens de governo”, que segundo o desejo desse grupo teriam em sua formação os valores culturais baseados nos valores católicos difundidos por essa intelectualidade. Estes personagens trouxeram uma ampla participação das concepções católicas nos diversos âmbitos sociais do governo Vargas, com grandes ganhos para a entidade religiosa e colocando-a novamente em pontos estratégicos frente à política nacional.

⁵⁰ DIAS, R. Apud: CAMPOS, Nêvio de. Op. cit. p. 64.

Assim, podemos perceber como estavam distribuídas as ações dessa intelectualidade em nossa cidade. Pois, como verificamos, a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará⁵¹ eram locais de “ações pelos alto”, que defendiam e divulgavam as ações dessa elite intelectual, da qual já citamos alguns de seus integrantes. No entanto, mesmo com esse centro difusor dessa elite pensante, citamos que tal grupo era diante da Ação Católica mediadores e transformadores do meio social no qual eles estavam inseridos, então entendemos que essa participação deles não os impediam também de uma atividade de “ação pela base” e é justamente essa que mais nos interessa. Sendo aqueles três intelectuais há pouco citados peças chaves nessa “ação pela base”, que tinham um alcance maior e chegava a diversos setores sociais de Fortaleza, isso não os impossibilitava de uma “ação pelo alto”.

O jornalismo, em você, Sucupira, vinha de longe, desde os albores da mocidade, tanto assim que, em 1925, quando tinha 25 anos, integrou o grupo fundador da Associação Cearense de Imprensa, a que presidiu mais tarde, eleito em pleito dos mais disputados que se feriu naquela entidade, de cujo Conselho Superior foi membro eminente. Redator-Chefe e Diretor do **O Nordeste**, jornal da Arquidiocese de largo prestígio, mantinha no vespertino católico duas colunas diárias, intituladas **Pontos de Vista** e **Fatos do Dia**. Na primeira, assinando-se como L.S., abordava os mais variados assuntos da atualidade local, nacional e internacional. Na segunda, sob o pseudônimo de Neto Júnior, focalizava o episódio mais curioso ou mais importante que se lhe afigurava. [...]

Participou da Câmara dos Deputados, de 1933 a 1937, como expressão de trabalho e lucidez, primeiro, como Constituinte, e depois na complementação do mandato recebido do eleitorado cearense, somente interrompido pelo golpe do Estado Novo. Não se candidatou por sua própria iniciativa nem participou da campanha. A Liga Eleitoral Católica, que no Ceará funcionou mesmo como partido, caso único no Brasil de então, elegeu-o com a maior votação entre quantos se submeteram ao sufrágio popular. Teve papel saliente na coordenação das proposições patrocinadas pelas forças de que dispunha a Igreja Católica no Parlamento.⁵² [grifo do autor]

Andrade Furtado, José Valdivino e Luis Sucupira participam destes dois âmbitos de atuação. Esse último se voltou para a atuação política na década de 30, no mesmo instante em que atuou com artigos publicados nas páginas do diário católico. José Valdivino atuava como professor secundarista na cidade, era o orador oficial da União dos Moços Católicos e ainda teve algumas participações na Associação dos Professores Católicos, além de ter participado como os outros dois colegas da Academia Cearense de Letras. O primeiro⁵³ foi redator-chefe do jornal católico da cidade, assim como Sucupira, nos possibilitando perceber os campos de atuação desses intelectuais nos grupos letrados da capital cearense, o que não os

⁵¹ Sendo ainda possível incluir a Faculdade de Direito como outro campo de atuação dessa intelectualidade católica, já que muitos saíram de lá e outras ainda eram professores dessa instituição. Como exemplos: Menezes Pimentel, Andrade Furtado, José Valdivino e outros.

⁵² ARARIPE, J.C. Alencar. Despedida na saída. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo CXI, 1997. pp. 334-335.

⁵³ Vale destacar que Andrade Furtado foi por um longo período o redator-chefe do jornal católico, principalmente no período no qual trabalhamos em nossa pesquisa.

impediam de pôr em prática sua militância em prol do pensamento católico e sua participação na composição dessa Arquidiocese, muito pelo contrário, intensificava e era um dos pontos da estratégia católica na sua formação e divulgação dos seus ideais.

Luis Sucupira foi integrante da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, além de atuar no cenário político regional e nacional junto com o grupo católico. Mostrava como o pensamento católico chegou a um momento de forte atuação, diante do trabalho de constituição dessa elite intelectual que agiu em diversos setores e que levou as diretrizes católicas aos âmbitos mais distintos. Este personagem ainda contribuía com os valores católicos no que dizia respeito aos comportamentos e hábitos que eram desejados, pois além de seus artigos que traziam assuntos diversos, ele também estabelecia uma coluna na qual era responsável por emitir opiniões a respeito dos filmes que eram exibidos nas salas cinematográficas de Fortaleza, classificando-os como “livres, pesados e obscenos”.⁵⁴

No entanto, a atuação militante desse intelectual, não era uma exclusividade sua como nos mostra Montenegro:

Outro nome expressivo, e que por longo tempo teve participação afirmativa nos momentos da Igreja, na imprensa Católica do Ceará, é Andrade Furtado, como mais conhecido. Assinava-se Manuel Antônio de Andrade Furtado. Até o final da década de 50 dá o testemunho de uma presença combativa ao lado da Igreja, especialmente através de sua pena, e em artigos corajosos em que sempre exprimia comovente amor filial à instituição católica, numa fidelidade exemplar e que formou escola até os dias atuais. É o que depois se esclarecerá. Por ora, importa comentar as conferências que pronunciou no Círculo Católico, através das quais fez a opção que seguiu na longa trajetória de Professor de Direito, de jornalista, de Secretário de Estado, de membro ativo da Ação Católica: a de ardoroso defensor de uma tradição, que cultivava com zelo apostólico, não deixando com frequência de advertir os católicos cearenses dos perigos das doutrinas exóticas e imanentistas, todas confluindo para o materialismo, como também os desvios abraçados pela ala progressista da Igreja.⁵⁵

Apesar de Montenegro se referir a este personagem em um período anterior ao nosso, essa demonstração que ele nos traz a respeito do militante Andrade Furtado já reverbera nos anos 30. Como já havíamos visto, ele foi um dos presidentes do Círculo Católico, além de professor de Direito. Mas o que ressalta a nossa pesquisa é sua participação na fundamentação, propagação e defesa dos pensamentos católicos, no campo dos costumes etc.... Um robusto integrante da Ação Católica e que merece destaque pelo cargo que assumiu frente ao jornal católico e diante da sua posição no interior da elite intelectual formada e frente ao poder político que será instituído em Fortaleza nos anos de 1930.

⁵⁴ ARARIPE, J.C. Alencar. Op. cit. 334.

⁵⁵ MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Op. cit. p. 142.

Esse intelectual é peça chave em nossa abordagem, uma vez que ele era o responsável pelo jornal católico, o que nos mostra pelo menos duas ponderações: a primeira é a importância e a confiança desse personagem diante do cargo que ele assumia, pois como redator-chefe do jornal católico era responsável por tudo que era publicado. Nesse sentido vem a segunda ponderação, pois se ele tinha essa responsabilidade e confiança, era através desse personagem que teremos a liberdade e consentimento dos escritos dos outros dois intelectuais selecionados por nós e que compartilhava não apenas do mesmo meio social, como também de muitas das ideias deste chefe.

Assim não nos espanta a constante presença dos escritos de Luiz Sucupira e de José Valdivino nas páginas do jornal católico, pois os dois pareciam ter uma proximidade não apenas nas ideias, mas também pessoal. Dizemos isso por este último integrar num determinado momento a Liga dos Professores Católicos de Fortaleza, no entanto, apenas no período em que Luiz Sucupira era presidente dessa associação. Da mesma forma que percebemos algumas visitas e palestras deste em algumas reuniões da União dos Moços Católicos, da qual José Valdivino era orador oficial, mostrando-nos que pareciam ter uma afinidade entre os dois e entre as suas concepções de mundo e de atuação através de seu fazer intelectual.

Assim podemos compor como essa intelectualidade integrante da Arquidiocese de Fortaleza vai se utilizar da Ação Católica para construir e mediar suas concepções de mundo dentro da sociedade fortalezense através de seu papel de intelectual e dos setores nos quais eles tinham forte influência. No entanto, para conseguirmos compreender como essa ação desses personagens ganharam espaço e amplitude no cenário social da cidade é necessário compreendermos como era esse jornal administrado por Andrade Furtado, representando a Arquidiocese de Fortaleza, ou seja, o periódico era a voz da Igreja Católica na cidade e estava nas mãos de um intelectual leigo. Para entendermos melhor essa situação, nos voltamos para o jornal O Nordeste.

1.3 – Jornal O Nordeste: a trincheira da intelectualidade católica fortalezense

O jornal católico O Nordeste foi criado em 1922, ainda no Arcebispado de Dom Manuel da Silva. Já na sua criação contava como um de seus redatores Andrade Furtado junto com José Martins Rodrigues. Além da atividade desses intelectuais, a Ação Católica contava como um das suas ações a criação de associações que pudessem direcionar tais ações para os diversos estratos sociais do período.

Nesse sentido, o jornal O Nordeste em Fortaleza vem a ser mais uma das medidas que se integrava a essa Ação Católica na cidade, com o intuito de criar um veículo de informação no qual os seus intelectuais pudessem se expressar, levando dessa maneira os valores culturais católicos e visões de mundo dessa intelectualidade católica. Assim o jornal da Arquidiocese da cidade funcionou como uma trincheira tanto para a defesa como para o ataque desses pensadores em relação aos ideais que se estavam em disputa nesse momento histórico.

Verificamos que o periódico foi usado por este laicato para mostrar os valores que estavam sendo desejados por este grupo, ao mesmo tempo em que combatiam os valores considerados impróprios para o mesmo grupo. Andrade Furtado, Luiz Sucupira e José Valdivino foram os três intelectuais fortalezenses que mais se manifestavam em relações aos padrões culturais que se desejava imbuir na sociedade de acordo com a Arquidiocese.

Antes de fazermos a ligação entre Andrade Furtado, a Ação Católica, o poder estadual e o poder municipal de Fortaleza, queremos antes destacar o jornal O Nordeste e assim podermos entender essa ligação e as estratégias da Arquidiocese de Fortaleza diante desse instrumento de comunicação nas atividades da Igreja.

No entanto, esse jornal tinha um direcionamento como bem fala Geraldo Nobre, quando questionado pela historiadora Simone de Sousa, a respeito de “como era trabalhar em um jornal católico”:

Não havia praticamente diferença. Havia apenas, digamos mais ordem, mais direção no *O Nordeste* do que na *Gazeta*. A *Gazeta* era um jornal eminentemente popular. O *Nordeste*, não; era um jornal, naturalmente, digamos assim, aristocrata, porque o redator-chefe, que representava o Arcebispo de Fortaleza, na verdade proprietário do jornal, doutor Manuel Antônio de Andrade Furtado, era um homem de muita cultura, empolgado pelo catolicismo, sempre escrevia dentro da orientação católica. Eu estava na redação quando ele ia fazer todo dia, sendo Secretário do Governo do Estado, a leitura do seu artigo, a propósito de fazer revisão; na verdade, não fazia revisão, ele lia o artigo, em pé, ao lado da mesa onde eu trabalhava. Nunca sentou à mesa para fazer revisão. Apenas pegava as provas e lia em voz alta, e nunca o vi fazer um conserto; isso porque o jornal tinha um grande revisor de todo o jornalismo cearense, que era Vasco Furtado, parente em que ele confiava muito. Na verdade, de modo que se limitava a ler em voz alta os seus artigos.⁵⁶ [grifo do autor]

Andrade Furtado é definido como sendo “representante do Arcebispo de Fortaleza” além de homem culto e empolgado pela orientação católica, isso já nos dá um indício do papel desse intelectual na Ação Católica e em seu trabalho diante do jornal católico. O Nordeste é caracterizado por Geraldo Nobre como sendo destinado para uma

⁵⁶ PONTE, Sebastião. **História e Memória do Jornalismo Cearense**. Sebastião Rogério Ponte (Coordenador). – Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/ UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará. Secretária de Cultura – SECULT. p. 199.

“aristocracia” e lembra que era um jornal “mais organizado”. Diferente da Gazeta de Notícias⁵⁷, que ele indica ser um jornal mais popular e que não tinha tanta organização como o primeiro. Seria O Nordeste um jornal voltado para a aristocracia e outro mais popular naquele época? Pois foi na Era Vargas que começou a se expandir a educação como responsabilidade do Estado, ou seja, uma grande parcela da população não tinha acesso à leitura, dessa forma dificilmente as camadas populares tinham acesso a esses jornais, seja o Gazeta de Notícias ou qualquer outro.

Então, entendemos que nenhum dos dois veículos de comunicação tinha suas produções voltadas para as classes menos favorecidas, populares, pois os periódicos não eram artigos baratos, da mesma forma que não era um bom investimento considerando que essa camada da população não sabia ler. Diante dessas questões não podemos esquecer que o jornal O Nordeste era um diário mantido não pelas suas vendas diárias, mas pelo seu público assinante e isto era constantemente mencionado em suas páginas como sendo: “O diário de maior assinatura no Estado”⁵⁸. Um jornal administrado pela Arquidiocese, que tinha a direção da intelectualidade católica, por tais motivos poderia ser taxado de um periódico voltado para uma aristocracia?

Questionamos a visão proposta pelo entrevistado, pois não significava que por ser seu diretor um homem letrado, esse periódico ser voltado para uma aristocracia, no entanto temos que ponderar, pois também ele não era acessível a todos como já bem mencionamos, pois nem todos sabiam ler, acreditamos ser O Nordeste um jornal voltado a um público específico, que era o público católico. Porém, aos que tinham a mínima condição de comprá-lo, e claro, lê-lo. Assim, esse jornal era destinado a professores secundaristas, professoras normalistas, ao público intelectual católico, aos padres e era constantemente incentivada sua comercialização no interior do estado.

Porém isso não significava que estas informações vinculadas por este vespertino estariam limitadas a tais pessoas, pois algumas das notícias chegavam até mesmo ao público não leitor. Pois, em algumas notas, vinham com a solicitação às vezes do Arcebispo de que fosse lida na missa determinada nota. Não eram todas as notas nem era uma prática tão frequente, mas isso nos dá uma dimensão de como esse jornal chegava aos diversos âmbitos e fugia desse foco aristocrático proferido por Geraldo Nobre.

⁵⁷ Geraldo Nobre trabalhou profissionalmente neste jornal nos anos de 1942.

⁵⁸ Geralmente esta frase vinha na capa do jornal abaixo do nome O Nordeste ou também costumava aparecer nas páginas de anúncio e na última página.

Analisando os jornais como produto de um contexto histórico, ele tem um determinado público alvo, seja ele católico, político-partidário, letrado, entre outros. No entanto, cabe-nos aqui questionar para quem e com quais interesses esse jornal era vinculado e produzido. O fato desses diários falarem muitas vezes em nome das camadas populares não significava que essas pessoas tinham acesso a tais leituras, pois o próprio jornal católico tinha suas intenções e seus direcionamentos.

E' bom acrescentar mais claramente que são os próprios católicos que sabem quaes são os "seus"jornaes: são os da sua religião, os da Igreja Catholica.

Isto quer dizer que eles teem consciência dos seus deveres. Estão compenetrados da necessidade de manter a sua fé, de defende-la contra os inimigos interiores e exteriores. Sabem, além disso, que o reinado de Christo deve ser dilatado e que a imprensa tem de ser o grande meio para isto como é, infelizmente, para as devastações nos espíritos.

Ora, é disso que também nos precisamos capacitar. Para o catholico só devia haver um jornal – o jornal catholico. Nada de impressas neutras. Em cada lar catholico, um jornal catholico – é o lemma do Papa, que todos devemos seguir.

Mas não podemos dar isto uma interpretação muito larga. Não satisfaz o desejo do Papa, nem a sua obrigação, quem assigna apenas um semanariozinho, uma revistinha semanal ou mensal. Não. Absolutamente não. Que vale uma revistinha ou um jornalzinho semanário de 4 páginas contra o quotidiano neutro ou anticatholico, que leva o veneno ás almas, todos os dias?

O jornal catholico é o diário catholico. E' isto que todos devem saber.⁵⁹

Inicialmente devemos salientar que este artigo não foi assinado, por este motivo consideramos como sendo de responsabilidade da direção do jornal, ou seja, da responsabilidade do redator-chefe, Andrade Furtado. Em seguida notamos as intenções da direção desse diário em demarcar um público determinado para a compra do seu periódico, ao mesmo tempo em que combate os jornais que seriam contrários aos seus valores e ideais. Por isso coloca ao público católico a compra do jornal como um dever religioso, contribuindo, assim, segundo este grupo, para “manter a sua fé” e “defendê-la contra os inimigos interiores e exteriores”. Mostra, assim, que os combates feitos dentro do seio intelectual católico não se restringiam apenas às ideias e concepções que vinham de fora, como exemplo o comunismo, mas também grupos internos que combatiam os ideais católicos e até mesmo católicos que descumpriam as ordens e os valores da Arquidiocese de Fortaleza.⁶⁰ Assim verificamos como esse jornal voltava-se para um público católico, atingindo diversos grupos e não apenas a uma aristocracia como havia mencionado Geraldo Nobre.

Dessa forma, colocando o público católico como responsável pela manutenção da fé, significando diretamente a manutenção do jornal católico, é exaltado pelo artigo a

⁵⁹ A GRANDE OBRA. **O Nordeste**, Fortaleza, 29 de janeiro de 1937, p.02.

⁶⁰ Neste caso podemos citar como referência as questões internas e traziam uma certa por parte da Arquidiocese de Fortaleza, questões relacionadas ao padre Cícero e ao Caldeirão.

importância desse diário e sua função dentro da Arquidiocese de Fortaleza, pois seria este o “grande meio” para a “dilatação do reinado de Christo”, tendo como função clara a divulgação dos preceitos e da fé católica. Por isso mais uma vez demarca um espaço para sua atuação e combate de qualquer ideia que possa se opor às concepções e valores culturais católicos e isso fica bem demonstrado quando escrito que “para o catholico só deve haver um jornal – o jornal catholico”. E essa ideia é reforçada logo em seguida, quando se refere às outras imprensas na frase “nada de imprensas neutras”. Assim segue solicitando e incentivando que em cada lar católico deve haver um jornal católico, reforçando que não adiantava se fossem revistas ou jornais semanários, pois o que deveria ser almejado era o “diário catholico”, uma vez que este era o jornal católico segundo a Arquidiocese, para assim combater as outras vertentes que surgiam “neutras ou anticatholicas”.

As ações intelectuais em torno do jornal da Arquidiocese tinham como pudemos ver, uma estratégia clara de combate e defesa dos ideais católicos, ao mesmo tempo em que tinha a função de propagar e difundir a fé católica nos diversos setores sociais e nos diversos lugares da cidade e do Estado. Consolidando assim não apenas o pensamento da Arquidiocese de Fortaleza como também a visão de mundo do grupo de intelectuais que faziam sua composição. Assim, podemos compreender qual era o público que esse jornal se voltava e para quem esses artigos estavam sendo direcionados pelo laicato católico.

Tania Regina de Luca, falando a respeito do trabalho do historiador, que se debruça sobre este tipo de fonte, nos diz que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de determinada forma aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”⁶¹. Dessa maneira também compreendemos o jornal O Nordeste, pois este vespertino tinha um grupo que o produzia e eles tinham suas intenções, como observado. Como exemplo a notícia não se refere propriamente dito à imprensa fortalezense, começa falando a respeito da atuação dos jornais católicos na Holanda e, por fim, como se este fosse um exemplo a seguir, expõe as ideias contidas acima. Por isso as palavras da autora acima citada são importantes para nossa reflexão, pois usando um argumento de “alargar as obras de Christo” os responsáveis pelo jornal (e aqui nos referimos principalmente a Andrade Furtado como integrante da Arquidiocese de Fortaleza) buscavam claramente incentivar mais assinaturas do seu periódico na cidade. Outro ponto que devemos levar em conta é a oposição feita à “imprensa neutra” responsável, segundo o editorial, pela “devastação nos espíritos”, uma aberta oposição aos jornais que se colocavam contra os preceitos católicos e assim

⁶¹ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010. p.139.

fundamentando única e exclusivamente o diário católico como responsável pelos direcionamentos e informações ao público católico.

Isso mostra a preocupação desse grupo não apenas no combate aos ideais contrários aos da Igreja, mas com o controle das informações e como elas chegavam ao seu público leitor, já que, segundo nossa fonte, assinar um “semanário” ou uma “revista semanal ou mensal” não era suficiente para a “obra Christo”, apenas O Nordeste era o verdadeiro periódico para o público católico. Como estávamos dizendo, a busca pelo controle das informações que chegavam ao público era constante, a imprensa comandada pela intelectualidade católica vem com este intuito de criar e mediar visões de mundo que compactuava com os ideais católicos.

Queremos destacar O Nordeste e sua organização, o qual contava com forte presença da Arquidiocese de Fortaleza e que ao mesmo tempo tinha investimentos voltados para esse setor. Por exemplo, vimos Geraldo Nobre falar que a Gazeta de Notícias ainda não tinha avançado na produção de seus jornais, sendo produzido ainda por uma tipografia. O jornal O Nordeste já tinha sua produção em linotipos⁶² e fazia questão de noticiar isso na capa, abaixo do seu nome, da seguinte forma: “Jornal de maior assinatura no Estado” e, em seguida, na mesma linha “Jornal composto em linotipos”.⁶³ Essa forma de composição do jornal era para a década de 30, em nosso estado, um dos mais modernos, e fazia com que fosse produzido em maior número e assim contribuindo muitas vezes para que tivesse uma maior circulação que os outros. Outro ponto destacado pelo mesmo diário era o fato dele ser o de “maior assinatura no Estado”, outro ponto mencionado por Geraldo Nobre.

Porém, não buscamos aqui atestar a veracidade dessa informação, mas sim entender como esse jornal chegava à sociedade fortalezense e como ele era usado para difundir padrões comportamentais, combater ideias contrárias as do grupo católico e forjar costumes e uma cultura, nos quais as bases seriam a religião católica.

Voltemos, assim, mais uma vez à entrevista com Geraldo Nobre:

O Nordeste teve grande receptividade através do trabalho desenvolvido por Monsenhor Antônio Tabosa Braga. O Arcebispo apelou para que os vigários e os padres, de modo geral, procurassem divulgar o jornal. Então, Monsenhor Antônio Tabosa Braga andou pelo interior do Ceará quase todo, fazendo assinaturas para o jornal, que, na época, tinha cerca de três mil assinaturas, jornal de maior número de assinaturas. Praticamente toda a edição do jornal era para atender aos assinantes, de modo que a venda na rua era pequena.⁶⁴

⁶² Linotipos eram as máquinas usadas na época para fazer as grandes impressões, geralmente usado para fazer jornais e publicações de maior circulação.

⁶³ Geralmente sempre encontrado na situação referida.

⁶⁴ PONTE, Sebastião. Op. cit. p.199.

Desse modo, podemos ter uma noção do alcance desse jornal diante do território cearense e segundo temos condições de perceber a preocupação do Arcebispo em fazer com que o periódico pudesse circular pela cidade e pelo estado, tornando esse diário católico porta-voz dos pensamentos e preceitos católicos. No entanto, outro ponto deve ser considerado e que vai ao encontro do pensamento já apontado pelo entrevistado, pois com poucos jornais à venda nas ruas, sua circulação era geralmente vinculada a um grupo que teria condições de ser assinante, além de termos que levar em conta a atuação dos padres e vigários, que eram responsáveis pela propaganda e divulgação dessa gazeta.

Assim como Geraldo Nobre, não temos dúvidas de que o jornal católico tanto era produzido por um seleto grupo de intelectuais (incluindo eclesiásticos e leigos) como também as mensagens e reportagens publicadas eram para esse grupo. Então, acreditamos ser necessário compreender como as ideias e os preceitos veiculados pelo diário católico eram propagados por essa intelectualidade laica e como buscavam através deles o controle e a disciplina das camadas sociais mais baixas, impondo uma determinada moral baseada na visão de mundo católica.

As fontes que utilizamos para analisar as iniciativas do laicato católico apontam que o grupo estabeleceu a União de Moços Católicos de Curitiba (UMCC), a Imprensa Católica e o CEB [Círculo de Estudos Bandeirantes] como espaços privilegiados para expressar o projeto de formação moral e intelectual do laicato vinculado à Igreja Católica. Mesmo estas instituições constituindo os principais espaços do laicato católico, havia diferenças na maneira de expressar e veicular o seu projeto formativo. A UMCC e a Imprensa Católica expressam pronunciamentos com um forte teor moral, o que indica que essas mensagens eram dirigidas a um público culto que se engajaria na obra de divulgação dos valores da Igreja Católica aos não leitores.⁶⁵

Logo na introdução da obra do professor Nívio de Campos sobre os intelectuais e a Igreja Católica, ele procura mostrar como as fontes foram utilizadas para a análise e faz uma reflexão a respeito do direcionamento dado aos campos de atuação dessa intelectualidade católica. Assim como o professor, interpretamos que a ação desses intelectuais tinha campos de atuação diversos: na política, na imprensa, na formação católica, no discurso ideológico e em vários outros setores, os quais tinham direcionamentos diferentes, pois o desempenho e as discussões que eram feitas no Instituto do Ceará e na Academia Cearense de Letras em suas revistas eram bem diferentes quando comparados com os artigos que eram escritos para o jornal O Nordeste, ambientes que priorizaram a pesquisa, o estudo, discussões filosóficas, teológicas e científicas, tentando conciliar razão e fé, ao mesmo tempo em que procuravam

⁶⁵ CAMPOS, Nívio de. Op. cit. pp. 24-25.

dar credibilidade às fundamentações desses intelectuais católicos na cidade ante o avanço das ideias anticlericais crescentes com o advento da República.

Compreendemos que mesmo atuando nessas instituições de debates voltados para um determinado tipo de ciência, não impediam que estes intelectuais, como Andrade Furtado, Luis Sucupira e José Valdivino se voltassem a outros setores como foi o caso da imprensa católica. Como afirma Campos, esse setor expressava “pronunciamentos com um forte teor moral, o que indica que essas mensagens eram dirigidas a um público culto”, ou pelo menos leitor, que desempenhavam trabalhos diversos com o público não leitor, levando assim os ideais e valores morais e comportamentais para os católicos da cidade, que não tinha acesso à leitura. Os católicos aqui intitulados por “culto” seriam pessoas leitoras do periódico, que não estavam à frente de instituições ligadas diretamente a essa elite intelectual católica, mas que contribuíam ativamente com os preceitos desse grupo religioso nos diversos setores sociais da sociedade fortalezense. Esses discursos a que o autor se refere e que também encontramos em nossas fontes, mostram as concepções e ideais defendidos por estes intelectuais da Ação Católica e seu trabalho na Arquidiocese de Fortaleza na produção de padrões comportamentais e valores que eram estabelecidos pelo grupo de intelectuais.

Por estes motivos a imprensa católica fazia parte da ação estratégica desempenhada e pensada por esse grupo católico em conjunto com a Arquidiocese dentro de Fortaleza. Esses motivos mostram a importância do referido veículo de informação utilizado pela intelectualidade laica dentro da capital cearense e que vai trazer um forte poder de atuação nos anos de 1930, tanto no meio social quanto político.

Andrade Furtado é um exemplo desse prestígio, além dos outros diversos personagens desse laicato que, com o apoio desse diário eclesiástico, entrou no cenário político fortalezense, assim como Luis Sucupira. O destaque desse primeiro e do jornal católico diante do cenário político e social dos anos 30 pode ser percebido em uma notícia de capa que comenta uma viagem do redator-chefe para o Rio de Janeiro.

Viajou, hontem, para o Rio, o dr. Andrade Furtado

Pelo avião da “Panair”, decolado hontem pela manha viajou para a Capital da República o nosso prezado redactor-chefe, dr. M. A. de Andrade Furtado.

O distinto jornalista e líder catholico cearense teve concorrido bota-fora no aeroporto da Barra do Ceará, tendo-lhe ido levar pessoalmente, as suas despedidas os exmos. Srs. Interventor Federal, dr. Menezes Pimentel, Secretário do Interior, dr. J. Martins Rodrigues, e prefeito da capital, dr. Raimundo de Alencar Araripe.

Esta folha se fez representar pelo seu corpo de redactores e uma comissão do seu pessoal administrativo.

Ao seu querido chefe, que foi examinar pessoalmente as possibilidades de aquisição de machinismos modernos para o nosso jornal, bem como tratar dos interesses do Banco Popular de Fortaleza, de que é presidente, “O Nordeste” retira

os seus votos de optima viagem e breve regresso á nossa terra.⁶⁶ [sic.] [grifo do autor]

Apesar de ser uma nota aparentemente pequena, ela vem em destaque na capa do jornal. Como podemos observar:



(FIGURA 2: Capa do jornal O Nordeste de 17 de janeiro de 1938. Fonte: Biblioteca Pública Menezes Pimentel.)

Assim, podemos analisar o ponto em que a nota foi colocada, primeiro na capa do jornal; segundo, se observarmos a estrutura de construção da capa, perceberemos que existem duas notícias que saltam aos olhos do leitor ao olhar o diário católico. Inicialmente destaque para a notícia de “construção do porto” que está ligada à chegada e hospedagem do Ministro da Viação na cidade, em seguida nos chama a atenção a notícia referente ao redator-chefe. Sobretudo sua localização diante da capa, um local literalmente central, no qual seria impossível passar despercebido, principalmente por causa da fotografia de Andrade Furtado. Enfatizando que é a única notícia de capa que possui uma imagem, além das letras da chamada que estão em destaque.

⁶⁶ Viajou, hontem, para o Rio, o dr. Andrade Furtado. **O Nordeste**. Fortaleza, 17 de janeiro de 1938, p. 1.

Portanto, cabe aqui analisarmos a preocupação dessa intelectualidade responsável pelo jornal em querer chamar a atenção do leitor para que essa notícia não passasse despercebida. Não podemos desprezar a imagem, pois o texto escrito só tem significado para o público culto, ou seja, leitores que conseguiam interpretar e decodificar o texto escrito, no entanto a imagem vai além desse seleto grupo de leitores. A fotografia de Andrade Furtado chamava a atenção do leitor (não há dúvidas), porém também tinha condições de despertar a curiosidade daquele público, o qual não tinha acesso à leitura e desta maneira levá-lo a buscar esse público mais culto, o qual poderia lhe passar as informações referidas ao redator e católico atuante no cenário social de Fortaleza.

A notícia nos mostra que o católico responsável pelo jornal estava indo ao Rio de Janeiro para, supostamente, “examinar pessoalmente as possibilidades de aquisição de maquinismos modernos” para a produção do periódico eclesiástico. Porém, essa viagem feita pelo redator-chefe do jornal católico de Fortaleza é bem significativa, não só pelo fato dele ter ido em busca de novos maquinários para a impressão do periódico, mas também pelo fato de ter sido o Rio de Janeiro o local escolhido para essa viagem, pois é na capital federal que se encontrava o líder da Igreja Católica no Brasil, o cardeal Dom Sebastião Leme. Além de ser também naquela cidade um dos principais centros irradiadores da Ação Católica e da imprensa ligadas a essa intelectualidade laica, ou seja, o Centro Dom Vital e a revista A Ordem, dos quais Luis Sucupira foi integrante do referido Centro e colaborador da mesma revista. Esses dois, o Centro e sua revista, eram considerados pela Igreja Católica no Brasil como sendo os principais símbolos da atividade intelectual leiga junto a esta instituição religiosa tão presente em nosso país.

Desta maneira e como um ativo integrante da Ação Católica, como sempre se mostrou Andrade Furtado, sua ida ao Rio de Janeiro é entendida por nós bem mais que uma viagem em busca de um simples maquinário, ela estava relacionada com as diretrizes e organização das atividades e pensamentos que eram estabelecidas e direcionadas por e para a intelectualidade católica, por mais que essas diretrizes não fossem postas em prática tal e qual eram planejadas. Então, isso nos mostra o grau de envolvimento no qual este letrado tinha com a Ação Católica em nossa cidade e o grau de confiança e seu comprometimento junto à Arquidiocese de Fortaleza.

A atuação desse intelectual era diversificada, pois além de sua participação na Academia Cearense de Letras, no Instituto do Ceará, como professor na Faculdade de Direito e como redator chefe do periódico católico, ele ainda era presidente do Crédito Popular São José, que foi criado por Dom Manuel da Silva. Isso nos mostra a importância e sua constante

atuação na Arquidiocese de Fortaleza e na elite intelectual católica, da qual ela fazia parte. Esse Crédito Popular era uma espécie de banco criado pela Arquidiocese, para ajudar nas obras de caridade e às pessoas necessitadas, porém em sua volta podemos perceber mais uma vez a presença do grupo de intelectuais da qual Andrade Furtado fazia parte. Em uma Assembleia Geral dessa associação podemos notar:

Ao acto presidiu o revdom. monsenhor J. A. Furtado [João Alfredo Furtado], Vigário Geral da Archidiocese, que ficou ladeado do exmo. sr. dr. Menezes Pimentel, Governador do Estado, dr. Plácido Castello, secretário dos Negócios da Fazenda e dr. Raimundo Araripe, Prefeito de Fortaleza. Notava-se ainda a presença de várias pessoas distintas entre as quaes destacamos o revdom. mons. José Quinderé, assistente eclesiástico, desembargador Abner C. L. Vasconcellos, srs. Raimundo de Freitas Ramos, vereador José Agostinho da Silva, Clovis Mattos, João Dantas Pinheiro Landim, Raimundo Bezerra da Rocha, além dos membros da administração e corpo de funcionários.⁶⁷ [sic.]

Nesta fonte podemos notar a presença de figuras significativas do círculo social do redator-chefe do jornal católico, pessoas como Menezes Pimentel, Raimundo Alencar Araripe e Abner Vasconcelos (integrante do Instituto Histórico do Ceará), além de duas presenças eclesiásticas, uma J. A. Furtado, que era Vigário Geral e José Quinderé, assistente eclesiástico da Arquidiocese de Fortaleza. Essas figuras mostram o meio social no qual esse letrado estava inserido e sua importância junto a essas associações católicas. A primeira, o jornal *O Nordeste*, centro de difusão e irradiação das ideias e valores católicos da cidade de Fortaleza, um dos principais (se não o principal) veículo de informação da instituição religiosa em nossas terras. Segundo, a presidência do Crédito Popular São José, uma espécie de banco que, segundo o jornal católico, tinha a intenção de ajudar as obras sociais e os desvalidos, ou seja, uma associação que trabalhava com dinheiro que supostamente seria da Igreja, mostrando, assim, o grau de confiança e de atuação que este personagem tem frente à Arquidiocese de Fortaleza.

Contudo notamos que esse crédito popular era uma cooperativa que foi além da ação social para os necessitados, estava para além das obras de caridade, como podemos ver no relatório que foi lido no dia da Assembleia Geral e depois publicado no jornal dias a frente.

Por outro lado, em consideração às dificuldades da vida, procuramos atender às exigências do tempo e do meio, melhorando os honorários dos nossos dedicados colaboradores, de modo que os seus vencimentos sejam compatíveis com o grau de prosperidade que, ora, felizmente, desfrutamos. Reservamos parte dos nossos lucros, como nos anos anteriores, á distribuição com as verbas estatutárias referentes a bonificações aos sócios iniciadores, ás obras de

⁶⁷ Assembleia Geral do Crédito Popular S. José. *O Nordeste*, Fortaleza, 20 de março de 1937, p. 07.

assistência colectiva, á acção catholica e para subsidio da caixa de beneficência dos funcionários.⁶⁸ [sic.]

Neste trecho acima citado podemos notar que nem sempre os dividendos do Credito Popular eram voltados às obras de caridade ou para os desvalidos, mesmo tendo um valor que era destinado para a Ação Católica e para a assistência coletiva, verificamos que existia um grupo que recebia “bonificações” desta corporativa. Acreditamos que o Crédito Popular São José, assim como o jornal católico faziam parte de uma estratégia de atuação da Ação Católica junto à Arquidiocese de Fortaleza, nos quais tínhamos um grupo de letrados que eram favorecidos com essas agremiações.

Voltando ao assunto da viagem de Andrade Furtado ao Rio de Janeiro, percebemos que alguns personagens de destaque político foram lhe visitar em sua partida, era “o Sr. Interventor Federal, dr. Menezes Pimentel, Secretário do Interior, dr. J. Martins Rodrigues, e prefeito da capital, dr. Raimundo de Alencar Araripe”. Estar presente na “despedida” do responsável por um dos principais jornais da capital cearense era uma vitrine para esses senhores que estavam ocupando cargos públicos, porém acreditamos que existia algo que ia além de se projetar publicamente no cenário estadual ou municipal.

Primeiro, observemos quem eram esses personagens: Menezes Pimentel, José Martins Rodrigues e Raimundo Alencar Araripe. Segundo, analisemos o lugar social de onde partiu esses três; o primeiro foi Governador do Estado de 1935 a 1945, participou da Academia Cearense de Letras, mas antes disso já havia sido presidente do Circulo Católico de Fortaleza e foi em 1934 professor da Faculdade de Direito, na qual também chegou a ser diretor, assim como Andrade Furtado; o segundo frequentou a Academia Cearense de Letras nos anos de 1930, foi diretor nos primeiros anos do jornal O Nordeste junto com Andrade Furtado, era advogado e foi Secretário do Interior do Governo daquele período. Por fim, Raimundo Alencar Araripe que assumiu a prefeitura de Fortaleza um ano depois de Menezes Pimentel assumir a interventoria em nosso estado. Araripe era formado em direito, foi presidente da União dos Moços Católicos (UMC), eleito prefeito de Fortaleza em 1936 com o apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC), além de ser considerado “católico convicto e praticante” ficou na presidência do Conselho Central do Ceará da Conferência Vicentina

⁶⁸ CREDITO POPULAR S. JOSÉ. **O Nordeste**, Fortaleza, 24 de março de 1937, p.06.

(Sociedade São Vicente de Paula) quando o Barão de Studart⁶⁹ se afastou em 1931, onde ficou até os anos de 1956 à frente dessa instituição católica.⁷⁰

Analisamos a presença desses integrantes não como uma simples forma de se projetar diante da imprensa católica para nosso estado ou para Fortaleza. Compreendemos a presença desses personagens junto a Andrade Furtado tanto em sua viagem para o Rio de Janeiro, como também na Assembleia Geral do Crédito Popular São José e em várias outras ocasiões nas quais encontramos principalmente Menezes Pimentel e Raimundo Araripe, além de outros como Abner Vasconcelos, José Martins Rodrigues, Luis Sucupira e José Valdivino, como sendo parte integrante do grupo da Ação Católica de Fortaleza, que atuava em várias atividades nos diversos setores sociais, inclusive na própria produção e mediação das ideias defendidas pelo laicato católico nas páginas do jornal O Nordeste, junto com os padrões que eram desejados e divulgados para a sociedade através desse grupo de intelectuais.

Então é nesse contexto de forte atuação da Ação Católica na cidade de Fortaleza e na utilização do seu jornal como trincheira de combate e defesa dos valores defendidos por estes intelectuais católicos é que interpretamos a sua intensificação, pois, nesse período, como pudemos analisar, tivemos uma elite intelectual católica consolidada e que desempenhou atividades em diversos setores da sociedade, direcionados pelos preceitos religiosos aos quais estavam vinculados. Destacando a intensidade dessa atividade nos anos de 1936 até 1941, nos quais tivemos Menezes Pimentel como Interventor do Estado e Raimundo Alencar Araripe como Prefeito de Fortaleza, caracterizando esse período como um momento político que o poder executivo de nosso estado e da capital cearense, estava nas mãos dessa intelectualidade laica católica que desempenhou um trabalho conjunto entre a Ação Católica e a Arquidiocese de Fortaleza e que mantinham relações próximas aos três intelectuais, Andrade Furtado, Luis Sucupira e José Valdivino, de forte atuação no jornal católico fortalezense e que desejavam cada vez mais consolidar e propor valores e concepções de mundo comum a este grupo intelectual da cidade.

Assim, entenderemos essa intelectualidade católica e suas ações integradas à Arquidiocese de Fortaleza, combatendo as ideias contrárias aos seus preceitos religiosos e desejando estabelecer através de seus discursos e suas ações proferidos através do jornal O Nordeste. A construção de uma visão de mundo para a sociedade fortalezense e a busca por disciplinar a população com seus discursos e ações através do jornal católico, vai ser basilar

⁶⁹ Guilherme Studart ficou na presidência dessa Sociedade dos anos de 1889 à 1931, ou seja, mais de quarenta anos.

⁷⁰ SILVA. Pedro Alberto de Oliveira. Raimundo de Alencar Araripe e a Prefeitura Municipal de Fortaleza (1936-1945). In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo CXX, 2006.

para as atividades e os embates desenvolvidos por estes intelectuais, se utilizando estrategicamente de forma simbólica e constante nas suas ações a tríade Deus, Pátria e família, com o objetivo de tentar controlar os hábitos, comportamentos e os costumes que eram indesejados pelos preceitos dessa intelectualidade e ao mesmo tempo que almejava inserir os valores e práticas que eram desejados por ele para essa sociedade. Para isso se utilizaram do seu diário católico como linha de frente para a Ação Católica na militância e nos seus combates aos pensamentos contrários aos da Arquidiocese de Fortaleza naquele período e para isso veremos intensos debates em torno da educação, do carnaval e do cinema, os quais passavam simbolicamente uma visão de mundo contrária ao que era desejado por este grupo católico e por esse motivo foram combatidas. Defendia, assim, as concepções de mundo e de costumes que se enquadrava nas aspirações desse laicato fortalezense.

CAPÍTULO 2: A educação e o ensino religioso: intelectualidade católica e as estratégias na construção de padrões sociais em Fortaleza.

Como podemos observar, existia um grupo de intelectuais leigos que atuava e participava da Arquidiocese de Fortaleza. Esse laicato, como vimos, tinha algumas frentes de atuação e uma dessas principais frentes era o jornal católico O Nordeste. Através desse periódico eram feitos por estes intelectuais combates às ideias, eram defendidos os valores católicos, como já foi trabalhado no capítulo anterior.

No entanto, O Nordeste também foi usado de forma estratégica por estes intelectuais da Arquidiocese para reconstituir modelos de comportamentos que eram desejados por estes católicos para a população fortalezense, principalmente voltada para os jovens, um dos principais alvos de atuação destacado por essas publicações. Além disso, ainda podemos afirmar que esses artigos escritos por estes intelectuais e publicados no jornal católico também tinham a função de restabelecer os lugares sociais destinados para homens e mulheres, segundo os valores e a visão de mundo desses intelectuais católicos.

Junto com o jornal, os debates em torno da educação, artigos contra o comunismo e outros posicionamentos políticos e ideológicos foram usados como pontos estratégicos pelos intelectuais católicos para alcançar os objetivos acima mencionados. Dessa maneira, poderíamos nos perguntar: qual seria a melhor forma de estabelecer padrões comportamentais, valores e lugares sociais para essa sociedade?

A resposta para essa questão logo foi percebida, pois as constantes lutas travadas por parte dos intelectuais católicos de Fortaleza a respeito da “laicização da educação” e a defesa perene do ensino religioso nas escolas, como iremos perceber no desenvolvimento deste capítulo não eram poucas. Os artigos que versavam sobre esses assuntos sempre traziam posicionamentos que buscavam defender suas concepções educacionais ao mesmo tempo em que desejava restabelecer comportamentos para homens e mulheres da capital cearense. Na visão desses católicos, seria um “erro a laicização da educação” e uma obrigação o ensino religioso nas escolas, justamente através desse segundo ponto que teriam de forma estratégica os valores e os preceitos católicos restituídos, difundidos e perpetuados (pelo menos teoricamente) no seio da juventude e da sociedade fortalezense, pois neste momento tínhamos a educação pública como uma obrigação do Estado, que a partir da década de 1930 passava a ser ampliada na capital cearense e em todo o território nacional. Então, o empenho católico

em conseguir restituir o ensino religioso na esfera educacional⁷¹ era um enorme passo para atender as suas expectativas a respeito da sociedade a qual visava reconstruir e legitimar os valores católicos. E o laicato católico sabia muito bem disso.

Portanto, as ações desse grupo são calculadas, têm um objetivo e um público alvo específico. Por exemplo, quando nos referimos ao jornal, os seus artigos eram direcionados ao público católico leitor de nossa cidade⁷², nele podemos incluir padres, advogados, médicos, professores, políticos etc. Quando falamos que essas estratégias eram calculadas e têm um objetivo, isso pode ser percebido quando os debates travados nas folhas desse periódico a respeito da educação, do ensino religioso e dos padrões comportamentais desejados pelo grupo católico, buscavam restabelecer seus valores e sua visão de mundo no meio social desse público leitor, no qual atuariam como agentes de divulgação dessas concepções.

A Arquidiocese de Fortaleza e os seus intelectuais leigos não eram os únicos a ver na educação uma possibilidade de propor e impor padrões comportamentais e o “futuro padrão” da nação brasileira. Existiam outras ideias e outros setores que disputavam esse espaço tão almejado e batalhado pelos católicos, como bem nos mostra Simon Schwartzman quando se refere à Igreja Católica na década de 1930:

Em busca de um papel político, a Igreja reconstruía seu discurso doutrinário e catequético. A educação aparecia então como uma área estratégica. Era um espaço institucionalizado que permitia articular a doutrina e a prática. Neste campo, a Igreja se mostraria particularmente sensível. Os problemas resultantes do aumento da demanda por educação inspiravam soluções que afetavam os fundamentos mais sagrados de sua ação pedagógica. As pressões por um tipo de educação condizente com a industrialização levavam à procura de um ensino mais prático, voltado para o desenvolvimento de habilidades exigidas para as transformações concretas, um ensino que se preocupasse mais com a competência e menos com a capacidade. A Escola Nova se encarregava de formular sua proposta educacional nesta direção. Marcada pela orientação de Dewey, punha toda ênfase no ato de aprender em detrimento da ação de ensinar; acreditava no aprender-fazendo, livremente.⁷³

Ficam claras as intenções católicas no que dizia respeito à educação e como era compreendida por este grupo. Mesmo que as nossas análises circunscrevem-se à cidade de Fortaleza, a visão de Schwartzman sobre a Igreja Católica muito nos ajuda, pois a educação não era apenas um espaço para ação pedagógica católica, mas também um ponto estratégico para conseguir mais espaço político naquele momento histórico entre as décadas de 1930 e 1940. Todavia, como bem nos mostra o autor esse não é um lugar exclusivamente católico e

⁷¹ Que havia sido perdido desde a Proclamação da República em 1889, quando ocorre a separação entre Igreja Católica e o Estado Republicano.

⁷² De forma mais ampla, também se voltava a um público católico leitor de nosso Estado, de maneira geral, uma vez que se procurava levar o diário católico aos diversos municípios do Ceará.

⁷³ SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema** / Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa – São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 74.

nem muito menos eram uniformes as formas que se pensavam a educação escolar. A Escola Nova possuía uma visão educacional que crescia nesse momento, e concorrendo junto com outros projetos educacionais como o das Forças Armadas e até mesmo projeto de cunho fascista⁷⁴ (que tinha a frente Francisco Campos).

Como pudemos observar na citação, o Brasil institucionalizou nesse período a obrigatoriedade da educação pública, a qual ficava sob a responsabilidade do Estado. No entanto, existiam várias vertentes e diversos grupos que defendiam modelos educacionais distintos e concorrentes, que por trás das disputas educacionais traziam em seus modelos ideias sobre a organização política do país, o modelo de Estado desejado, a forma de representação política e a inserção e participação da sociedade nessas concepções. Ou seja, não estava se disputando apenas modelos educacionais, mas também modelos de sociedade, de política, de religião etc. Por isso, a intelectualidade católica buscou recuperar espaço nesse setor da sociedade para assim “articular doutrina e prática” com o seu modelo educacional procurando através de um tom “doutrinário e catequético” defender o modelo educacional católico em contra posição aos vários outros modelos que estiveram presentes naquele período.

Em Fortaleza, os debates em torno da educação não foram menores e iremos perceber que existia um forte combate católico através do jornal O Nordeste, contra alguns valores educacionais que estavam sendo estabelecidos naquele momento. No entanto, nosso interesse não está centrado no debate em torno dos modelos educacionais, mas sim nos objetivos desses intelectuais católicos com o modelo defendido por eles, nos quais buscavam moldar corpos, comportamentos, gestos, padrões sociais e os lugares sociais para os sexos masculino e feminino. Dessa maneira, analisaremos o pensamento católico em torno da educação, relacionando a defesa e o combate por parte dos intelectuais católicos nas páginas do periódico fortalezense.

2.1 – Educação Católica: para quem? E para quê?

Inicialmente, como pudemos observar, a educação era um ponto estratégico usado pela intelectualidade católica para compor padrões desejados ao mesmo tempo em que era um campo de batalha no qual se buscava espaço para consolidar sua posição política e legitimar o espaço, o qual o grupo católico tinha conseguido alcançar na década de 1930, depois de um

⁷⁴ Para saber mais sobre estes projetos e outras ideologias educacionais nas décadas de 1930 e 1940, ver: SCHWARTZMAN, Simon. Op. cit.

momento de rompimento e perdas pelo qual esse grupo passou com a Proclamação da República.

Assim, compreendendo a educação como um espaço no qual existia uma disputa e que existiam mais de um grupo e mais de um modelo educacional tentando se legitimar nesse período, busquemos agora nos centrar como a educação católica era pensada, para quem ela se voltava de forma mais efetiva e por fim quais as estratégias usadas pela intelectualidade católica e a Arquidiocese para conseguir legitimar seu discurso em torno do pensamento educacional, para conseguir mais adeptos e ao mesmo tempo influenciar as pessoas no que estava sendo dito e no que deveria ser feito.

Nesse sentido, olhemos como se davam as notícias que circulavam a respeito desse assunto e como se posicionava a Arquidiocese de Fortaleza através da sua intelectualidade.

Aos Paes e Mães de Família catholicos da Fortaleza e do Ceará [grifo do autor]

Tendo chegado o tempo em que se renovam as matrículas nos collegios, relembramos aos Paes e Mães de Família o dever grave de consciência de não consentirem que seus filhos frequentem collegios **acatholicos** ou **protestantes** [grifo nosso], embora tenham nomes que não indiquem o fim para que foram fundados, e garantam seus dirigentes a mais absoluta neutralidade em relação ao ensino da Religião.⁷⁵

Neste trecho citado podemos destacar dois pontos principais inicialmente para analisarmos as estratégias e a quem se voltava essa nota publicada no jornal católico. Primeiro, a chamada no periódico se encontrava na capa e em letras grandes e em negrito, posicionada na parte direita da capa, mas com o título iniciando acima do meio, ficando em uma posição privilegiada em relação às outras notícias que ficavam na parte superior ou inferior. Dessa forma, dificilmente alguém que abria o jornal ou visse exposto dobrado deixaria de ver facilmente a chamada.

Em relação a esta fonte, acreditamos que apesar de trazer de forma destacada em seu título “Aos Paes e Mães de Família catholicos da Fortaleza e do Ceará”, não significava que todos os pais e mães católicos do Estado lessem, até porque nem todos sabiam ler, isso sem falar da dificuldade do acesso dessas famílias ao jornal, mas isso também não significava nem nos dá garantia de que o conteúdo dessa notícia não chegava aos ouvidos de boa parte do público católico. Como já mencionamos no capítulo anterior, esses artigos geralmente eram lidos por um público diverso, incluindo padres e professores, pessoas que tinham acesso

⁷⁵ Aos Paes e Mães de Família catholicos da Fortaleza e do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 de janeiro de 1940, pag.01.

direto às famílias católicas, sejam através das escolas ou das missas, possibilitando que aquelas informações contidas ali chegassem a um público não leitor ou que não pudesse ter acesso ao jornal por qualquer dificuldade. Assim, temos o segundo ponto importante dessa citação, pois mostramos que este discurso que estava sendo proferido nas páginas do jornal católico era direcionado para a família católica fortalezense e de forma mais ampla para a família católica cearense.

Entendemos esse apelo à família não apenas como um discurso que mostra sua preocupação em torno desse grupo católico, nem tão pouco um simples aviso a respeito dos perigos que cercavam a educação naquele momento, mas sim entendemos esse olhar direcionado às famílias como uma estratégia do grupo católico de conseguir, primeiro, o apoio da população em torno de seu modelo educacional, segundo, legitimar o ensino religioso católico nas escolas públicas de Fortaleza e do Estado e por fim combater os ideais contrários ao catolicismo e o avanço do pensamento protestante que buscava ganhar espaço diante do ensino religioso que havia sido estabelecido pela Constituição de 1934 (considerada uma das conquistas políticas católicas nesse período).⁷⁶

Essas questões, como podemos ver, aparecem inicialmente no jornal e junto busca trazer a família como base de atuação e de combate aos ideais e às instituições de ensino “acatholicas” e “protestantes”, pois segundo a nota católica era “dever grave de consciência” dos pais proibir a participação dos seus filhos em tais instituições de ensino. No entanto, verificamos bem mais que isso nas entre linhas, pois nesse período se falava em um ensino laico, sem direcionamento religioso, o qual não se consolidou com a Constituição de 1934, muito pelo contrário, vimos algumas conquistas católicas. Porém, o que preocupava o grupo católico não eram apenas as ideias que vinham contra os seus ideais, mas qualquer ideia de cunho religioso, político ou social ministrado por alguém que não fosse católico, ou que não estivesse de acordo com os preceitos desse grupo. Isso pode ser visto no final da citação quando ele se refere à neutralidade dos dirigentes quanto ao ensino de Religião. Abrir espaço para outras doutrinas religiosas poderia significar despertar a curiosidade desses filhos de famílias católicas (por isso futuros católicos em potencial) em conhecer outras doutrinas religiosas e isso significava pôr em risco o futuro da religião católica e consequentemente os objetivos políticos, ideológicos, comportamentais e a legitimidade das conquistas que estavam sendo conseguidas por este grupo no cenário municipal, estadual e federal.

E a respeito desses colégios a nota continua:

⁷⁶ SCHWARTZMAN, Simon. Op. cit. p. 78.

Não nos iludamos. Tais collegios são fundados exclusivamente para propaganda do protestantismo, e se disfarçam em neutros para atrair aos incaustos. **Na Bahia há um destes, até agora intitulado Collegio Americano, e que acaba de mudar de nome para melhor enganar aos catholicos, tomando o título de uma das nossas datas nacionais.** [grifo nosso] Pois esse collegio, que nos primeiros tempos alardeava a mais completa neutralidade e o maior respeito á crença dos catholicos, agora, obtida a confiança de imprudentes paes de família, manifesta-se francamente protestante, obrigando os alunos ao culto e as instrucções protestantes.

É peccado grave matricular os filhos em taes collegios, e os que o fazem não podem ser absolvidos e admitidos á Santa Communhão. [...] [grifo nosso]

Cumprimos nosso dever de Pastor avisando em tempo aos que têm Fé, e têm zelo pela alma de seus filhos, embora se irrite contra nós os interessados.

Este aviso seja lido, explicado, e corroborado por todos os Rvmos. Sacerdotes, por ocasião das Missas nos domingos. [grifo nosso]

Fortaleza, 28 de Dezembro de 1939.

† **Manoel, Arcebispo Metropolitano da Fortaleza.** [grifo do autor] ⁷⁷

Mais uma vez é reforçado o tom de combate e de oposição a tais escolas que se posicionavam como neutras e mais ainda as que se manifestavam como protestantes. Assim, vemos como o jornal O Nordeste era um forte instrumento usado pela Arquidiocese de Fortaleza como base de combate e de apoio do grupo católico, ressaltando mais uma vez a importância da família nesse papel educacional e como ponto estratégico contra esses colégios combatidos. Nesse sentido, entendemos a ação pedagógica católica não apenas voltada para as escolas, mas também voltada ao público católico que lia seu jornal, pois o periódico buscava construir e informar como os pais deveriam escolher as escolas nas quais iriam matricular seus filhos, colocando estrategicamente os pais como figuras que tinham um dever com os seus filhos e com a religião católica. Como verificamos “matricular os filhos em taes collegios” era considerado “pecado grave [...] e os [pais] que fazem não podem ser absolvidos e admitidos à Santa Communhão”, mostrando assim a punição que receberiam os pais que fizessem a matrícula de seu filho em tais instituições e ao mesmo tempo analisamos o poder simbólico⁷⁸ usado pela Arquidiocese de Fortaleza em torno do seu poder religioso e de seus rituais.

Outro ponto importante e que deve ser mencionado está no final da citação em destaque por nós, nela é dito que aquele aviso deveria ser “lido, explicado e corroborado por todos” os padres nas Missas de domingo, o que nos mostra a tentativa católica de que aquela

⁷⁷ Aos Paes e Mães de Família catholicos da Fortaleza e do Ceará. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 de janeiro de 1940, pag.01.

⁷⁸ “[...] O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011. pp. 7 e 8.

informação chegasse não apenas ao público leitor⁷⁹, pois sendo estas minorias, o grupo católico tinha que chegar aos não leitores e assim temos a importância do periódico católico que vinha não apenas direcionado para um pequeno grupo de católicos leitores, mas funcionava também como um mecanismo de comunicação da Arquidiocese com os seus sacerdotes. Estes exerciam uma função importante nessa estratégia de informação, pois seriam eles um dos grupos⁸⁰ que levavam os ideais católicos expressos nas páginas do “O Nordeste” para o público não leitor.

Neste sentido, podemos refletir um pouco sobre o simbolismo dessa tarefa e ao mesmo tempo o poder simbólico de tais palavras proferidas em uma missa realizada no domingo. Primeiro, por ser um lugar de encontro católico, no qual, naquele momento, concentravam-se nomes como Andrade Furtado, Raimundo Alencar Araripe e Menezes Pimentel nas Igrejas localizadas no centro da cidade, local frequentado pelas “famílias católicas”, as mais abastadas de Fortaleza. Segundo, devemos levar em conta o papel exercido pelo padre neste momento e o lugar social da sua fala, pois ele ocupava um lugar de destaque, principalmente no que dizia respeito às questões religiosas, ou seja, nas “absolvições” e na “Santa Comunhão”. Por mais que saibamos que as palavras proferidas numa missa por um padre não sejam totalmente aceitas por todos e nem tal qual era desejada pelo sacerdote católico, não podemos desprezar o poder de suas palavras e da instituição católica em Fortaleza, principalmente diante de seus fieis e no momento de crescimento e fortalecimento católico tanto em questões políticas, religiosas, como também, na atuação laica, pois essas questões não podem ser desprezadas.

Além disso, outro ponto nos chamou muito a atenção, no início da fonte usada é citado um colégio na Bahia que “tomando o título de uma das nossas datas nacionais”, teria mudado seu nome para enganar os católicos, segundo o Arcebispo Metropolitano de Fortaleza. Isso nos chamou bastante atenção depois que nos deparamos com outra fonte do mesmo jornal, publicada 18 dias após a nota do referido Arcebispo. No entanto, essa nova publicação estava relacionada à Ação Católica de Fortaleza em torno da educação que estava sendo pensada para a capital cearense.

⁷⁹ Sendo que este público leitor era minoria no país, visto que não tínhamos ainda uma ampla difusão do ensino público e consequentemente um pequeno acesso das camadas populares ao ensino público, ou seja, poucos sabiam ler e escrever.

⁸⁰ Entendemos os padres como sendo um dos grupos que levavam os ideais católicos ao público não leitor, pois detectamos outros grupos que tinham esta mesma função, como por exemplo, os grupos da Ação Católica e a Liga dos Professores Católicos. Grupos estes que necessariamente não tinham como função principal levar esses ideais para o público não leitor, mas que faziam isso de forma indireta, em suas reuniões e quando palestravam a convite da União dos Moços Católicos ou em outras eventualidades católicas.

A Junta Arquidiocesana da Ação Católica de Fortaleza elaborou e propõe-se executar o seguinte plano educacional:

a) Afastar, por todos os meios, os filhos das famílias católicas dos colégios protestantes existentes na capital, a saber: “Colégio Sete de Setembro e “Colégio Barão de Studart”. [...]

e) Aqueles que, no prazo de dois anos, não realizarem o compromisso assumido espontaneamente, serão apontados como colégios não recomendados às famílias católicas.

f) Dentro de poucos dias publicaremos os nomes dos estabelecimentos de ensino recomendados e apoiados, no ponto de vista de organização católica, pela Junta da Ação Católica.⁸¹ [grifo do autor]

Interessante observarmos como no dia 12 de janeiro de 1940 o Arcebispo traz em uma nota publicada no jornal da Arquidiocese de Fortaleza falando a respeito da educação e de colégios intitulados pelo clérigo como sendo “acatholicos ou protestantes” e, por fim, traga um exemplo acontecido no Estado da Bahia, de um suposto colégio que havia mudado recentemente de nome, colocando o nome “de uma de nossas datas nacionais”. Curioso observar essa afirmação, quando comparamos com a citação acima, pois acreditamos não ser apenas uma coincidência, mas uma estratégia utilizada pelo grupo católico na intenção de informar simbolicamente que teriam colégios em Fortaleza com o mesmo propósito, como no Estado baiano. Visivelmente já tínhamos naquela primeira nota um prelúdio, uma espécie de aviso para os católicos a respeito do “Colégio Sete de Setembro”, sendo citado agora de forma direta e mostrando que este seria um “inimigo” dos ideais católicos pela sua ligação protestante.

Ressaltamos que as afirmações que foram feitas por Dom Manuel em sua nota estavam diretamente relacionadas a esta segunda citação e essa afirmação não parte de especulações, mas sim de indícios que foram deixados pelo clérigo em sua primeira nota, pois no início da segunda nota, com o título de “Aos Paes e Mães de Família catholicos da Fortaleza e do Ceará” ele também deixa transparecer uma outra informação a respeito dos colégios que estavam sendo combatidos dizendo: “relembremos aos Paes e Mães de Família o dever grave de consciência de não consentirem que seus filhos frequentem collegios acatholicos ou protestantes, embora tenham nomes que não indiquem o fim para que foram fundados”. Esse alerta feita aos pais de família católicos em um primeiro momento pode até ser entendido de maneira despretensiosa, ou sem apontar qualquer grupo diretamente contrário ao modelo de educação católica, porém mais uma vez percebemos que a primeira nota feita pelo Arcebispo estava diretamente ligada a que foi publicada dias depois, visto que não sendo suficiente fazer uma clara referência ao colégio Sete de Setembro, logo em seguida

⁸¹ Ação Católica Brasileira (Junta Arquidiocesana de Fortaleza). **O Nordeste**, Fortaleza, 30 de janeiro de 1940, pag.01.

temos apontado como colégio protestante o Colégio Barão de Studart. Não esquecendo que este último colégio leva o nome de um influente intelectual católico que morrera no ano de 1938, ou seja, fazia apenas 2 anos de sua morte. No entanto, mesmo levando o nome de um intelectual católico, que recebeu o título de Barão pelo Papa Leão XIII⁸², o colégio não é poupado das críticas da Arquidiocese e dessa forma mostra a ligação daquele primeiro texto feito pelo Arcebispo em relação ao do dia 30 de janeiro. Mostra que “aquelas instituições na qual o nome não condiz com o fim para que foram criadas” eram justamente as instituições de ensino acusadas pelo jornal católico, ou seja, os colégios Sete de Setembro e Barão de Studart.

A respeito dos dois colégios citados, não conseguimos informações que pudessem nos dar indícios de quem estava à frente do colégio Barão de Studart. Porém, sobre o Colégio Sete de Setembro conseguimos informações que nos mostram os motivos pelos quais o grupo católico combatia essa instituição de ensino.

Este Colégio tradicional de Fortaleza, nesse momento da década de 1930 começava a dar seus primeiros passos. Fundado por Edilson Brasil Soares:

Voltando à Rua do Rosário que tinha sido interditada, foi no número 77, onde ficava a Igreja Presbiteriana, que a nossa escola foi fundada [...] e o primeiro nome da nossa escola não era Colégio 7 de Setembro e sim Instituto Erasmo Braga. O que aconteceu foi que a partir de 1933, Edilson colocou em prática a idéia de dar aulas em casa. Seria um cursinho para alunos que precisavam fazer a seleção para o Liceu. Um assunto que ele conhecia profundamente. Um ano depois Edilson não tinha mais lugar em casa para colocar tanto aluno que procurava o seu cursinho. Edilson pediu socorro ao pastor Reverendo Natanael Cortez. Queria usar uma sala da igreja que ficava desocupada durante a semana. O pastor concordou com o pedido. Assim foi fundado o Instituto Erasmo Braga. Edilson estava com 20 anos. Além do Liceu, o cursinho recebia alunos que queriam fazer seleção para a Escola Normal e para o Colégio Militar. Em pouco tempo o cursinho do Professor Edilson era o melhor da capital.⁸³

Como observamos o professor, diretor e dono do Colégio Sete de Setembro, Edilson Brasil, iniciou suas atividades educacionais direcionadas aos alunos que buscavam fazer os testes de admissão das escolas, que naquele momento eram consideradas modelos e almeçadas por muitos alunos da capital, como o Liceu do Ceará, a Escola Normal e o Colégio Militar. Porém, segundo a fonte, essas atividades ganharam adesão de vários alunos e logo o fundador que era protestante teve que buscar um outro espaço que pudesse receber mais alunos.

⁸² AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Barão de Studart**: memória da distinção. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretária da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

⁸³ COLÉGIO SETE DE SETEMBRO. **Valores inestimáveis**. Disponível em: <<http://www.cognitiva.com.br/7museu/associados/7historia/Anos_30/Anos30_Escola.htm>> Pesquisado em: janeiro de 2013.

O local escolhido e que apoiou as atividades de Edilson Brasil Soares, foi o “pastor Reverendo Natanael Gomes Cortez”, que disponibilizou uma sala dentro da Igreja Presbiteriana, ali iniciava o Instituto Erasmo Braga, projeto inicial em que se desenvolveria um ano depois o Colégio Sete de Setembro, em 1935. Assim, podemos entender as preocupações do grupo católico em volta dessa instituição de ensino e afirmar que definitivamente era sim um ataque direto ao referido colégio, aos ideais religiosos de seu fundador e ao grupo protestante que existia em Fortaleza. Reforçando ainda mais essa nossa afirmação é a menção feita pela nota do arcebispo quando se refere às instituições que teriam mudado de nome e que teriam aderido nome de uma de nossas datas nacionais, que, como vimos, é o que aconteceu com o estabelecimento de ensino fundado por Edilson Brasil Soares, que recebe o nome de Instituto Erasmo Braga em 1934 e, um ano depois, o nome Colégio Sete de Setembro.⁸⁴

Quando nos deparamos com a nota da Junta Arquidiocesana da Ação Católica, não podemos esquecer que temos a Arquidiocese de Fortaleza e a intelectualidade católica juntas nesse grupo, atuando diante dos anseios, perspectivas e visões de mundo católico e combatendo todos os pensamentos e visões de mundo diferentes da sua. Essa ligação nos mostra como a educação era um campo de combate de ideias e de modelos educacionais que tentavam se estabelecer nessa sociedade por parte desse grupo, ao mesmo tempo em que trazia modelos que iam para além do âmbito educacional, como exemplo modelos políticos, sociais e econômicos. Por mais que a fonte não seja assinada, ou não mostrasse os nomes dos indivíduos que participam dessa Junta Arquidiocesana da Ação Católica, não podemos dissociar o papel de Andrade Furtado, diretor-chefe do jornal, Luiz Sucupira, presidente da Liga dos Professores Católicos de Fortaleza e do Professor José Valdivino⁸⁵ (Orador Oficial da União dos Moços Católicos), que constantemente traziam notas e artigos a respeito do tema educação e reforçando os padrões e valores culturais católicos no âmbito social da cidade. Além disso, não podemos desprezar o poder e as estratégias traçadas pelo grupo católico no qual estabelece padrões que deveriam ser seguidos ou, caso contrário, seriam desaprovados pela Junta Arquidiocesana e amplamente divulgados pelo jornal O Nordeste.

Apesar dessa manifestação do grupo católico e das imposições a respeito do cumprimento das diretrizes e das ameaças no caso do não cumprimento delas, outra nota nos

⁸⁴ Para saber mais sobre este colégio e sobre Edilson Brasil Soares, ver: SOAREZ, Ednilo. **Edilson Brasil Soares**: um marco na educação. Editora Verdes Mares – Diário do Nordeste. Fortaleza – CE.

⁸⁵ Esses dois últimos intelectuais citados serão melhor trabalhados nos tópicos a seguir.

mostra que o grupo católico, como já frisamos, não era o único nessa luta por espaço na educação formal.

**Junta Arquidiocesana da Ação Católica
(Esclarecimentos)**

1º) Quando dissemos na letra a) do nosso plano educacional, publicado em “O Nordeste” de 30 do corrente: “Afastar, por todos os meios, os filhos das famílias católicas dos colégios protestantes existentes na capital, a saber: “Colégio Sete de Setembro” e “Colégio Barão de Studart”, não comprometemos extinguir os referidos colégios, fazer combate pessoal aos seus diretores, mas visamos à família católica, afastando-a do gravíssimo perigo para a fé dos seus filhos, que é a educação em colégios protestantes. Cumprimos um dever de consciência, um dever religioso, pois a Ação Católica tem obrigação de conduzir os católicos para Nosso Senhor Jesus Cristo.

2º) A expressão: “por todos os meios” nem se faz mister explicar, significa: por todos os meios LICITOS, porque a Igreja católica para realizar os seus intentos não emprega meios ilícitos e nem deles precisa.

3º) – Todos os itens da letra e) do referido plano devem ser cumpridos DESDE LOGO. [grifo do autor]⁸⁶

O que temos que analisar agora são os esclarecimentos dados pelo grupo católico através do jornal O Nordeste. No entanto, antes temos que analisar alguns outros pontos que para nós também são importantes. Primeiro, não conseguimos encontrar vestígio de contestação nos outros jornais que pesquisamos durante este período sobre o assunto e por isso vem o segundo esclarecimento: o fato de não encontrarmos contestações não significa que não houve, pois quais motivos levariam o grupo católico ao trabalho de esclarecer uma nota publicada em seu periódico se não tivesse tido contestações? Assim, desde já compreendemos essa nota como uma resposta pelo que nos parece as contestações feitas principalmente pelo grupo de dirigentes das duas instituições de ensino citadas na primeira nota (Colégio Sete de Setembro e Colégio Barão de Studart) que deve ter sido manifestada por outros meios de divulgação e por este motivo a resposta do grupo católico.

Assim, a nota publicada se põe inicialmente em um tom de defensiva, argumentando que não é seu intuito o fechamento dessas instituições nem um combate pessoal aos seus diretores, todavia, em nenhum momento negou o combate a tais instituições protestantes e como pudemos perceber esse era um dos principais motivos do tom combativo, o fato dessas instituições estarem de alguma forma ligadas a uma concepção protestante em Fortaleza. Em seguida se resguarda e legitima seu ataque usando o nome da família católica, pois estaria agindo em prol desta e de seus filhos (futuros católicos). Logo após, procura mostrar suas preocupações em torno das ações do grupo católico, deixando claro que este usa “apenas de meios lícitos” para alcançar seus objetivos. Enfim, reitera o que afirmou na

⁸⁶ Junta Arquidiocesana da Ação Católica (Esclarecimentos). **O Nordeste**, Fortaleza, 01 de fevereiro de 1940, pag.01.

primeira nota e que dizia respeito aos prazos e ameaças às instituições que não cumprissem o que a Junta Arquidiocesana havia ditado, ficando isso bem claro no terceiro ponto que vem em destaque na citação e que diz: “Todos os itens da letra e) do referido plano devem ser cumpridos DESDE LOGO”. O referido item dizia que “Aqueles que, no prazo de dois anos, não realizarem o compromisso **assumido espontaneamente** [grifo nosso], serão apontados como colégios não recomendados às famílias católicas”⁸⁷.

Notamos que as pressões do grupo católico eram fortes e que a educação formal era um lugar de disputa, como já mencionamos. Apesar de não encontrarmos os nomes de outras escolas sendo citadas como contrárias ao grupo católico tiveram outras instituições de ensino que firmaram o compromisso com este grupo da Arquidiocese⁸⁸, o que nos mostra o seu poder de influência católico junto a alguns setores da sociedade e como eles atuavam na formação dos jovens e em outras questões de âmbito educacional, político e até mesmo comportamental.

Outro ponto que também nos chama atenção nesse grupo católico em torno das diretrizes educacionais, eram precisamente suas justificativas e sua busca por legitimar uma distinção social para suas atividades no âmbito educacional e vindo sempre acompanhado, como pudemos verificar, que suas ações eram “em prol das famílias”. Nessa perspectiva temos a necessidade de nos debruçar sobre essa justificativa e as intenções por trás das estratégias desse grupo em Fortaleza.

2.1.1 – Família, encíclicas e educação católica.

Desde o primeiro momento em que nos deparamos com nossa documentação, o discurso católico em torno da família foi algo que sempre nos chamou a atenção e despertou nossa curiosidade. A todo o momento e a todo instante as palavras e o discurso católico se voltavam para as famílias ou se justificavam em torno da mesma. Começamos a nos perguntar quais as intenções por trás disso, o que se buscava com essas ações, qual o papel da família nessa visão de educação pensada pelo grupo católico. Não temos dúvida que estas questões levantadas e a concepção católica de família são um ponto chave para entendermos todo o pensamento católico em torno da sua visão sobre a educação formal e sua ação pedagógica através do jornal católico.

⁸⁷ Ação Católica Brasileira (Junta Arquidiocesana de Fortaleza). **O Nordeste**, Fortaleza, 30 de janeiro de 1940, pag.01.

⁸⁸ Como, por exemplo, a escola Lourenço Filho.

Todavia, neste instante, para compreender essas questões teremos que nos debruçar em outro tipo de documentação e, ao mesmo tempo, ter a compreensão que por mais distantes que pareçam esses documentos têm uma ligação e mostra como as ações católicas se inserem em uma rede bem mais ampla e que extrapola o viés puramente religioso. Sabendo de nossas limitações não podemos mostrar essa rede por completo, pois demandaria um trabalho mais apurado e de uma pesquisa bem maior. Considerando nossas limitações temporais, documentais e até mesmo intelectuais, propomos uma relação entre um olhar global, que busca ver “o todo”, e um olhar específico, não no sentido teórico do termo historiográfico, mas sim, no que se refere Michel de Certeau quando fala sobre o olhar de quem planeja e o olhar de quem pratica.

Segundo o autor, são duas visões bem diferentes e que juntas trazem uma gama de possibilidades entre esses dois olhares e os fazeres nessas duas perspectivas.⁸⁹ Então, é nesse aspecto que queremos fazer essa relação entre o global e o específico, porém em um viés voltado para os setores católicos, nos quais voltamos nossa atenção para as diretrizes que vinham diretamente do Papa e do Vaticano, ou seja, um olhar escópico, de quem organiza, de quem planeja, ou seja, intitulamos esse como o olhar de cima. Em contrapartida, procuramos entender e analisar como essas diretrizes vindas do Vaticano, através das Encíclicas Papais, eram apropriadas pelo grupo católico em suas estratégias, disputas nos setores educacionais e nos padrões desejados por esse grupo para a sociedade fortalezense. Dessa maneira este será intitulado o olhar específico, resumidamente o olhar e o fazer de quem pratica.

Assim, vejamos primeiro o que era vindo do “Sumo Sacerdote” a respeito das famílias, sua relação com os clérigos católicos e suas diretrizes. Para isso, inicialmente vejamos uma encíclica que marcou o pensamento católico no que diz respeito as suas ações sociais. Estamos nos referindo à *Rerum Novarum*:

Nenhuma lei humana poderia apagar de qualquer forma o direito natural e primordial de todo o homem ao casamento, nem circunscrever o fim principal para que ele foi estabelecido desde a origem: «Crescei e multiplicai-vos»(3). Eis, pois, a família, isto é, a sociedade doméstica, sociedade muito pequena certamente, mas real e anterior a toda a sociedade civil, à qual, desde logo, será forçosamente necessário atribuir certos direitos e certos deveres absolutamente independentes do Estado.⁹⁰

Primeiramente, como já foi dito, temos uma encíclica papal voltada para as ações da Igreja em seu aspecto social, não é por um acaso que Leão XIII fala “Sobre a condição dos

⁸⁹ CERTEAU, Michel de. Op. cit.

⁹⁰ LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

operários”, não se limitando a essa seara. Como notamos, o Papa fala a respeito da família, da sociedade civil e dos direitos do homem, buscando legitimar suas argumentações em torno do casamento através do que ele denomina de “direito natural [...] de todo homem”. Porém, não podemos cair nessa biologização do homem, mesmo reconhecendo que o homem tem suas imposições e limitações naturais, não podemos esquecer que é um ser híbrido, dotado de natureza e cultura. Ou então, o que seria o casamento se não uma convenção cultural ligada a questões religiosas e sociais? Porém, nossa discussão neste momento não se deve prender a isso, mas achamos importante esclarecer estes pontos, pois serão debatidos mais a frente. Concentremo-nos a priori na visão do sacerdote no que diz respeito à família e sua visão social sobre ela e assim começaremos a entender melhor as preocupações católicas sobre a família.

Leão XIII chega a chamar a família de “sociedade doméstica” e a caracteriza como uma pequena sociedade, mas não menospreza sua importância diante da sociedade civil, dizendo que a família seria a “real e mais antiga” sociedade. Ao nosso entender, isso já nos dá indícios de uma hierarquização que é feita pelo clérigo mais adiante em sua encíclica.

Assim como a sociedade civil, a família, conforme atrás dissemos, é uma sociedade propriamente dita, com a sua autoridade e o seu governo paterno, é por isso que sempre indubitavelmente na esfera que lhe determina o seu fim imediato, ela goza, para a escolha e uso de tudo o que exigem a sua conservação e o exercício duma justa independência, de direitos pelo menos iguais aos da sociedade civil. Pelo menos iguais, dizemos Nós, porque a sociedade doméstica tem sobre a sociedade civil uma prioridade lógica e uma prioridade real, de que participam necessariamente os seus direitos e os seus deveres. E se os indivíduos e as famílias, entrando na sociedade, nela achassem, em vez de apoio, um obstáculo, em vez de protecção, uma diminuição dos seus direitos, dentro em pouco a sociedade seria mais para se evitar do que para se procurar.⁹¹

Para nós são claras as posições hierárquicas e o destaque que é dado pelo sacerdote à família, sendo ela mostrada como superior e de maior importância que a sociedade civil. Deixando às vezes transparecer que a sociedade doméstica (a família) seria o ponto chave da sociedade civil, como se esta última fosse um resultado ou mera reprodução da primeira, chegando até mesmo a afirmar que se caso as famílias tivessem dificuldades e obstáculos para se inserirem na sociedade civil era melhor evitá-la que procurá-la.

Não podemos achar que temos aqui uma defesa das famílias de todo o mundo, mostrando suas relações com a sociedade civil e até mesmo com o Estado, que no Brasil passava a ser laico no ano de publicação dessa encíclica (1891). No entanto, os interesses do

⁹¹ Ibid.

Papa eram outros e de forma estratégica traçava esse documento voltado para o público das classes populares como os operários e se voltava também para as famílias, pois seria nitidamente através desta que manteriam uma reprodução de sua religiosidade, passando de pais para filhos.

Isso se torna perceptível quando o pontífice mostra que a sociedade doméstica tem sua “autoridade e o seu **governo paterno** [grifo nosso]”, já mostrando quem deveria reger as famílias e quem era a autoridade dentro dessa “sociedade doméstica”. Ao mesmo tempo em que era autoridade paterna era também simbolicamente interpretada como o líder político da sociedade civil, principalmente quando nos referimos à sociedade e à política nas décadas de 1930 e 1940, onde temos o que Alcir Lenharo chamou de “sacralização da política”, mostrando como a política assumiu algumas posturas até então que eram diretrizes e direcionamentos característicos da Igreja Católica.⁹²

Essa relação entre a “sociedade doméstica”, a autoridade paterna e os seus simbolismos empregados pelo Vaticano, também pode ser melhor visto neste trecho:

A autoridade paterna não pode ser abolida, nem absorvida pelo Estado, porque ela tem uma origem comum com a vida humana. «**Os filhos são alguma coisa de seu pai**»; são de certa forma uma extensão da sua pessoa, e, para falar com justiça, não é imediatamente por si que eles se agregam e se incorporam na sociedade civil, mas por intermédio da sociedade doméstica em que nasceram. **Porque os «filhos são naturalmente alguma coisa de seu pai...** devem ficar sob a tutela dos pais até que tenham adquirido o livre arbítrio» (4). [grifo nosso]⁹³

A preocupação do Papa com a família é intensa e os motivos, como podemos observar, são latentes. Colocar a família como uma base da sociedade civil e ao mesmo tempo hierarquicamente superior a ela e ao Estado é mostrar o poder social que essa “sociedade doméstica” tem e concomitantemente o poder que a religião Católica teria sobre essas famílias, pois neste momento a influência católica, pelo menos no Brasil, ainda era considerável.

Neste trecho mais uma vez temos a figura paterna sendo defendida pelo clérigo e colocada acima do Estado, sendo essa autoridade paterna o responsável pelos filhos “até que tenham adquirido o livre arbítrio”. Atentemos para a constante preocupação papal sobre o poder dos pais sobre os filhos, o qual repete por duas vezes neste mesmo parágrafo que “Os filhos são alguma coisa de **seu pai** [grifo nosso]”. É importante frisar que o texto está no singular “seu pai”, deixando de forma clara que se está falando de uma figura masculina que tem uma suposta autoridade dentro dessa “sociedade doméstica” e que supostamente seus

⁹² LENHARO, Alcir, 1946 – **Sacralização da Política**/Alcir Lenharo. – Campinas – 2ª ed. – SP: Papirus, 1986.

⁹³ LEÃO XIII. Op. cit.

filhos “naturalmente” seguirão seus passos, mostrando dessa maneira por que a autoridade paterna não poderia ser substituída pelo Estado ou subtraída pelo mesmo, pois isso seria um duro golpe na “sociedade doméstica”, segundo o Sumo Sacerdote. Porém, imaginemos, por exemplo, no Brasil republicano, no qual temos uma Constituição supostamente laica e que teoricamente separa Estado e Igreja Católica, como seria se o Estado assumisse o papel dessa autoridade paterna? O que esses filhos teriam de seus “pais”? Teoricamente nada, nem mesmo sua religião, pois, segundo sua Constituição, esse Estado é laico. Assim, podemos entender os motivos que levam a autoridade eclesiástica a pensar e defender a família como uma “sociedade doméstica” que está acima da sociedade civil e acima do Estado, pois assim estaria assegurando não só o futuro da religião católica, como possivelmente a sua influência nos diversos setores da sociedade, que passava por constantes transformações, especialmente no Brasil.

Acreditamos que agora temos que justificar algumas escolhas e principalmente os motivos que nos levaram a trazer um documento que está fora de nosso recorte pelo menos uns 45 anos. Para isso vamos nos utilizar de outra Encíclica, porém, de um recorte mais próximo de nossa pesquisa, estamos falando da “Quadragesimo Anno” de Pio XI.

Este Papa que teve seu pontificado de 1922 a 1939 é considerado, como bem vimos no primeiro capítulo, o Papa da Ação Católica, não podemos negar que sua atuação no que diz respeito à organização e convocação dos ditos leigos para as atividades voltadas ao âmbito social e para as camadas populares. Nesse sentido é que podemos destacar a importância desse sacerdote para as diretrizes que foram sendo tomadas pela Arquidiocese de Fortaleza e pela Ação Católica em nosso Estado, assim como no país.

Então nesse viés podemos destacar alguns pontos da referida encíclica que foi mencionada:

CARTA ENCÍCLICA
QUADRAGESIMO ANNO
 DE SUA SANTIDADE
PAPA PIO XI
 AOS VENERÁVEIS IRMÃOS,
 PATRIARCAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS,
 BISPOS E DEMAIS ORDINÁRIOS
 EM PAZ E COMUNHÃO COM A SÉ APOSTÓLICA
 BEM COMO A TODOS OS FIÉIS DO ORBE CATÓLICO

SOBRE A RESTAURAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
 DA ORDEM SOCIAL EM CONFORMIDADE COM
 A LEI EVANGÉLICA NO XL ANIVERSÁRIO
 DA ENCÍCLICA DE LEÃO XIII «RERUM NOVARUM»

*Veneráveis Irmãos e Amados
Filhos Saúde e Bênção Apostólica*

No 40º aniversário da magistral encíclica de Leão XIII « *Rerum novarum* », todo o orbe católico, movido dos sentimentos da mais viva gratidão, propõe-se comemorá-la com a devida solenidade.⁹⁴ [grifos do autor]

Temos aqui o início da referida carta papal, a qual já mostra de cara para quem eram destinadas tais palavras, primeiramente aos sacerdotes católicos que foram enumerados de forma hierárquica e em seguida é colocada para “todos os fiéis do orbe católico”, ainda seguindo a ordem hierárquica católica, mostrando bem o lugar no qual os fieis estavam diante dessa hierarquia. Adiante temos as motivações que levaram o “Sumo Sacerdote” católico a fazer a referida carta e o assunto que foi tratado nela: “sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no XL aniversário da encíclica de Leão XIII <<Rerum Novarum>>”. Deste modo devemos ficar atentos ao nome dado à referida carta papal “Quadragesimo Anno”, o que fazia uma clara referência ao aniversário de 40 anos da “Rerum Novarum”, isso nos mostra a importância dessa primeira encíclica para nossas análises, pois, como afirmamos, foi um primeiro passo das ações católicas voltadas para o âmbito social, com uma maior participação leiga.

Outro ponto importante é o próprio fato de Pio XI comemorar os 40 anos daquela encíclica, pois comemorar significava mostrar a importância daquele documento para esse sacerdote, aos fiéis católicos e legitimar suas ações fundamentadas em preceitos lançados naquele momento por Leão XIII, dando ênfase àquela carta de 1891 e como o próprio Pontífice diz no início de sua encíclica de 1931, existia uma preocupação a respeito da “restauração e do aperfeiçoamento da ordem social” naquele momento, porém até mesmo as diretrizes lançadas pela Rerum Novarum passariam também por essa restauração e aperfeiçoamento, como pudemos observar o lançamento de diretrizes que foram incluídas por Pio XI para que essa restauração e aperfeiçoamento na ordem social se realizassem de acordo como o pensamento católico desejava.

A esses Nossos amados filhos, escolhidos para tão grande empresa, exoramos vivamente no Senhor, que se dêem todos ao cultivo dos homens a si confiados, e que no desempenho desse ofício eminentemente sacerdotal e apostólico usem como convém da força da educação cristã, ensinando os jovens, fundando associações católicas, criando círculos, onde se cultive o estudo segundo os princípios da fé. Tenham sobretudo em grande apreço e saibam usar para bem dos seus dirigidos aquele preciosíssimo instrumento de restauração individual e social, [...] **com efeito nesta escola do espírito não só se cultivam ótimos cristãos, mas formam-se e inflamam-se no fogo do Coração de Jesus verdadeiros apóstolos para todos os**

⁹⁴ PIO XI. **Quadragesimo Anno.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

estados da vida [grifo nosso]. Desta escola, como os Apóstolos do Cenáculo de Jerusalém, sairão fortes na fé, constantes nas perseguições, ardentes de zelo, unicamente solícitos de propagar por toda a parte o reino de Cristo.⁹⁵

Nesse tópico intitulado de “Caminho a seguir”, analisamos as preocupações papais em torno do direcionamento e das atuações que deveriam se lançar sobre o público católico, não se restringindo apenas a um público específico, mas procurando atingir, formar e difundir de forma ampla os “princípios da fé” católica. Por esse motivo, o pontífice incita essa ampla atividade católica usando “da força da educação cristã, ensinando os jovens, fundando associações católicas, criando círculos” que seriam formas de levar ideais católicos aos diversos âmbitos sociais e ao mesmo tempo estariam empenhados no que o Papa chamou de restauração individual e social, na qual teria que passar obrigatoriamente pelos princípios católicos, segundo Pio XI.

Todavia, não podemos esquecer que estas diretrizes contavam com o desempenho “eminentemente sacerdotal e apostólico”. Mesmo sabendo que na prática essas atividades não estavam ligadas apenas a esse público, não podemos descartar a participação efetiva dos sacerdotes nos diversos setores dessas atividades católicas, principalmente quando levamos em conta a preocupação católica na formação de “verdadeiros apóstolos para todos os estados da vida”. Ou seja, não podemos desprezar a preocupação católica em preparar um grupo que estivesse afinado com os ideais católicos (“ótimos cristãos”), mas também que estivessem preparados para agir e atuar em defesa da instituição católica e contra os ideais contrários a ela.

Entretanto, pensar esta restauração e aperfeiçoamento social e individual passava pelo âmbito religioso e por outras esferas que, segundo o Sumo Sacerdote Católico desse período, estariam restritamente ligadas à Igreja Católica:

Já alguma coisa se fez neste sentido; mas para realizar o muito que ainda está por fazer e para que a família humana colha vantagens melhores e mais abundantes, são de absoluta necessidade duas coisas: a reforma das instituições e a emenda dos costumes. [...]

Nossos filhos a quem a Acção Católica admiravelmente forma naqueles princípios e no seu apostolado sob a guia e magistério da Igreja; da Igreja, que mesmo no terreno supra acenado, como em qualquer outro onde se agitem e regulem questões morais, não pode esquecer ou descurar o mandato de guardar e ensinar, que lhe foi divinamente conferido. Tudo o que temos ensinado acerca da restauração e aperfeiçoamento da ordem social, de modo nenhum poderá realizar-se sem a reforma dos costumes [...].⁹⁶

A parte acima citada foi retirada do tópico “Restauração da ordem social”, temos a utilização do termo Ação Católica e uma pequena mostra de sua relação com alguns setores

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ Ibid.

da Igreja. Também podemos destacar novamente a presença da família na encíclica papal, realçando mais uma vez sua importância e sua preocupação nas diretrizes católicas. Mais adiante outros pontos nos chamam novamente a atenção, primeiramente os que estavam relacionados a essa “restauração da ordem social”, que é apontado pela fonte como sendo de “absoluta necessidade” duas reformas, uma que passa pelas instituições e outra que passaria pela “emenda dos costumes”. Essa segunda reforma é a que nos interessa neste momento, pois é através dela que os embates em torno dos hábitos e costumes serão travados e incorporados pelo grupo católico em fortaleza em suas disputas voltadas para a educação e, conseqüentemente, usadas como forma estratégica de controlar as influências que chegavam à sociedade fortalezense, ditando regras comportamentais, hábitos e o lugar social para o sexo masculino e feminino dentro e fora da “sociedade doméstica”.

Por fim, é importante ressaltar que, segundo as diretrizes católicas, não era possível realizar a “restauração e o aperfeiçoamento da ordem social” sem a reforma dos costumes. Em seguida podemos analisar a relação entre a ordem social que era pensada pelos católicos, suas preocupações em torno dos costumes e, concluindo a tríade estratégica da atividade católica, podemos destacar o lugar privilegiado que era dado à educação por parte católica, sendo esta colocada como direito “divinamente conferido” à Igreja. Dessa forma, partiremos para analisar como ordem social, costumes e educação eram pontos centrais nas discussões e embates católicos da Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade, usando como base de sua fundamentação a família, como ponto chave de suas articulações entre as esferas educacional, social e religiosa.

Para isso mais uma vez teremos que nos concentrar em outra encíclica, porém voltada para a educação, mostrando como essa educação católica deveria ser direcionada; para quê público ela era voltada e a participação da família nessa ação pedagógica católica.

Estamos nos referindo à encíclica *Divini Illius Magistri*, também de Pio XI, “a cerca da educação cristã da juventude”. Nessa carta voltada para a toda a “orbe católica” trazia direcionamentos para o público católico a respeito da educação cristã, especificamente voltada para a juventude⁹⁷, como é mencionado no início do documento papal.

Logo na introdução e no primeiro tópico “Motivos da publicação desta Encíclica”, analisamos as intenções católicas com este documento.

⁹⁷ Entendemos aqui o termo juventude usado pelo papa, como os filhos de família católica que ainda estavam sob o domínio familiar dos pais, não tendo uma faixa etária específica. Pois, como menciona Leão XIII em sua encíclica “<<filhos são naturalmente alguma coisa de seu pai... devem ficar sob a tutela dos pais até que tenham adquirido o livre arbítrio>>”. Dessa forma o “livre arbítrio” é entendido como uma independência dos pais, agindo por conta própria, sendo não mais considerados jovens, mas agora adultos.

Nós temos procurado mostrar também em todas as ocasiões a predileção verdadeiramente paternal que lhes consagramos, especialmente com os assíduos cuidados e oportunos ensinamentos que se referem à educação cristã da juventude. [...]

Deste modo, fazendo-Nos eco do Divino Mestre, temos dirigido salutareas palavras, ora de advertência, ora de incitamento, ora de direção, não só aos jovens e aos educadores, mas também aos pais e mães de família, acerca de vários problemas da educação cristã, com aquela solicitude que convém ao Pai comum de todos os fiéis, e com a oportuna e importuna insistência que é própria do ofício pastoral, (2) [sic.] recomendada pelo Apóstolo : « Insiste no tempo quer oportuno quer importuno : repreende, exorta, admoesta, com grande paciência e doutrina », reclamada pelos nossos tempos em que infelizmente se deplora uma tão grande falta de claros e sãos princípios, até acerca dos mais fundamentais problemas.⁹⁸

Inicialmente é logo perceptível a preocupação com a “educação cristã da juventude”, em seguida esse espectro é ampliado não apenas para a juventude, mas também para educadores, pais e mães de família, pois, segundo o Papa, é preciso alertar esse grupo devido à “falta de claros e sãos princípios”. Dessa maneira, temos esta fonte sendo direcionada para a formação da juventude, mas com diretrizes para as pessoas que seriam as responsáveis pela educação desse grupo. Assim o “Sumo Sacerdote” católico não apenas lançava suas normatizações para os comportamentos e influências que os jovens deveriam ter como também alertava aos adultos, e conseqüentemente o restante do público católico, quais eram os ideais contrários ao pensamento católico. Determina quem eram os inimigos da Igreja Católica naquele momento histórico e mobilizando a população agregada a esse grupo religioso a lutar e direcionar seus filhos ao pensamento católico e contra qualquer diretriz que fosse contrária.

Em seguida procura mostrar a importância da educação cristã para a juventude e a sociedade civil:

É portanto da máxima importância não errar na educação, como não errar na direção para o fim ultimo com o qual está conexas intimamente e necessariamente toda a obra da educação. [grifo nosso] Na verdade, consistindo a educação essencialmente na formação do homem como ele deve ser e portar-se, nesta vida terrena, em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado, é claro que, assim como não se pode dar verdadeira educação sem que esta seja ordenada para o fim ultimo, assim na ordem actual da Providencia, isto é, depois que Deus se nos revelou no Seu Filho Unigênito que é o único « caminho, verdade e vida », **não pode dar-se educação adequada e perfeita senão a cristã.** [grifo nosso]

Daqui ressalta, com evidencia, a importância suprema da educação cristã, não só para cada um dos indivíduos, mas também para as famílias e para toda a sociedade humana, visto que a perfeição desta, resulta necessariamente da perfeição dos elementos que a compõem.⁹⁹

⁹⁸ PIO XI. **Divini Illius Magistri.** Disponível em: <<
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_po.html>> Pesquisado em: 27 de dezembro de 2011.

⁹⁹ Ibid.

Aqui é importante destacar a preocupação católica com a educação e como esta é vista com uma finalidade, ou seja, com um objetivo que deseja ser alcançado. Como podemos observar e, como já foi discutida, essa é uma constante quando falamos da educação católica, a qual busca aliar doutrina e prática. Temos aqui um exemplo simples e claro disso quando o Papa ressalta a preocupação que se devia ter com o fim ao qual a ação educativa deveria estar “conexa íntima e necessariamente [com] toda a obra da educação”, pois as preocupações católicas como temos visto tinham um objetivo de difundir a fé católica entre as famílias, dando, assim, mais fundamentação doutrinária para essa juventude com o intuito de que seriam estes os futuros católicos.

Portanto, reafirmamos que a educação era um ponto estratégico usado pelos católicos para conseguir fundamentar seus ideais, preceitos e ordem que desejavam. Dessa maneira poderiam ditar os hábitos, os comportamentos e a ordem que a sociedade civil deveria seguir. Por esses motivos é que logo em seguida temos na citação uma tentativa de fundamentar que não existiria outra “educação adequada e perfeita senão a cristã”, pois, assim, o Sumo Sacerdote católico legitimava o papel de destaque que era autointitulado a Igreja Católica no que dizia respeito à educação e excluindo automaticamente toda e qualquer outra vertente educacional que viesse a aparecer naquele momento.

Mais a frente o sacerdote católico mostra de forma clara suas intenções e preocupações com esta encíclica.

Dos princípios indicados aparece, de modo semelhante, clara e manifesta, a excelência (que bem pode dizer-se insuperável) da obra da educação cristã, como aquela que tem em vista, em última análise, assegurar o Sumo Bem, Deus, às almas dos educandos, e a máxima felicidade possível, neste mundo, à sociedade humana. **E isto no modo mais eficaz que é possível ao homem, isto é, cooperando com Deus para o aperfeiçoamento dos indivíduos e da sociedade, enquanto a educação imprime nos espíritos a primeira, a mais poderosa e duradoura direção na vida,** segundo a sentença muito conhecida do Sábio: « **o jovem mesmo ao envelhecer, não se afastará do caminho trilhado na sua juventude** » (4). Por isso, com razão, dizia S. João Crisóstomo: « **Que há de mais sublime do que governar os espíritos e formar os costumes dos jovens?** » (5).¹⁰⁰ [grifo nosso]

Neste trecho aqui apresentado, temos a educação cristã sendo colocada, segundo Pio XI, a serviço de Deus, assegurando as almas dos educandos, em seguida temos a parte em destaque que nos mostra como isso poderia ser alcançado, segundo o pontífice, dizendo que só seria “possível ao homem [...] cooperando com Deus”, ou seja, “cooperar com Deus” entendemos aqui como cooperar com a Igreja Católica e sua educação cristã, ditando como

¹⁰⁰ Ibid.

deveriam proceder os jovens e como a população católica deveria agir (ajudando) para que essas diretrizes fossem colocadas em prática e alcançadas, como era desejado.

E aqui vale analisar que o uso de uma entidade transcendente, chamada pela Igreja de “Deus”, fundamenta e legitima todo o discurso católico, não apenas pelo seu grau divino que a Igreja Católica lhe atribui, mas também por ser ela a principal representante dele e principal ponto de comunicação entre “Deus” e a sociedade civil como um todo. Estabelece assim que a autoridade exercida pelo Estado é autorizada por “Deus”, os poderes e deveres da Igreja Católica e da sociedade civil¹⁰¹, entre outros pontos que podem ser vistos nas encíclicas papais. Isso funciona como uma forma de estabelecer e legitimar o discurso católico e as diretrizes lançadas por ela.

Por fim, temos mais uma vez um apelo ao transcendental, quando se direciona a educação para as questões que estariam relacionadas a “Deus” e o direcionamento das almas desses indivíduos para com o divino. No entanto, no final da citação, as duas últimas partes em destaque mostram as intenções católicas quando se direciona para a educação e o seu público alvo. Na primeira parte quando diz que “o jovem mesmo ao envelhecer, não se afastará do caminho trilhado na sua juventude”, isso nos remete à encíclica de Leão XIII e nos mostra mais uma vez o reforço que é dado àquela primeira encíclica citada, mostrando sua importância para o momento analisado e como a relação educacional voltada para o jovem tem explicitamente aqui um caráter estratégico para o grupo católico, uma vez que essa suposta juventude deveria desde já ser moldada de acordo com os preceitos e diretrizes católicas, porque, quanto mais cedo isso fosse feito, mais chances se tinha desse grupo compor os futuros católicos que atuariam e iriam compor o quadro de fiéis católicos.

Dessa forma e com essa preocupação voltada para os jovens, a última parte em destaque mostra bem o que pretendia o Papa orientando a sua encíclica para a educação cristã da juventude, pois segundo sua citação “<<Que há de mais sublime do que governar os espíritos e formar os costumes dos jovens?>>”. Era assim que pretendia agir a Igreja Católica, quando direcionava sua atenção à juventude, procurando governar e formar os seus costumes de acordo com a vontade e as diretrizes católicas, para ter cada vez mais uma ampliação de seus fiéis e futuramente direcionando esse grupo de acordo com seus ideais e interesses, pelo menos teoricamente, já que seria apenas a Igreja o ponto de comunicação entre “Deus” e a sociedade, pois ela é quem representa as vontades do divino na sociedade cristã.

Acreditamos agora ser possível entender o pensamento católico em torno da educação e o papel doutrinário e estratégico que a família tem na educação pretendida pelos

¹⁰¹ Ver: LEÃO XIII, op. cit. e PIO XI. op. cit.

católicos, no entanto tudo isso vimos a partir do ponto de vista das encíclicas papais, que vinham diretamente do Vaticano e que eram feitas pelo Papa, ou seja, nem sempre essas diretrizes eram seguidas a risca. Dessa forma, consideramos ser necessário se voltar neste momento novamente para a Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade laica, para assim compreendermos como essas diretrizes chegavam e eram praticadas pela intelectualidade católica para ditar os modos, os comportamentos, os hábitos e o lugar social da juventude fortalezense na construção da ordem, desejado pelo grupo católico da capital cearense.

2.2 – Educando espíritos e formando os costumes da juventude fortalezense.

O olhar católico sobre a educação como mostramos não se restringia apenas ao ensino formal, mas também às páginas de seu jornal diário, associações e círculos fundados pelo grupo católico de Fortaleza. Não temos dúvida que a educação formal foi palco de disputas, pois, como mencionado, era um ponto estratégico para o grupo católico e que estava em jogo não apenas o ensino religioso, mas também posições políticas a serem defendidas, legitimadas, ou seja, estava em jogo a consolidação das ideias, valores e concepções de mundo deste grupo. Para isso eles se utilizaram dos diversos mecanismos e ações estratégicas que possuíam, como as atividades intelectuais, política, religiosa e principalmente do seu jornal, usado como trincheira de defesa dos seus ideais, além de mecanismo estratégico na ação pedagógica católica, no desejo de “educar os espíritos” e formar os costumes da sociedade católica na capital cearense. Por isso sua ação educacional através do jornal e de suas disputas no ensino formal voltados para o jovem era tão intensa, na busca de controlar, legitimar e consolidar o futuro da religião católica, ao mesmo tempo em que combatiam os ideais que questionavam o grupo católico de Fortaleza.

Podemos ver essa relação entre o jornal e o modelo educacional proposto e defendido pela intelectualidade católica tanto nas páginas do “O Nordeste” como também na Liga dos Professores Católicos (que teve como presidente Luiz Sucupira), que nesse momento, mesmo em defesa de um modelo educacional, já introduzia e estabelecia padrões sociais que eram desejados pelo grupo católico. Assim, inicialmente vejamos o que se falava a respeito da educação na cerimônia de posse da presidência de Luiz Sucupira na Liga dos Professores Católicos do Ceará.

Pio XI, expressando o pensar da Igreja de Cristo, proclamou não ser a sociedade o fim mas o meio eficiente de se chegar a Deus. A educação pertence á Igreja, á Família e ao Estado. O direito da Igreja á educação não vem, de maneira alguma, prejudicar nem a Família e nem o Estado. A Igreja deve ocupar o primeiro plano,

seguindo-se-lhe a Família por Direito Natural. O Estado não pode subtrair a Família o uso legítimo desse direito. [...] Abordou, ainda, a educação sexual e a coeducação, dois graves erros da pedagogia chamada “moderna”, que desconhece a natureza humana. Finalmente, expoz qual o ambiente em que se processa a educação. – o mundo – ambiente esse que deve ser aproveitado para conduzir a criança ao seu verdadeiro modelo: Jesus Cristo.¹⁰² [grifos do autor]

Esse primeiro trecho faz referência ao pronunciamento feito pelo padre Lauro Fernandes. Em seguida temos na mesma ocasião o relato a respeito do pronunciamento de Luiz Sucupira:

O senhor Luiz Sucupira, com a palavra, proferiu vibrante oração de posse. Disse que **assumia naquele momento o cargo de Presidente da “Liga de Professores Católicos” como um soldado que recebe armas e munições afim de seguir para a batalha. E isto porque a “Liga” não devia ser um exército de reserva, mas uma milícia em franco combate.** [grifo nosso] Declarou que nós não deveríamos nos contentar com reuniões internas. Elas de fato, se faziam necessárias. Mas, além disto, necessário se tornava a atividade externa que, **entretanto, jamais deveria ser confundida com a agitação.** [grifo nosso] O nosso programa a ser seguido, segundo o seu pensamento deveria consistir em uma trilogia: Verdade, Beleza, Bondade. Passou a explicar o sentido destes três vocábulos. Verdade [grifo do autor] – Nós, católicos, somos os depositários da Verdade Integral. A Igreja é a Verdade. **E’ impecável na sua alma e não no seu corpo.** [grifo nosso] Beleza [grifo do autor] – O sistema pedagógico cristão contém em si belezas tais que não nos permitem invejar as outras doutrinas que, em ultima análise, são copias deturpadas dos ensinamentos de filosofia tomista. Esta de fato é demonstrado a cada passo se fizermos a comparação entre a concepção de Santo Tomaz de Aquino e as doutrinas de Dewey, Butler, Mac-Vannel, Spencer, James, e etc. Bondade [grifo do autor] – A educação cristã é a da bondade. A educação, tal qual preceitua a Igreja, é a vida em Cristo, por Cristo e para Cristo. A sua oração teve o cunho da oportunidade, ferindo pontos necessários.¹⁰³

Inicialmente é necessário esclarecer alguns pontos, primeiro o que era a Liga de Professores Católicos do Ceará e segundo qual a sua importância para nossas análises dessa associação. Então, inicialmente a Liga dos Professores Católicos era uma associação que integrava mais uma das diversas atividades desenvolvidas no interior da Ação Católica de Fortaleza, porém essa nos traz alguns pontos importantes, o primeiro deles é a participação, por exemplo, de Luiz Sucupira na presidência dessa Liga, segundo a sua preocupação em estar orientando professores de acordo com as diretrizes católicas, atuando assim diretamente em escolas que estavam sobre o controle da Igreja ou não.

Além disso, outros pontos devem ser mencionados, por exemplo, logo após a posse de Luiz Sucupira teremos sendo integrado a essa Liga, José Valdivino¹⁰⁴, que chegou a

¹⁰² Liga dos professores católicos do Ceará. **Registro de ata.** Abertura: 15 de abril de 1937. Fortaleza, 15 de abril de 1937, p. 03. Sala de estudos eclesiásticos. Seminário da Prainha.

¹⁰³ Ibid. pp. 3 e 4.

¹⁰⁴ Liga dos professores católicos do Ceará. **Registro de ata.** Abertura: 15 de abril de 1937. Fortaleza, 24 de abril de 1937, pp. 04 e 05.

atuar de forma efetiva durante a presidência deste primeiro.¹⁰⁵ Sem contar a tentativa de conseguir um espaço no jornal católico que seria chamado “Página do Professor”, o que mostrava como essa associação mantinha uma relação ativa com a intelectualidade católica que atuava junto ao periódico católico, procurando promover até mesmo uma interação entre intelectuais, Liga dos Professores Católicos e O Nordeste. Porém, essa relação durou pouco tempo, pois no final de 1937 o atual presidente teve que sair do cargo, uma vez que ficaria fora do Estado e o padre Lauro Fernandes assumiria interinamente o que fez com que essa associação ganhasse outras atividades e outras articulações, por exemplo, não temos mais a participação de José Valdivino, percebemos uma maior presença de padres nas reuniões, principalmente nos cargos ligados ao gerenciamento da Liga. Isso nos mostrou como essa Liga mudou suas atividades e o seu foco de atuação com a saída do intelectual Luis Sucupira.

Os dois relatos que foram citados falam a partir da cerimônia de posse da nova presidência, e foram escritos por João da Rocha Moreira, secretário e responsável pela escrita das atas da Liga dos Professores Católicos do Ceará. No primeiro trecho vimos o comentário sobre o padre Lauro Fernandes a respeito da encíclica *Divini Illius Magistri*, de Pio XI, e como podemos ver uma busca por parte do padre por legitimar a “missão educativa” da Igreja Católica, cabendo essa tarefa primeiramente a ela, depois à família e em seguida ao Estado, seguindo essa ordem hierárquica.

Em seguida mostra sua preocupação a respeito da educação sexual e da coeducação, que, segundo o clérigo, seria um dos erros da “pedagogia moderna” na qual “desconhece a natureza humana”, já mostrando duas diretrizes que preocupavam o grupo católico, que eram as questões sexuais e a educação conjunta dos sexos masculino e feminino. Assim, o padre já definia alguns ideais educacionais combatidos pela Igreja, como exemplo a Escola Nova, que buscava uma educação pública voltada para ambos os sexos sem distinção, na educação que era destinada a todos, independente de sua classe social, raça ou sexo.¹⁰⁶ Aqui usamos como exemplo os defensores da Escola Nova, porém não pode ser esquecido que estamos falando de uma defesa dos princípios e da visão de mundo do grupo intelectual católico, que não era o único naquele momento histórico. Assim, Ângela de Castro Gomes alerta existir naquele período um embate de diversos grupos intelectuais que defendiam concepções de mundo diferentes do grupo católico, que poderiam ser encontrados em setores

¹⁰⁵ Liga dos professores católicos do Ceará. **Registro de ata**. Abertura: 15 de abril de 1937. Fortaleza, 15 de maio de 1937, p. 05.

¹⁰⁶ Para saber mais sobre ideais defendidos pela Escola Nova e os defensores dessa vertente educacional, ver: SCHWARTZMAN, Simon, **Tempos de Capanema** / Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa – São Paulo : Paz e Terra : Fundação Getúlio Vargas, 2000.

políticos, educacionais, administrativos e etc.¹⁰⁷ Mostra a gama diversificada de grupos intelectuais envolvidos no período de 1936 a 1941, que buscavam consolidar suas ideias e valores de mundo, nos quais os intelectuais católicos não foram diferentes.

No entanto, se o Papa dirigiu como vimos anteriormente sua encíclica para a juventude, o padre procura atingir outro público, as crianças, as intenções dele podem ser percebidas, pois é mais fácil convencer uma criança do que um adolescente no que dizia respeito à educação aos preceitos católicos. Portanto, devemos focar nosso olhar sobre os jovens.

Agora nos detendo na parte do relato que se refere ao intelectual Luiz Sucupira, podemos destacar a preocupação deste em fazer da Liga “uma milícia em franco combate”, que a nosso ver isso mostra como o intelectual pensava e atuava na Ação Católica, pois para ele as atividades daquela associação não poderiam ficar restritas àquele pequeno grupo de associados, deveria se estender às outras pessoas. Outro ponto que deve ser destacado é quando ele diz que assumir aquela presidência era para ele “como um soldado que recebe armas e munições a fim de seguir para a batalha”, apesar de entendermos o uso da metáfora feito por Luiz Sucupira, compreendemos que realmente era uma batalha, porém não estava em jogo questões econômicas ou territoriais como geralmente presenciamos nas batalhas, mas sim estava em disputa o modelo educacional a ser implantado, além dos padrões, valores e costumes que seriam construídos na educação das futuras gerações.

Porém, mesmo compreendendo a situação em que ele se encontrava, não poderia modificar um assunto tão precioso e delicado para o grupo católico, ou seja, a ordem. Por isso logo depois ele faz uma ressalva sobre suas próprias palavras dizendo “suas ações jamais poderiam ser confundidas com agitação”, pois isso seria justamente o contrário da ordem que estava pré-estabelecida, e se tratando do pensamento católico pior do que pensamentos contrários aos seus seriam as agitações, é a partir delas que supostamente começam as Revoluções que, segundo o pensamento católico, são atribuídas às ações socialistas, inimigos constantes do catolicismo.

Assim percebamos o imaginário social que o intelectual católico busca construir em seu discurso diante daquele grupo que o assistia e diante do público católico de Fortaleza. Mas antes é preciso definir o conceito usado por nós de imaginário social e onde se concentra o poder dessa construção usada por Luis Sucupira.

¹⁰⁷ GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: intelectuais e construção do mito Vargas. In: **O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo** / organizadores, Antônio Costa Pinto, Francisco Palomanes Martinho. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera no e por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum.¹⁰⁸

Nesse viés podemos perceber as intenções desse intelectual que busca em suas palavras construir um imaginário social de combate aos ideais contrários ao pensamento católico, trazendo junto com suas informações e valores um simbolismo que normatizava as ações de combate e defesa que seriam empreendidas pelo grupo católico o qual ele presidiu. Por isso o autor faz uma comparação da sua posse a um soldado em um campo de batalha, pois é através desse imaginário que o presidente da Liga dos Professores Católicos buscava a adesão do seu público ao “sistema de valores” que ele defendia, assim tentando interiorizar nesses indivíduos a concepção de mundo católico, desejando modelar os comportamentos e direcionar sua energias a uma “ação comum”, o combate aos ideais contrários ao do grupo católico de Fortaleza. Era através desse recurso que se buscava estabelecer comportamentos, valores e as concepções de mundo do grupo de intelectuais católicos em Fortaleza, se utilizando de forma ampla e indiscriminada dos simbolismos e com a construção de um imaginário social que pudesse levar o público católico a receber esse imaginário como realidade e em seguida direcioná-lo à ação em prol dessa suposta “realidade” construída ou desejada pelo laicato católico.

Na outra parte em destaque, Luis Sucupira deixa transparecer uma crítica feita ao grupo católico, na qual geralmente não conseguimos perceber em discurso que parte da ordem eclesiástica da Igreja, quando ele fala a respeito da educação e a classifica partindo de um simbolismo pautado no tripé: “verdade, beleza e bondade”. Logo nesta primeira ele diz que a “A Igreja é a Verdade” e em seguida justifica dizendo “E’ impecável na sua alma e não no seu corpo”, mostrando que existiam falhas dentro da instituição religiosa. Por mais que saibamos desse detalhe e isso seja óbvio, não podemos deixar de destacar que esse assunto seja abordado por um leigo, em uma cerimônia na qual contava com a presença de clérigos que não deixavam essas questões de falibilidade aparecer em seus discursos.¹⁰⁹

¹⁰⁸BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social” e “Utopia”, In: **Enciclopédia einaudi**. V.5: “Anthropos-Homem.” Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 311.

¹⁰⁹ Uma questão importante a ser mencionada é a relação da falibilidade, do pecado ou do erro está ligada ao corpo, essa era uma prática comum nos discursos católicos. Pois pelo que tem nos parecido a relação entre corpo e alma é feita de forma hierárquica na qual essa ultima estaria posicionada de forma superior ao primeiro, sendo

Por fim, na descrição desse tripé que seria basilar da educação segundo o intelectual católico estariam a “Beleza” e a “Bondade”. Queremos refletir um pouco sobre essa primeira, pois mais uma vez temos aqui a referência clara contra quem era essa batalha da qual menciona metaforicamente o presidente da Liga dos Professores Católicos, segundo ele a “Beleza” da educação católica não permitiria invejar nenhuma outra vertente educacional, principalmente as que deturpavam o pensamento católico, sendo bem explícito neste momento mostrando autores como John Dewey e Herbert Spencer¹¹⁰, os quais estavam atrelados aos pensadores que influenciavam o movimento da Escola Nova e que traziam em suas teorias questionamentos e preceitos que iam de encontro ao pensamento católico.

Então, esses eram os pensamentos que deveriam ser combatidos e, conseqüentemente, ser legitimados os ideais católicos com o intuito de dar um “direcionamento aos espíritos e aos costumes católicos” e para isso a coeducação era um dos pontos principais nessas diretrizes e nessa batalha educacional.

O professor José Valdivino e seus escritos para o jornal católico nos dão um exemplo disso:

O perigo da coeducação [em letras garrafais]

Prof. J. Valdevino

II

A DEFESA DOS SEUS PARTIDÁRIOS

Pedagogos modernos mas que trazem, nos seus conhecimentos, o vírus do materialismo contemporâneo, reconhecem, na coeducação, o passo máximo na pedagogia.

Conveniências de preparar o elemento feminino ao lado do masculino, para a vida futura na sociedade; questões econômicas; influências da mulher sobre o homem, tornando-o mais polido, esforçado e nobre – são, em traços largos, as razões da coeducação ou do seu grau mínimo: a *coinstrução*, que se verifica entre nós.¹¹¹
[grifos do autor]

Temos inicialmente que mencionar primeiro que antes dessa publicação existiram outras duas; uma delas para avisar a respeito da coluna que seria publicada no jornal católico, feito pelo referido intelectual e sobre o tema que constava no título, essa publicação teve

este ligado ao pecado, porém, estas e outras questões relacionadas ao corpo serão trabalhadas de forma mais detalhada no próximo capítulo.

¹¹⁰ Estes autores eram os principais pensadores que influenciavam a Escola Nova, além de suas ideias trazerem um forte apreço ao evolucionismo, ao positivismo e aos ideais cientificistas. Valores estes que eram combatidos pelo grupo católico e amplamente defendidos pelos intelectuais cientificistas e laicistas que se encontravam no cenário político da República. Para saber mais ver: SCHWARTZMAN, Simon, **Tempos de Capanema** / Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa – São Paulo : Paz e Terra : Fundação Getúlio Vargas, 2000; GOMES, Ângela de Castro. **História e historiadores** / Ângela de Castro Gomes. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996; RODRIGUES. Cândido Moreira. **A ordem** – uma revista de intelectuais católicos (1934-1945) / Cândido Moreira Rodrigues. – Belo Horizonte: Autêntica / Fapesp, 2005.

¹¹¹ O perigo da coeducação. **O Nordeste**, Fortaleza, 05 de fevereiro de 1937, p. 04.

destaque na capa do jornal católico¹¹²; a segunda, assim como as demais, tiveram seu lugar reservado na página quatro do jornal, que pelo fato de estar na parte interna não significava que não era um lugar privilegiado no periódico, pois era justamente nesta página que tínhamos as notícias de maior destaque sendo melhor detalhadas, era lá também que tínhamos as principais publicações e as principais colunas não apenas de cunho religioso, mas também político, ou seja, ao nosso entender essa era uma das partes de maior destaque para os reais leitores.

O destaque que é dado a essa coluna, como observamos, mostra a preocupação da intelectualidade católica com o respectivo tema e não era por menos. Primeiro, vejamos o título que já nos diz muita coisa sobre as intenções dessa coluna, “O perigo da coeducação”, portanto não podemos esperar uma defesa ou uma abordagem que buscasse realmente refletir sobre esse modelo educacional. José Valdivino vem realmente para apontar pontos que eram combatidos pela Arquidiocese de Fortaleza no que dizia respeito ao modelo educacional e ao lugar social dos sexos na sociedade. Para isso, como foi possível observar e analisar, ele vai se utilizar assim como fez seu colega Luis Sucupira, buscando construir um imaginário social que pudesse mobilizar o público católico em uma ação comum de combate aquele tipo de educação para a juventude fortalezense.

Por este motivo o simbolismo empregado na construção desse imaginário social, no qual atribuía o “perigo” como algo que procurava despertar primeiro o medo da população em relação à coeducação. Em seguida, o desejo era depois de despertar o temor, buscar estabelecer valores, um apelo à ação e por fim um apelo a um determinado comportamento por parte dos católicos, que trazia o desejo de ações de combate à coeducação ao mesmo tempo em que buscava que as famílias católicas não colocassem seus filhos em escolas que aderissem a essa prática educacional. Almeja assim com esse simbolismo empregado estabelecer seus valores na sociedade ao mesmo tempo em que normatizava como deveria ser a prática educacional na cidade de Fortaleza e conseqüentemente as concepções de mundo daquela sociedade.

Nesse sentido, não podemos perder de vista o poder simbólico empregado pelo professor ao referir-se à coeducação e ao grupo que defendia esse tipo de prática pedagógica (“pedagogos modernos”), dizendo que eles traziam em sua pedagogia o “vírus do materialismo contemporâneo”, portanto atribuindo valores pejorativos e que se remetiam à doença, criando desde já ao leitor um imaginário social pejorativo que desqualificava, e buscava ações combativas contra a pedagogia apresentada. Dessa forma criava o medo de que

¹¹² O PERIGO DA COEDUCAÇÃO O Nordeste, Fortaleza, 01 de fevereiro de 1937, p. 01.

uma suposta “doença” que estava por vir com aquele modelo educacional e ao mesmo tempo criava uma expectativa de que existiria um “remédio” para conter aquele vírus que se aproximava, ou seja, a Educação Cristã.

Seguindo mais adiante, o intelectual mostra a principal preocupação do grupo católico com este tipo de educação, o que não correspondia apenas ao grupo que defendia esse modelo, nem ao menos o fato de homens e mulheres terem a mesma educação, mas sim o fato de “preparar o elemento feminino ao lado do masculino, para a vida futura na sociedade”, uma vez que a preocupação estava sobre o sexo feminino, visto pela Arquidiocese de Fortaleza como tendo um lugar social diferente do que era pensado para o homem, pois este deveria trabalhar e manter a casa com o suor do seu trabalho, segundo o pensamento católico, enquanto a mulher deveria estar ligada aos afazeres domésticos, criando os filhos, cuidando da casa e respectivamente também do marido.

Como mostrou o jornal, a influência feminina para o homem é apresentada como algo positivo “tornando-o mais polido, esforçado e nobre”, entretanto parece que este tipo de educação para os católicos só trazia benefícios para um dos lados, e este já havia sido definido qual era.

Ao lado de uma jovem, o rapaz refreia os seus instintos e molda as suas inclinações, tornando-se um elemento ideal na colectividade.

Por outra parte, a menina perde essa espécie de temor, esse receio próprio do sexo, que se intitula pudor, e revela-se o tipo acabado de *mulher masculina*, sem preconceitos religiosos, livre de dogmas.

Nada, portanto, mais moderno em educação que a escola mixta, a promiscuidade de sexos, que equivale a uma grande reprovação às leis evangélicas, pobres conceitos sedícios e sem mais nenhuma aplicação pedagógica.¹¹³

José Valdivino mais uma vez ressalta os benefícios da presença feminina para o sexo masculino na contenção dos “instintos” e nas suas “inclinações”. Porém, quando as influências são invertidas parece que nada tinha de positivo para os católicos a influência masculina sobre o sexo feminino, pois este perderia sua “espécie de temor”, seu “receio”, seu “pudor” se transformando no que o autor chamou de “mulher masculina”. Neste trecho temos algumas características que eram atribuídas, desejadas e que os católicos buscavam ditar nos costumes da sociedade fortalezense, ou seja, o típico quadro que constrói o sexo feminino como o sexo frágil, que precisa de alguém para lhe ajudar com seus “temores”, como se este fosse algo da natureza feminina, como se o medo não fosse parte de uma construção social e histórica¹¹⁴. Outro ponto é a preocupação com o “pudor” feminino, que, segundo o pensador

¹¹³ O perigo da coeducação. **O Nordeste**, Fortaleza, 05 de fevereiro de 1937, p. 04.

¹¹⁴ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada** / Jean Delumeau; tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

católico, se perderia com o contato educacional junto com o grupo masculino, dando mais uma vez uma denotação do que era ser mulher e homem, nesta primeira as questões voltadas ao pudor, à imagem simbólica de mulher ligada à virgindade, pureza nos atos e nos pensamentos. Em contrapartida esses valores parecem não fazer o menor sentido para os homens e não tê-los parece justamente ser o que definia, para os católicos, o sexo masculino e feminino, pois a mulher que perdesse essas características seria, segundo o intelectual, como vimos, uma “mulher masculina”.

No entanto, a preocupação católica sobre o sexo feminino não se dava apenas pela suposta perda desses valores considerados importantes e naturais às mulheres, mas também pela posição estratégica que elas ocupam na difusão, divulgação e consolidação dos valores católicos nos futuros fiéis (seus filhos), pois ainda temos consideravelmente as mulheres restritas ao ambiente familiar, poucas mulheres saiam para trabalhar e as que trabalhavam não eram bem vistas pelo grupo católico, pois elas deveriam estar ligadas aos afazeres da casa e na educação inicial dos filhos.¹¹⁵ Dessa forma, as mulheres faziam parte basilar na divulgação dos valores católicos, principalmente quando estas seriam responsáveis pela educação inicial da prole naquele momento e esse papel estratégico defendido pela Arquidiocese e sua intelectualidade fica visível quando se fala que essa “mulher masculina” seria formada “sem preconceitos religiosos, livre de dogmas”. Entendamos aqui preconceitos não como algo de valor pejorativo como é atribuído atualmente, mas como ideia preconcebida, ou seja, uma fundamentação religiosa na qual estaria ali a presença católica com seus valores e dogmas para serem estabelecidos antes de qualquer outro contato com qualquer tipo de ideal religioso que não fosse o católico.

Assim, reforçado o pensamento da Arquidiocese de Fortaleza a respeito do que pensavam sobre educação; quem eram os inimigos; que valores deveriam ser combatidos, além de estabelecer os lugares sociais para homens e mulheres na sociedade almejada pelo grupo católico, José Valdivino encerrou sua defesa ao modelo educacional católico atacando mais uma vez a coeducação e a escola mista dizendo que “Nada, portanto, mais moderno em educação que a escola mixta [sic.], a promiscuidade de sexos”. Fazendo dessa maneira mais uma vez uma associação simbólica e pejorativa da relação entre o que era considerado “moderno” no que dizia respeito aos valores pedagógicos daquele momento, a escola mista e a “promiscuidade de sexos”, atacando os valores defendidos pela Escola Nova e a

¹¹⁵ LEÃO XIII. **Rerum Novarum.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

coeducação, e consequentemente reforça e dá legitimidade aos valores estabelecidos pelo grupo católico e as construções sociais buscadas por eles.

Não foi por acaso que em 1940 o plano educacional feito por uma Junta Arquidiocesana, publicado no jornal O Nordeste, ditava algumas regras a serem seguidas pelas escolas da capital cearense, como vimos no início desse capítulo no tópico 2.1, no qual existem alguns pontos que não foram apresentados, visto que eram necessários alguns esclarecimentos para que pudessem ser abordados, nesse sentido esses pontos já foram esclarecidos, então, voltemos agora a alguns pontos deste plano educacional Arquidiocesano:

A Junta Arquidiocesana da Ação Católica de Fortaleza elaborou e propõe-se executar o seguinte plano educacional: [...]

b) Entendimento eficiente com os diretores dos colégios de frequência mixta para tornar os seus educandários exclusivamente de frequência masculina ou feminina, ou então fazer funcionar o colégio em dois prédios independentes, ou dividir as aulas em dois turnos, matutino e vespertino, sendo um para os rapazes e outro para as moças, a partir ao menos do quarto ano primário, inclusive.

c) O intento da letra b deve ser executado no prazo de DOIS anos, a contar de 1940, obedecendo aos seguintes itens:

1º.) O diretor do colégio comprometer-se-á firmemente, perante a Junta Arquidiocesana da Ação Católica de Fortaleza, a fazer, DESDE LOGO, o recreio das alunas completamente isolado do recreio dos alunos.

2º.) As alunas, nos recreios, serão vigiadas por uma governante.

3º.) Nas aulas, haverá separação absoluta entre alunos e alunas.

4º.) Os bebedouros e aparelhos sanitários das duas secções serão independentes.

d) Recomendamos, desde já, às famílias católicas os colégios que atualmente não são de frequência mixta, como também aqueles cujos diretores se comprometerem com a Junta da Ação Católica, nos termos da letra c) nº. 1, a realizar o plano das letras b) e c).¹¹⁶ [grifos do autor]

Através deste plano podemos analisar como era constante a preocupação católica com as escolas mistas e com a coeducação, ressaltando, por exemplo, as pressões feitas por este plano às escolas da capital cearense e aos seus diretores para que fimassem um acordo para pôr fim a este tipo de educação formal. Outra característica dessa preocupação pode ser analisada pela posição que esse plano ganhou no jornal católico, ocupando uma notícia de capa, na parte central da página e com um destaque tanto para o título da publicação como também para o plano que teve toda sua impressão feita em destaque como pudemos observar.

Portanto, dado esse enfoque, nos atemos agora ao plano em si, iniciando pelo item “b”, o qual busca um “entendimento eficiente com os diretores dos colégios” mistos na busca de pôr fim a essa junção, tornando essas instituições de frequência masculina ou feminina, ou no mínimo dividir esses grupos em turnos diferentes. Aqui algo nos chama a atenção, o estabelecimento mínimo para que os sexos fossem separados, ou seja, o quarto ano primário.

¹¹⁶ Ação Católica Brasileira (Junta Arquidiocesana de Fortaleza). **O Nordeste**, Fortaleza, 30 de janeiro de 1940, pag.01.

Ao nosso olhar analítico isso estava ligado ao momento da fase que passava o sexo feminino, passando segundo, outra publicação de José Valdivino sobre coeducação, da “2ª infância”, compreendida dos 6 aos 10 anos, para a “fase da adolescência” compreendida dos 10 aos 13 anos¹¹⁷, junto a mudança de uma fase para outra não podemos desprezar as mudanças que o corpo feminino estaria passando também naquele momento e isso parecia preocupar bastante o grupo católico de Fortaleza, principalmente se esta mudança corporal estivesse ocorrendo junto ao grupo do sexo masculino, pois essa junção era encarada pelos católicos como algo perigoso e colocava em risco todos aqueles valores que estavam sendo estabelecidos ao sexo feminino, pela Arquidiocese e seus intelectuais.

Na letra “c” existe uma preocupação em estabelecer uma data para que o plano fosse cumprido de forma integral pelas escolas, porém foram estabelecidos quatro pontos que deveriam ser executados “DESDE LOGO”, mostrando algumas preocupações que saltavam os olhos do grupo católico. E neste momento temos mais uma vez sendo exaltada a preocupação desse grupo em separar a presença feminina da masculina. Fica clara a preocupação com as mulheres, pois não se fala em separar o sexo masculino do feminino e sim o inverso. Aparentemente pode não ser algo tão importante ou que a ordem estabelecida no plano educacional não influencie no objetivo católico, que aparentemente era só a separação de ambos os sexos.

Porém, não é bem assim, como podemos constatar no segundo ponto, não existia uma preocupação apenas em separar os sexos, mas sim uma atenção exacerbada direcionada ao sexo feminino, pois apenas elas precisavam ser vigiadas por uma governante, não existe essa mesma preocupação com os homens, eles, pelo que nos parece, não precisavam ser vigiados, não tinham a necessidade de ser separados. Diante disso nos perguntamos os motivos que levavam a essa preocupação exacerbada com as mulheres e um olhar aparentemente relapso no que dizia respeito ao comportamento masculino. Teríamos aí uma ligação simbólica dessa relação comportamental com Adão e Eva? Achamos que não devemos nos precipitar com tais afirmações partindo apenas de mera especulação, afinal de contas não é esse o ofício do historiador.

Dessa maneira vejamos:

Até aqui o *verdictum* da sciencia; dora em diante, a palavra autorizada da Igreja Cathólica, sobre tão momentoso assumpto, hoje quando o materialismo vigente fomenta o aniquilamento do lar, retirando dele a mulher para jogá-la às praias de banho, aos clubes, ás universidades, afim de que, mais tarde, á mulher-mãe suceda a mulher homem, a mulher médico, a mulher esporte. [...]

¹¹⁷ O perigo da coeducação. **O Nordeste**, Fortaleza, 12 de fevereiro de 1937, p. 04.

Assente sobre bases divinas, a sua palavra é verdade.

Pela voz dos seus pontífices, dos seus theologos, dos seus padres, Ella se tem manifestado contra a coeducação e as suas modalidades, não por simples preconceito, mas baseada num argumento de fé: o *Peccado Original*.

A desobediência dos nossos primeiros paes transmitiu-se até nós, si eram eles os representantes e responsáveis únicos de toda a raça humana.

Tornamo-nos, pois, sem a Graça, susceptíveis de peccado, de toda e qualquer delinquencia moral.

Nascemos com a fraqueza de origem, propensos a atender mais á matéria que ao espírito.

A inclinação natural do homem para sua companheira está sujeita a maldade, justamente pelo peccado de origem, que nos roubou a graça santificante.

Vetar toda e qualquer ocasião de peccado, eis o cuidado de Igreja, detentora, na terra, das graças infinitas de Nosso Senhor Jesus Christo.¹¹⁸ [sic.]

Mais uma vez José Valdivino e suas publicações a respeito da coeducação se faz presente para nos mostrar o lugar social destinado à mulher e ao homem e também a relação do modelo educacional defendido pelos católicos com os padrões que estavam sendo construídos e combatidos por este grupo. Porém, segundo este intelectual, se até aquele momento buscou mostrar seus argumentos baseados na ciência, a partir de agora iria mostrar os argumentos da Igreja Católica para defender o seu ponto de vista em relação à coeducação.

Portanto, já mostra desde o inicio a suposta preocupação da Igreja com o lar católico e conseqüentemente com a família, mas como já vimos esse era um dos mecanismos usados pelo grupo católico em suas estratégias na construção de seus padrões, é possível perceber isso logo em seguida, quando ataca o suposto “materialismo vigente” que “fomenta o aniquilamento do lar” jogando as mulheres nas “praias de banho, aos clubes, às universidades”, dessa forma José Valdivino já estabelecia os lugares que eram destinados aos homens e às mulheres, com destaque para este último, que condenava a mulher a se limitar no máximo ao ensino secundário e nunca ao ensino superior, com foi possível perceber. Não sendo o bastante, o referido professor continua em “defesa do lar” e ditando os lugares sociais para mulheres e homens.

Segundo este intelectual, o lar e supostamente as famílias estavam ameaçados, pois este tipo de pedagogia ameaçava o lugar da “mulher-mãe” que daria lugar “a mulher homem, a mulher médico, a mulher esporte”. Assim, mais uma vez surge nossa “mulher masculina”¹¹⁹, que parece tomar o lugar dos homens, um lugar que, segundo esta visão, não seria o seu, pois, de acordo com este grupo, a mulher (MÃE) já tinha seu lugar estabelecido socialmente e ao homem, bem como pudemos observar não é uma mera coincidência vir de forma ordenada a sequência de adjetivos, homem-médico-esporte, que atribuíam determinados valores ao substantivo feminino, pois naquele momento estava sendo

¹¹⁸ O perigo da coeducação. *O Nordeste*, Fortaleza, 26 de fevereiro de 1937, p. 02.

¹¹⁹ O perigo da coeducação. *O Nordeste*, Fortaleza, 05 de fevereiro de 1937, p. 04.

simbolicamente atribuído ao homem quais os lugares que eles deveriam ocupar socialmente e hierarquicamente em Fortaleza.

Na sequência, é levantada a base, de acordo com José Valdivino, das críticas e do combate feito pela Igreja Católica à coeducação, sendo que antes busca legitimar e mostrar o valor da opinião religiosa, com as palavras do referido professor se remetendo a Igreja com “sua palavra é verdade”. Sabemos que essa questão poderia ser levantada e com certeza nem todo católico possivelmente tinha essa visão sobre a infalibilidade eclesiástica (como já pudemos ver com Luiz Sucupira), no entanto o texto segue seus argumentos contra a coeducação e diz que o posicionamento religioso contrário a esse modelo educacional não era mero preconceito, mas sim baseado em um princípio de fé, ou seja, um dogma: “o Peccado Original”, atribuindo a esse dogma a principal motivação das desobediências, da ligação do homem ao pecado e a “toda delinquescencia [sic.] moral”, como se esse suposto pecado cometido por Adão e Eva fosse herdado para toda a humanidade.

Porém, não estamos aqui para fazer uma genealogia do pecado, mas sim para relacioná-lo com os padrões e argumentações do grupo católico, nesse sentido cabe destacar três pontos que estavam relacionados entre si nessas argumentações: a relação matéria/espírito (corpo e alma), homem/mulher e pecado/Igreja Católica. Separados aqui de forma didática para melhor compreensão, mas que eles se relacionam e se fundamentam entre si, nas argumentações católicas.

O primeiro ponto procura relacionar esse dogma a uma distinção clara entre corpo-pecador e espírito-divinizado, ligado ao transcendental e por isso purificado e supostamente livre de pecado, colocando de forma hierárquica o espírito sobre o corpo e sendo sempre este último atribuído ao pecado, e consequentemente, visto pela Igreja Católica com desconfiança.¹²⁰

O segundo ponto, também relacionado àquele dogma mostra homem e mulher ligados ao pecado original, porém com um ingrediente novo, quando diz que existe “a inclinação natural do homem para sua companheira está sujeita a maldade”, por causa de tal dogma. Neste momento devemos analisar atentamente o que foi dito, pois ali reside uma contradição nas práticas do grupo católico fortalezense. Se realmente era acreditado que existia uma tendência natural masculina maldosa para com sua companheira, e aqui essa “inclinação natural maldosa” deve ser entendida ligada a questões sexuais, de libido e de desejos que estavam ligados ao corpo e consequentemente ao pecado, segundo o grupo

¹²⁰ Com exceção do “corpo de cristo” símbolo máximo dos católicos da purificação, pois segundo os dogmas católicos, neste estaria depositado a “santíssima trindade” católica, “Pai, Filho e **Espírito Santo**”.

católico, seria uma contradição que as mulheres fossem vigiadas por uma governante como era desejado pela Junta Arquidiocesana de Fortaleza, uma vez que não eram as mulheres a parte maldosa dessa história, mas sim o homem, como foi dito acima. Então, por que a vigilância sobre a mulher e não sobre o homem? Essa é uma questão pertinente, porém sua resposta terá que esperar mais um pouco. Antes temos que fechar a explicação desses três pontos aqui mencionados.

Assim, por último a relação pecado/Igreja Católica, pois se este primeiro está relacionado à matéria (corpo), ele também tem uma relação direta e importante nesse discurso quando relacionado com a Igreja, visto que se temos o pecado ligado ao corpo e consequentemente o homem está inclinado mais “a matéria que ao espírito” devido ao pecado original, quem seria o responsável pela inclinação voltada ao espírito e logicamente a “vetar toda e qualquer ocasião” de pecado? “Eis o cuidado da Igreja, detentora [...] das graças” perdidas pelo homem no pecado original, segundo os dogmas católicos.

Dessa forma podemos estabelecer a relação entre esses três pontos no qual matéria/espírito, homem/mulher e pecado/Igreja Católica estavam relacionados e fundamentados nas intenções católicas na tentativa de questionar o modelo educacional da coeducação e juntos ditarem os modelos para os futuros homens e mulheres fortalezenses, estabelecendo os lugares sociais que deveriam ocupar justificando-os de acordo com seus ideais religiosos e seus dogmas.

Entretanto uma pergunta ficou no ar: se o homem é que era dotado de maldade, por que as mulheres é que deveriam ser afastadas e vigiadas? Poderíamos dizer que, de acordo com o “pecado original”, Eva é quem come o fruto proibido e em seguida convence Adão a cometer o mesmo “pecado”, no entanto, seria muita leviandade nossa essa perspectiva e nada simétrico com os sexos e muito menos criterioso com o olhar sobre o grupo católico fortalezense. Assim, preferimos outra resposta mais palpável e simetricamente melhor construída com os argumentos que temos apresentado.

A preocupação exacerbada com o sexo feminino é fato, os motivos que fazem saltar os olhos católicos já foram aqui alguns apresentados, como os lugares destinados ao homem e à mulher na sociedade, o lugar estratégico dentro do seio familiar ocupado pela mulher visto pela Arquidiocese e seus intelectuais como forma de divulgar e constituir futuros católicos e aqui surge uma nova preocupação que acreditamos responder a pergunta que foi feita anteriormente e alguns outros pontos em torno da separação dos sexos.

A salada do ensino coinstrutivo é anti-científica, e, por consequência anti-pedagógica.

Os apologistas da coeducação e os directores de estabelecimentos onde há a construção esquecem-se de que, numa aula de meninos e meninas, de rapazes e senhorinhas, a irregularidade de um e outro sexos é imensa.

Eis por que se nos deparam meninos menos preparados que meninas o que provoca um estado de humilhação comprometedora.

Everado Backheuser diz:

“Percebe-se bem, portanto, a situação de patente inferioridade dos meninos nas classes ginásias mixtas, da qual resulta sem a menor dúvida, um pessimismo que leva ou á vergonha ou ao desânimo, inculcando ao ânimo do adolescente a noção de que ele será irremediavelmente vencido pela mulher na luta pela vida, quando de fato o que se dá é o oposto, por isso que a partir dos 15 annos a situação se modifica.” (Op cit – pag. 72).¹²¹

Temos neste momento alguns indícios que podem responder aos nossos questionamentos. José Valdivino, em seu artigo, mais uma vez se posiciona contra a coeducação e assume um discurso combativo e com palavras de cunho negativo relacionadas a esse modelo educacional. Entretanto, faz uma reflexão na qual estávamos acostumados a ver falando sobre a diferença entre os sexos, entrando nessa discussão um elemento novo, a irregularidade entre os sexos nas salas no ensino misto, visto por este intelectual como prejudicial, pois existiam “meninos menos preparados que meninas” e isto era encarado por este professor de forma negativa, podendo proporcionar “um estado de humilhação comprometedora”. Vale a pena destacar que a diferenciação existente não era algo específico do sexo feminino e masculino, mas sim de todo e qualquer grupo que esteja reunido, porém parece existir essa diferenciação apenas entre homem e mulher. Isso nos mostra que o que inquietava José Valdivino não eram as irregularidades em si, pois com certeza existiam irregularidades entre os próprios alunos do sexo masculino e feminino, mas o que lhe intrigava eram as meninas melhor preparadas que os meninos, chegando a mencionar que isso seria uma “humilhação comprometedora”, para mostrar uma visão que privilegiava e hierarquizava uma sociedade na qual a figura masculina deveria ter um maior destaque que a figura do sexo feminino.

Essas questões ficam ainda mais explícitas quando o autor faz uma citação que fala dessa desvantagem dos meninos em relação às meninas nas “classes ginásias mistas” que resultaria em um sentimento de “vergonha” e “desânimo”. No entanto, isso já havia sido mencionado por José Valdivino, o que ainda não tinha sido mencionado eram os motivos que levavam a estes sentimentos expressos na citação, pois segundo ela trazia uma “noção de que ele [homem] será irremediavelmente vencido pela mulher na luta pela vida”, porém faz uma ressalva ao final da citação dizendo que “de fato o que se dá é o oposto, por isso que a partir dos 15 annos a situação se modifica”, procurando fundamentar e legitimar uma superioridade

¹²¹ O perigo da coeducação. **O Nordeste**, Fortaleza, 19 de fevereiro de 1937, p. 05.

masculina sobre a feminina, reafirmando o lugar de superioridade que era dado ao homem pelo grupo católico fortalezense.

Nesse sentido, a busca por separar os sexos para não gerar esse tipo de sentimento nos meninos e consequentemente impor para as meninas disciplinas de cunho diferenciado, voltados para o lar e mantidas sob vigilância, pois elas não poderiam, segundo o pensamento católico, “perder o temor que é próprio do sexo”, construindo, assim, simbolicamente uma inferioridade que era estabelecida pelos padrões católicos fortalezenses através dos debates em torno do modelo educacional e que estrategicamente estabelecia padrões para homens e mulheres fortalezenses, além de estabelecer os lugares sociais dos dois sexos. Portanto, não podemos entender essas estratégias em torno da construção dos costumes e dos padrões da juventude da capital cearense, como algo engessado e emoldurado, pois seria não reconhecer as relações diferenciadas entre o que se pretendia estabelecer e o que era praticado cotidianamente por essa população. Afinal de contas se alguém pretende estabelecer esse ou aquele costume é por que existe outro costume não desejado, que é praticado. Com isso, nosso próximo capítulo, buscará analisar algumas práticas que eram combatidas pelo grupo católico e que iam justamente de encontro aos padrões e à ordem que estavam sendo construídos pela Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade laica.

CAPÍTULO 3: Em defesa da ordem: combate católico sobre a educação física, o cinema e o carnaval.

Como foi possível observar até agora, foram variadas as formas de organização que a Arquidiocese de Fortaleza buscou para restabelecer os padrões comportamentais e os costumes na sociedade fortalezense. No primeiro capítulo pudemos analisar a formação e atuação de uma base intelectual católica que passava a ser, a partir daquele momento, um dos pontos centrais da ação social católica, além de ser este um dos principais pontos da atividade católica para influenciar e consolidar conquistas que haviam sido perdidas desde a Proclamação da República. Junto a essa intelectualidade, pudemos averiguar a criação do jornal “O Nordeste” e como este veículo de informação foi usado pelo grupo para combater ideais contrários aos da Arquidiocese e para divulgar os preceitos defendidos pelo mesmo grupo.

Em seguida, vimos no segundo capítulo como essa base intelectual laica católica se utilizou do jornal O Nordeste e usou estrategicamente o tema da educação para travar um debate sobre o modelo que melhor seria para formar os jovens fortalezenses. No entanto, como analisamos, esse era apenas o ponto de partida dentro de uma perspectiva mais ampla de difundir os ideais católicos e preservar o futuro católico na capital cearense, além de buscarem reestabelecer padrões sociais para homens e mulheres, desejando através da educação definir o lugar social do sexo masculino e do feminino de acordo com o grupo católico, almejando restabelecer também questões que se voltavam aos costumes e aos comportamentos dessa população. Consolidam as concepções de mundo desse grupo católico, ao mesmo tempo em que estabeleciam visões políticas e um imaginário social que pretendia uma ação comum em prol desse grupo, favorecendo-o não apenas em suas concepções, mas também em suas ações e suas influências sobre a política nas décadas de 1930 e 1940.

Neste último capítulo continuamos a analisar esta preocupação em torno dos modos e costumes que estavam sendo combatidos e ditados pelo grupo católico aos jovens de fortaleza. E que em alguns momentos extrapolava para o restante da população. Porém, aqui além de buscarmos os padrões que estavam sendo construídos e desejados pelos católicos, analisaremos como a população e outros setores da sociedade tinham uma posição que não se coadunava com os preceitos estabelecidos pelos católicos. Para isso nos voltaremos para três eixos que observamos serem pontos de intenso combate por parte do grupo católico e todo esse poder de fogo usado por esta intelectualidade, não era por acaso, pois era justamente na educação física, no cinema e no carnaval que conseguimos perceber os valores sociais que

estavam sendo almeçados pelos intelectuais católicos não tinham tanta força e nem sempre eram obedecidos como desejava este grupo. Isso nos possibilita perceber que nesses três setores tínhamos visões e concepções de mundo diferentes e em disputa naquele momento, principalmente entre ideias de cunho católico e do outro lado de cunho laico. Mostra, assim, como as concepções católicas não eram as únicas e nem eram totalmente obedecidas. Por este motivo os constantes combates católicos a estes setores mencionados, pois traziam em suas entrelinhas concepções que contradiziam os comportamentos e os costumes que a intelectualidade católica buscava restabelecer nas terras fortalezenses.

Nesse sentido, estabelecemos um tópico para cada um destes pontos, a educação física, o cinema e o carnaval para melhor compreensão de nosso leitor, porém os três são faces de um mesmo processo e por este motivo aconteciam de forma simultânea. Estas três atividades incomodavam o grupo católico, pois questionavam os valores que eram estabelecidos por eles, ao mesmo tempo em que trazia uma influência não desejada para os jovens da capital cearense, por isso presenciamos nos jornais os constantes alertas que iremos ver por parte da intelectualidade católica, combatendo as três atividades. Porém, pelo que temos constatado o pensamento e as ações católicas não eram tão homogêneas como muitas vezes elas se apresentavam, pois mesmo entre os católicos veremos pontos de fuga em seus valores que estavam sendo divulgados no jornal O Nordeste, principalmente no que dizia respeito à educação física, ao cinema e ao carnaval.

3.1 – A educação física e o sexo feminino: “mascularização da mulher em terras da Fortaleza catholica”.

Como já verificamos, o setor educacional foi palco de intenso debate e disputas pelo grupo católico, para exercer uma determinada influência sobre a sociedade e impor seus valores. No entanto, esse grupo não era o único nessa disputa, principalmente quando se tratava do modelo corporal que estes jovens deveriam seguir, e serem formados. Com exemplo, a educação física era uma estratégia do Estado Vargas em sua política cultural que buscava dar uma nova cara para o Brasil, procurando “renovar”¹²² não apenas os aspectos políticos, mas também modificar o padrão físico do brasileiro. Para tanto a implementação da

¹²² Este termo vem destacado, por ser utilizado pelo discurso getulista nas décadas de 1930 e até 1945, usado estrategicamente para demarcar uma suposta “nova postura política” em seu governo. Porém, Maria Helena Capelato, desconstrói algumas dessas supostas “inovações” trazidas por este Governo. Ver: CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: **O tempo do Nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo** / organização Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. – (O Brasil Republicano; v.2).

educação física nas escolas funcionou como um desses mecanismos culturais usados pelo Estado, nesse período. A adoção dessa política foi uma medida que gerou choques de interesses no tocante aos padrões comportamentais e de costumes entre o Estado e a Arquidiocese de Fortaleza, principalmente no que dizia respeito a essas atividades físicas voltadas às mulheres, na capital cearense.

Antes de voltar nosso olhar sobre o gênero feminino, vejamos de forma resumida as intenções do Estado sobre a educação física e sua utilidade naquele momento.

<< Divisão de Educação Física >>

O novo departamento criado pelo Ministério da Educação

Rio, 24 (O ESTADO) – Decorreu brilhantíssima a instalação, no dia 21 do corrente, da <<Divisão de Educação Física>>, do Ministério da Educação, pela qual ocorrerá a administração das atividades relativas à educação física nacional, de acordo com a lei 378, de Janeiro de 1937. É diretor desse importante departamento o major do exército Barbosa Leite, autor do primeiro tratado sobre educação física, escritor de autoridade respeitada pelos que conhecem as questões da educação física nacional. A instalação da Divisão de Educação Física foi assistida pelos representantes da imprensa e elementos de destaque do mundo desportivo desta capital.¹²³ [grifos do autor]

Mostrando dessa forma que tal preocupação em torno da questão física estava contida dentro de um projeto cultural voltado para o modelo de nação almejado por esse Governo.¹²⁴ Para a construção do referido modelo de nação foi aplicada uma forte disciplina sobre os corpos, pois o governo necessitava de trabalhadores fortes e sadios e para isso a educação física e a prática esportiva exerceram um papel crucial na formação do corpo desses trabalhadores, porém essa ação disciplinar sobre o corpo, não se prenderia apenas ao âmbito da sociedade adulta, pois se voltava para as escolas e para os jovens, símbolos do futuro trabalhador e do futuro da nação, dessa maneira o Governo justificava a criação de uma divisão especial para a Educação Física.

Assim, desde cedo já se tentava controlar e disciplinar os corpos dessa juventude, seja através dos esportes ou através da educação física nas escolas, para dar um perfil corporal que pudesse se inserir dentro da identidade nacional que era forjada pelo Estado Varguista.

Com poucas variações, as teses que circulam pelos textos teóricos de educação física enfatizam os três pontos arrolados a saber: a moralização do corpo pelo exercício físico; o aprimoramento eugênico, incorporado à raça; a ação do Estado sobre o preparo físico e suas repercussões no mundo do trabalho. [...] O brasileiro idealizado não corresponde exatamente a figura do mulato, que apologistas da nacionalidade imaginaram ser o portador da identidade nacional. [...] “A nova Educação Física deverá formar um homem típico que tenha as seguintes

¹²³ Divisão de Educação Física. **O Estado**. Fortaleza. 25 de janeiro de 1938. p. 13.

¹²⁴ Para saber mais ver: LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**/Alcir Lenharo. – Campinas – 2ª ed. – SP: Papirus, 1986; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo/Maria Helena Capelato. – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção textos do tempo).

características: de talhe mais delgado do que cheio, gracioso de musculatura, flexível, de olhos claros, pela sã, ágil, desperto, erecto, dócil, entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de atos e pensamentos...”

Persegue-se obstinadamente não somente a configuração de um tipo físico único para o brasileiro; ambiciona-se também a definição de um só perfil racial, a ponto de ser estabelecida uma relação simples entre a raça e Nação constituída. A importância do trato do corpo é crucial para uma sociedade que se vê somatizada; a saúde, a força do corpo é a sua saúde e sua força estimadas. [...] Afinal, um projeto articulado de corporativização avançava nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade.¹²⁵

Alcir Lenharo analisa como esse corpo era entendido pelo Estado nos anos de 1930 e como ele era utilizado para moldar e disciplinar os corpos de acordo com o projeto que era ambicionado pelo Estado, a nação brasileira. Determina as formas, medidas e características que ele deveria ter, normatizando-o e determinando o corpo que era desejado em contraposição àquele que não era. Dessa forma percebemos que a disciplina sobre o corpo do jovem era rígida, buscava trazer esse modelo desejado para a juventude, controlando não apenas fisicamente, mas suas mentes e introduzindo os valores culturais de trabalho, de identidade nacional, de eugenia, além de ditar os costumes e comportamentos aconselhados para o “melhor desenvolvimento da nação”.

Agora é importante esclarecer o que entendemos por disciplina:

[...] é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. [...]

Muitas coisas entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalha-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou da linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”.¹²⁶ [grifos do autor]

A disciplina, como podemos ver, é entendida como um mecanismo de controle sobre o corpo, o qual busca manipular, moldar e docilizar os corpos de acordo com a necessidade, atribuindo valores, sentidos e formas desejadas. “Esquadrinhando” o corpo com uma busca do máximo controle do tempo, do espaço e dos movimentos. Ainda baseado em

¹²⁵ LENHARO, Alcir, 1946 – **Sacralização da Política**/Alcir Lenharo. – Campinas – 2ª ed. – SP: Papirus, 1986. pp. 77 a 79.

¹²⁶ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 118.

Foucault, ele estabelece algumas instituições disciplinares dentre as quais temos os colégios e os quartéis (simbolizado pelo exército). Desse modo, não podemos deixar de perceber que a Divisão de Educação Física era dirigida por um integrante do exército, coadunando assim duas instituições disciplinares: os colégios (através da educação física) e o quartel (através do diretor da Divisão), para o melhor controle e disciplinamento do corpo juvenil. Porém, aqui é importante uma ressalva sobre o trabalho de Michel Foucault, pois sua preocupação estava voltada em seu trabalho sobre as ações e as instituições disciplinares, no entanto, não se preocupando com as ações e práticas dos indivíduos que eram submetidos a ela, o que pode dar uma falsa impressão de que estes personagens estavam totalmente submissos a essas ações disciplinares e veremos neste capítulo que não era bem assim.

No entanto, voltemos às ações do Governo em relação às questões físicas da juventude, pois se era objetivo do projeto cultural Varguista construir uma identidade cultural para o Brasil na busca de uma unidade nacional, era necessário difundir esses princípios de forma ampla. Logo os atos cívicos e as fortes propagandas exercidas pelo Estado a nível nacional foram fundamentais para mostrar os tipos de corpo desejados pelo Governo Vargas. A “Parada da Raça” em Fortaleza, realizada na semana do dia sete de setembro contava com ampla participação de alunos e alunas dos colégios da capital, forma esta de mostrar os corpos e difundir os ideais que eram desejados pelo Governo, no período.

Outro exemplo do olhar do Estado sobre os corpos pode ser visto no jornal Unitário:

Sejamos Antropométricos

O Ministro da Educação acaba de declarar a srta. Ligia Cordovil, campeã de natação, um “padrão de perfeição física”. E mandou tirar-lhe retratos em dezenas de poses para serem distribuídos pelo país como propaganda do tipo ideal da raça. [...] Quem não for antropométrica que trate de ir para as praias e que se candidate, pelo exercício e pelas massagens do mar, a melhorar a sua plástica... Os Estados modernos cuidam, com a mesma severidade, da saúde como do físico de seu povo e legislam sobre as próprias dimensões do corpo humano... Ser antropométrico passa a ser um dever do cidadão.¹²⁷ [grifo do autor]

Por mais que esta nota traga um tom de ironia quando vista por completa, ela nos traz algumas informações que devem ser analisadas. Primeiro é ressaltada a importância dada pelo Governo ao tipo ideal de corpo desejado, segundo temos uma preocupação com o exercício físico, principalmente para os que ainda não têm a forma da “senhorita Ligia Cordovil”, por fim deve ser destacada a preocupação de divulgar esse modelo corporal pelo país, fotografando essa moça, campeã de natação, “em dezenas de poses para ser distribuídos

¹²⁷ Sejamos antropométricos. **Unitário**. Fortaleza, 11 de fevereiro de 1938. p.3

pelo país como propaganda do tipo ideal da raça”, mostrando a preocupação em difundir esse modelo como também ditar como se deveria chegar a essas medidas, ou seja, através do exercício e da prática esportiva.

Outro ponto que deve ser mencionado e analisado é como o corpo é percebido pelo Estado, que também possuía seus intelectuais para a criação e a divulgação dos seus valores e padrões desejados¹²⁸, pois aqui temos o corpo sendo visto e divulgado como parte integrante de um projeto cultural, que visa construir uma identidade nacional de forma conjunta com um modelo corporal para os integrantes dessa nação. Dessa forma, o corpo é visto como manipulável e moldável, com a prática de exercícios que poderiam dar formas desejadas a esse corpo, tendo assim uma intervenção pensada a partir da ciência, contando com ajuda de médicos, higienistas e todo um discurso que buscava dar credibilidade ao que era projetado pelo Estado.

Porém, se o Estado procurava mostrar os corpos que desejava legitimar como “tipo ideal da raça”, a Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade laica não pensavam da mesma forma.

Nos dias de festa, nos torneios collegiaes, entre os números de demonstrações esportivas dos alunos, estão inclusos os das alunas.

A’s vezes, a gymnastica rithmada, com todos os trejeitos e geitos; outras vezes, o “basquete-ball”, desenvoltamente praticado.

A indumentária é a rigor: joelheira á perna; saia “godê”, de fazenda fina, ao meio da perna a cima dos joelhos; corpete justo, para imitar o calção indecente do rapaz; ausência de mangas; nos pés, chuteira de borracha.

Eis a expressão clássica da masclularização da mulher em terras da Fortaleza catholica...

Depois, assim vestidas a caracter vão as moças-rapazes para o campo da rede de “basquete-ball”.

E, então, ninguém de bom senso negará que está presenciando um espetáculo de semi-nudismo, incontestavelmente, pagão!¹²⁹ [sic.]

Este trecho que acabamos de ver foi escrito por José Valdivino e pelo que verificamos sua visão em mostrar os corpos não se dava igual ao que era desejado pelo Estado como vimos, principalmente quando estes corpos que estavam à mostra eram femininos. A preocupação se estende sobre este sexo, não apenas pelo fato dele estar sendo mostrado, mas como era feita essa exibição, por este motivo a preocupação com a “gymnastica rithmada” e todos os seus “trejeitos e geitos”, pois o corpo feminino, como vemos, era alvo de uma

¹²⁸ Entre esses mediadores do estado podemos citar os intelectuais Francisco Campos, Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Lourival Fontes e etc. Para saber mais ver: GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: intelectuais e construção do mito Vargas. In: **O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo / organizadores, Antônio Costa Pinto, Francisco Palomanes Martinho.** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹²⁹ Resultado da Co-instrução em Fortaleza. **O Nordeste**. Fortaleza, 17 de dezembro de 1937, p. 4.

preocupação diferenciada por parte dos católicos, principalmente por que era através desse sexo que o grupo católico buscava reestabelecer os seus valores para as famílias. A mulher, como já foi dito, estava ainda fortemente ligada ao lar, aos afazeres domésticos, ao marido e aos filhos. Sendo a mulher considerada pelo grupo católico como detentora de um “pudor”, inerente ao seu sexo¹³⁰, esses valores deveriam ser preservados, porém a preocupação mais uma vez está em separar essas meninas da influência e dos olhares masculinos, uma vez que esta relação poderia render comportamentos e atos que eram indesejados pelo grupo católico e por uma boa parcela da população que coadunava com os valores que eram estabelecidos pela Arquidiocese de Fortaleza.

Toda essa atenção buscava não apenas conter a exibição desses corpos femininos, mas até mesmo controlar as roupas que essas meninas usavam, considerada pelo intelectual como um “espetáculo de semi-nudismo”. Porém, vejamos como eram as roupas desse grupo que estava praticando os exercícios. Temos o uso de uma saia “de fazenda fina”, posicionada acima do joelho, isso já parecia ser suficiente e motivo para a crítica pelo intelectual católico, pois temos uma “mulher” em trajes “finos” e de pernas à mostra. No entanto, ainda tem mais, usavam um “corpete justo”, sem mangas e por fim uma chuteira. Isso era o que José Valdivino definiu como um “espetáculo de semi-nudismo”.

Para o intelectual poderia até serem trajes não muito habituais para as meninas ou mulheres, porém, pelo que parece não eram os trajes que incomodavam e sim quem estava vestindo. Como bem mencionado pelo próprio intelectual, o corpete imitava o “calção indecente do rapaz”, mas em nenhum momento foi feita uma crítica ou uma manifestação contrária ao uso desse tipo de vestimenta pelo sexo masculino, que por sinal só tinha de diferente a saia “godê” por cima do corpete, fora isso nada mais, porém todo o “espetáculo de semi-nudismo” era atribuído ao sexo feminino, mostrando que não era a roupa que incomodava e sim quem estava a usá-la.

Para ser um dos mecanismos de mobilização utilizados pelo jornal e por seus contribuintes, o uso de uma suposta inversão de papéis entre os sexos, caso essas ações que eram combatidas em torno do sexo feminino continuassem, pois mais uma vez José Valdivino fala em uma “masculinização da mulher” e de forma indireta continua o desejo de reestabelecer os lugares sociais para homens e mulheres na capital cearense, inclusive, neste trecho em específico, chega até mesmo a estabelecer como deveriam se vestir os sexos, como vimos. As mulheres não poderiam mostrar pernas ou braços, pois parecia não condizer com os costumes que eram desejados e também se deixa transparecer que chuteira não era uma

¹³⁰ O perigo da coeducação. *O Nordeste*, Fortaleza, 05 de fevereiro de 1937, p. 04.

indumentária apropriada para as mulheres e sim para os homens, procurando assim restabelecer costumes e modos que eram desejados e combatidos, apelando ao viés religioso, deixando de forma direta que quem seguiam esses costumes combatidos não tinha “bom senso” e compactuava com esse “espetáculo de semi-nudismo” e “pagão”.

Mostramos diante de nossas análises a preocupação desse grupo intelectual com algumas novidades que chegavam à cidade. Novidades estas que iam desde utensílios de casa e escritório, como também novidades nos modos de se vestir, nas atividades físicas e até mesmo nas práticas de lazer.¹³¹ Mas como bem pudemos observar nem todos viam essas novidades com bons olhos e nem queremos criar um juízo de valor sobre elas, mas nossa preocupação incide sobre como o grupo católico as recebeu já constatamos que não foram bem recebidas, foram intensamente combatidas e para isso o grupo de intelectuais usou das páginas de seu jornal para fazer esse combate, usando do forte simbolismo das palavras e construindo um imaginário social entre os católicos como forma de combater os ideais contrários aos seus e incitando a população católica a se posicionar contra esses novos valores e a favor do grupo de intelectuais.

Portanto, esses combates travados pela intelectualidade católica na capital cearense não ficavam limitados ao âmbito da prática de exercícios como veremos abaixo:

Para que se possam os alunos submeter aos exercícios físicos, determinou-se, pela Portaria n. 161, de 11.5.39, um exame médico no colegial, exame inicialmente biométrico, durante o qual deve o aluno ficar “inteiramente desnudo,” tendo-se em vista, porém, as exceções que a discricção manda fazer com a idade e o sexo, quando a regra não possa ser obedecida “com todo rigor”.

Esse exame é que tem determinado, da parte dos pais, um movimento de protesto, maximé quando a ele querem que sejam levadas as meninas, não somente pelas medidas a que se deve submeter o paciente, como pelo modo e pessoa por que são feitas.¹³²

Como é possível analisar, nesta citação existia uma preocupação com os exercícios e com o modelo de jovem que se estava estabelecendo por parte do Estado, mas também podemos perceber uma preocupação não menos importante com o processo para a obtenção dos exames que eram exigidos para que os alunos pudessem se matricular nas escolas e fazer os exercícios físicos. Um dos pontos abordados e questionados pelo intelectual é o fato de para serem feitos esses exames “o aluno [deveria] ficar ‘inteiramente desnudo’”, gerando dessa forma alguns protestos de pais, segundo o jornal, pelo motivo de terem que levar suas filhas para a realização de tais exames, o que demonstrava uma preocupação com a

¹³¹ GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados** (do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”) / Blanchard Girão. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

¹³² Pontos de vista... , **O Nordeste**, Fortaleza, 10 de janeiro de 1941, pag. 04.

situação de exposição (“desnudo”) que essas meninas deveriam enfrentar além de quem seria a pessoa responsável por tais exames, isso parecia preocupar caso fosse um homem.

Assim, o intelectual católico faz algumas críticas aos costumes que estavam chegando ao país, classificados por ele de forma irônica como “avançados” e aproveita para mostrar algumas modificações que eram desejadas pelo grupo de intelectuais católicos no que dizia respeito à educação física e ao exame que era exigido.

No Brasil, felizmente, a mentalidade ainda é “retrograda”, para empregar a expressão dos “avançados”. Embora as praias do Rio e de Santos já dêem uma amostra da desfaçatez de costumes, quando abandonada a consciência moral verdadeira, o cerne da nacionalidade, a força viva da raça, o núcleo do organismo social ainda não chegou a contaminar-se até a insensibilidade escandalosa. Por isso é que certos métodos de aferição eugênica repugnam às nossas fibras de pessoas cristãs.

Aproveitando a oportunidade que oferece o Ministério da Educação para uma possível modificação das normas hoje adotadas na biometria dos colegiais, o professor José Valdivino dirigiu um bem redigido memorial ao Presidente da Ação Católica Brasileira, para que, as novas diretrizes a serem estabelecidas no tocante a educação física, indispensável por sem dúvida ao corpo e a alma, e, assim, necessária na infância e adolescência, se excluíssem as medições biométricas para as meninas, conservando-se apenas os exames de pulmão e coração, que se proibissem os exercícios de “maillot”, para as moças, que se façam os exames biométricos do elemento masculino em calção e que se exclua da educação física o seu sentido de atletismo e a sua condição de igualdade de valor com as demais disciplinas do curso.¹³³ [sic.]

Luiz Sucupira inicia essa parte com um tom de ironia, agradecendo que “felizmente” o país tem uma mentalidade “retrograda”, fazendo uma crítica aos defensores da educação física tal e qual vimos anteriormente. Aproveita também para fazer uma crítica às vestimentas e aos comportamentos que eram praticados nas praias do Rio e de Santos, argumentando que o “cerne da nacionalidade” não estaria nesses pensamentos “avançados”, ou até mesmo muitas vezes apontados como modernos, mas sim, na “consciência moral verdadeira”, ou seja, nos valores, nos costumes e nos comportamentos ditados pelo grupo católico. O intelectual se apropria de um discurso usado pelo Estado, baseado na eugenia e em um ideal de nacionalidade e procura atrelar estes pensamentos aos valores morais e sociais desejados e defendidos por eles, dando a falsa impressão de que não existiria uma unidade nacional, uma identidade cultural que trouxesse benefícios à nação fora dos ideais e dos valores católicos. Em seguida o intelectual mostra uma possível abertura por parte do Ministério da Educação para que pudessem ocorrer algumas modificações no exame biométrico dos colegiais. Depois ele ressalta a escrita de um memorial feito pelo “professor José Valdivino”.

¹³³ Ibidem. p. 04.

O primeiro ponto que deve ser analisado é essa abertura por parte do Ministério da Educação para que ocorresse uma modificação nas questões que envolviam a educação nas escolas, pois sendo este um dos pontos principais, como já foi alertado por nós, no projeto cultural do Estado Getulista, como se abre uma pauta para modificações principalmente se tratando de um momento autoritário, como era em 1941?

É importante mostrar que quem ocupava o cargo de Ministro nessa pasta era Gustavo Capanema, um intelectual católico de Minas Gerais, que acabou assumindo o cargo depois de perder a disputa ao Governo de Minas, tendo como um dos amigos políticos do mesmo estado e compondo pelo menos inicialmente a mesma base intelectual católica em Minas e seguindo para outro Ministério no Governo Vargas, Francisco Campos. Capanema, além de integrante do Centro Dom Vital, base irradiadora da Ação Católica no país naquele período, ainda era amigo pessoal do Presidente daquele centro, Alceu Amoroso Lima, o principal nome da Ação Católica do país, e era responsável por indicar alguns nomes de confiança para o Ministro da Educação.¹³⁴

Dessa forma, podemos perceber os motivos dessa abertura para algumas modificações nas questões voltadas à educação física, mesmo estando em um momento político autoritário, como em 1941. Ao mesmo tempo em que facilita o entendimento do envio de um memorial por parte de José Valdivino para o Ministério, pois como membro dessa intelectualidade católica e tendo como amigo Luiz Sucupira, que também era integrante do Centro Dom Vital, tinha uma abertura para que pudesse fazer e chegar ao ministério o seu memorial sugerindo algumas modificações.

As modificações sugeridas deve ser outro ponto a ser analisado, pois, como foi possível observar, as preocupações do grupo católico deixam transparecer como o corpo era entendido, não apenas o corpo físico, que pode ser moldado e manipulado, mas o corpo para o grupo católico é acompanhado pela alma e esta não poderia ser desvincilhada do corpo. Por isso as modificações sugeridas seriam indispensáveis para o corpo e a alma, nesse viés, é importante frisar: se o Estado pode intervir sobre o corpo, quem seria o responsável pela alma? Não é por acaso que o grupo católico trazia em suas concepções sobre corpo essa distinção, pois isso daria totais poderes a ele, uma vez que, como vimos nas encíclicas e é constantemente divulgado pelo grupo católico, só a Igreja Católica é responsável pelas coisas

¹³⁴ SCHWARTZMAN, Simon, **Tempos de Capanema** / Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa – São Paulo : Paz e Terra : Fundação Getúlio Vargas, 2000.

divinas, ela é a representante da vontade de Deus na Terra,¹³⁵, o que dava a esse grupo total legitimidade para intervir e estabelecer o que era bom e o que era ruim para a formação desses espíritos juvenis.

No entanto, não entraremos no mérito da questão religiosa, ou de credo, mas sim no que essa concepção entre corpo e alma estabelecidos pelo grupo católico poderia lhe proporcionar em termos de possibilidades para legitimar seu poder diante de um regime republicano que estava se restabelecendo, e que poderia lhe trazer novamente alguns ganhos que foram perdidos.

Diante dessa visão ela poderia estar ditando como vimos os padrões sociais para o sexo masculino e para o feminino, além de ter total autonomia dentro do Estado, uma vez que a temos apenas como detentora da vontade divina e, assim, pelo direcionamento das almas. Por isso sempre ligado ao discurso de corpo e da alma, também teremos ressaltada a importância dos valores morais, pois era através destes que, segundo o pensamento católico, teremos o melhor direcionamento das almas católicas e, claro, teremos introduzidos e estabelecidos os costumes, hábitos e comportamentos desejados pelos católicos dentro da sociedade fortalezense.

Nesse sentido, e comprovando o que temos analisado, Luiz Sucupira apresenta as sugestões que foram enviadas para o Ministério, que buscavam estabelecer o fim do exame biométrico para as meninas, ficando apenas os exames de coração e pulmão, proibindo o uso de determinadas vestimentas, exclusivamente para o sexo feminino. Para os rapazes, continuavam os exames biométricos, porém agora, não mais completamente “desnudos”, mas com calção e por fim vem duas últimas sugestões, estas voltadas para a educação física enquanto disciplina, pois queria a retirada do seu “sentido de atletismo” e finalmente a retirada de sua igualdade de valor com as outras disciplinas. Não dando mais tanta ênfase ao corpo como era desejado pelo Estado, e se voltando mais para a formação teórica que, segundo os intelectuais e a Arquidiocese, era mais importante para a formação moral e intelectual desses jovens.

Porém as preocupações com a prática esportiva e os exercícios traziam nas entrelinhas outras preocupações para o grupo católico e fazia com que ele buscasse mobilizar os pais e mães de família para impedir a entrada de outros valores não desejados em nossa sociedade.

¹³⁵ PIOXI. **Divini Illius Magistri.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius_magistri_po.html>> Pesquisado em: 27 de dezembro de 2011.

Isto é desfibramento, meus senhores paes de família; meus senhores diretores de collgeios; meus senhores organizadores de festas esportivas!!!

Isto é desfibramento de raça; de caráter; de fé; desfibramento de compleição moral de um povo que se envenena sorrindo. [...]

Onde estas moçoilas perderam o natural pudor que amoldura com fulgurações celestes, a alma das donzelas?

Que despersonalização é esta, em que a nossa mocidade feminina se paganiza, a titulo de modernismo norte-america?

Afloremos, a tona do coração, a nossa catholicidade adormecida, para que não morra, no espirito brasileiro, a fé que a Cruz do Nazareno nos deu, desde o berço da nossa História.

Reajamos contra esta paganização rediviva e satânica, mormente no nosso querido e decantado Ceará – padrão máximo da alma católica do Brasil. [grifo nosso]

Que nossos paes compreendam melhor o sagrado valor da pureza de uma menina, para não deixa-la humilhada, numa partida de “volley-ball”, comprometendo a saúde da sua alma e a higidez do seu organismo que se resente bastante com esses exercícios violentos, impróprios ao seu sexo.¹³⁶

Aqui podemos analisar uma mobilização feita pelo professor José Valdivino, mostrando ainda sua preocupação com as práticas esportivas e o modo como as meninas se vestiam para as festividades esportivas ou para o simples exercício físico feito por elas. Chama a atenção de pais, mães e até diretores de colégios, ressaltando que o povo se “envenena sorrindo” e levantando alguns questionamentos em relação aos costumes e valores das terras cearenses, destacando nosso estado como “padrão máximo na alma católica do Brasil” e tenta mobilizar o público católico da capital e do nosso estado para se manifestar em favor dos valores que estavam sendo combatidos e dos que estavam sendo defendidos por José Valdivino. Destaca ainda a forte preocupação do grupo católico com o sexo feminino e olhar sobre os corpos e almas desse grupo que estariam sendo sacrificados pelos “exercícios violentos”, “impróprios ao seu sexo”.

Entretanto, temos aqui um ponto que merece uma melhor atenção em nossas análises, alguns valores que estavam chegando à capital cearense e ao país como um todo e que não eram bem vistos pelo grupo católico, e por isso constantemente combatidos por este mesmo grupo. Na citação, o intelectual pergunta: “Onde estas moçoilas perderam o natural pudor que amoldura com fulgurações celestes, a alma das donzelas?” e em seguida ele procura responder fazer outra pergunta e mostra que valores eram esses que estavam sendo introduzidos em nossa capital e combatidos pelo grupo católico, quando diz: “Que despersonalização é esta, em que a nossa mocidade feminina se paganiza, a titulo de modernismo norte-america?”. Aqui temos os valores que estavam chegando a Fortaleza e que

¹³⁶ Resultado da Co-instrução em Fortaleza. **O Nordeste**. Fortaleza, 17 de dezembro de 1937, p. 4.

eram combatidos pelo grupo católico, valores norte-americanos que traziam outros costumes, outros hábitos, outros valores que não eram os defendidos pelo grupo católico.

Luiz Sucupira também deixa essa mesma crítica transparecer aos valores norte-americanos, dizendo: “O americanismo, ou ianquismo, para mais bem caracterizar o fato na sua manifestação real, está revolucionando impiedosamente a concepção do sentido moral da vida”¹³⁷, dessa forma não podemos deixar de mencionar o papel fundamental do cinema nessa introdução e na ampla divulgação desses novos valores vistos de forma tão prejudiciais, segundo esses pensadores católicos, para a sociedade fortalezense. Porém, para analisarmos os combates desse grupo ao cinema e aos valores culturais norte-americanos que estavam sendo estabelecidos na capital cearense, precisamos de um olhar sobre esta atividade na cidade e quem eram os principais personagens que frequentavam as salas de cinema de Fortaleza.

3.2 – “Das telas para a vida”: o perigo do cinema para a formação cristã da juventude fortalezense.

Como foi possível perceber, as preocupações com o corpo traziam uma série de embates entre o papel destinado à Educação Física pelo Estado e pela intelectualidade católica de Fortaleza, no entanto, essa preocupação não se restringia a esse âmbito apenas, ela se estendia a outros valores, costumes e até mesmo ao comportamento que se desejava implementar para a juventude. E foi justamente isso que começou a despertar certo olhar combativo por parte dos católicos aos valores norte-americanos que estavam chegando a Fortaleza, principalmente os que chegavam através das telas do cinema.

Isso motivou o grupo católico a publicar constantemente em sua folha diária uma coluna chamada “CINEMAS E THEATROS”, a qual não tinha assinatura, mas pelo que consta em nossas leituras era escrita por Luiz Sucupira¹³⁸, justificando assim sua constante presença no Teatro José de Alencar e nas salas de cinema de Fortaleza. Nessa coluna poderíamos ver a classificação indicada para cada um dos filmes exibidos nas salas da cidade e em especial algumas publicações que traziam descrições ou justificativas para a censura daquele filme para o público católico.

Filmes censurados: - [grifo do autor] “Seu maior triumpho”, rápida scena de paixão criminoso e **decotes exagerados de Martha obrigam a restrições**; “Caravana musical”, **passagens de dançarinas com vestes transparentes obrigam a**

¹³⁷ Pontos de vista... , **O Nordeste**, Fortaleza, 10 de janeiro de 1941, pag. 04.

¹³⁸ ARARIPE, J.C. Alencar. Despedida na saída. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo CXI, 1997. pp. 334-335.

reservas; “Pilherias da vida”, **reservas por cenas de camarins e vestes exíguas**; “Uma noite de amor”, **restrições por cenas de interior e deshabililés da protagonista**. Adultos de espírito bem formado terão nelle agradável passatempo; “Serenata em Veneza”, **de nenhum valor moral e de frágil valor artístico, a maioria das secanas decorre em semi-nudismos de praias de banho**; “Martha”, musica muito agradável. Bom desempenho. Aceitavel com restrições (de “A União”, do Rio), “Festa de piscina”, **exposição de pernas de alumnas do colégio protestante Anglo-Americano do Rio** [grifos nosso]; “O ultimo comando”, digno de ser visto; “O homem invisível”, cenas altamente impressionantes; “Charlia Can em Londres”, impróprio a menores, por cenas de crimes; “A Grande Guerra”, digno de ser visto por espíritos sensatos não convindo a menores por sequencias impressionantes; “Sublime obsessão”, optima fita; “No mundo dos sabidos” e “Pais de férias” podem ser vistos”.¹³⁹

Como pode ser percebido, tínhamos uma coluna que mostrava cada filme e em seguida a classificação e justificativa para as restrições, ainda contendo a divulgação das salas e dos filmes exibidos, que não foi colocado acima. No entanto, vejamos um ponto importante na censura estabelecida sobre esses filmes, pois a grande maioria trazia em si alguma cena caracterizada pelo grupo católico como de “atentado a moral”, por mostrar algum tipo de nudez ou algo que trouxesse a mesma conotação para os espectadores. Outro ponto que deve ser mencionado é que a nudez, que é proibida mais uma vez é a feminina, porém a censura não se limitava apenas a esse sexo, mas sim para ambos.

As ações dos católicos fortalezenses não se limitavam apenas à censura em sua coluna específica, mas também partiam para o ataque a alguns comportamentos indesejados que eram trazidos por esta nova diversão.

O cinema e as danças [grifo do autor]

Não são apenas os ambientes de jogo, de gente que se embriaga ou que comete crimes os mais lamentáveis nos filmes americanos, franceses, ingleses, ou alemães. São também as danças apresentadas como novidades elegantes, não só de *cabarets*, mas até de salões que pretendem ainda ser *familiares*.

É incrível a desfaçatez que se exibem, no som bárbaro do “jazz”, os rithmos selvagens, as contorções sensuais, os tremores quase epilépticos de certas danças dignas de tribos selvagens da Africa ou da Oceania.

E o público aprecia, aplaude e talvez queira ensaiar.

Evidentemente, estamos numa época de invasão de uma mentalidade negroide. [...]

Si fossem só os sapateados que se exhibissem... Mas há danças, no cinema norte americano, até nos jornaes, evidentemente lascívias e indignas de gente civilizada. E ninguém protesta, com medo de parecer puritano e retrogrado...¹⁴⁰

Logo no início ao apontar alguns dos comportamentos e exemplos que eram indesejados pelos católicos, como a jogatina e a embriaguez, além das cenas que traziam “crimes lastimáveis”, dirige de forma ampla não apenas aos filmes norte-americanos, mas os de outras nacionalidades também. No entanto, o que mais trazia incômodo para esse grupo eram as danças em “rithmos selvagens” e com “contorções sensuais”, sendo apresentadas de

¹³⁹ CINEMAS E THEATROS. **O Nordeste**, Fortaleza, 09 de janeiro de 1937, p.04.

¹⁴⁰ O cinema e as danças. **O Nordeste**, Fortaleza, 15 de janeiro de 1937, p.02.

forma pejorativa como dignas de tribos selvagens. Mais incômodo para esse grupo que a apresentação dessas danças nas telas de cinema era o fato de “o público apreciar, aplaudir e querer ensaiar”, isso parecia ser inconcebível para os católicos e realmente era isso que acontecia ou, caso contrário, as salas de cinemas não seriam tão frequentadas se o público não apreciasse o que assistia.¹⁴¹

Ainda tentando associar essas danças às formas pejorativas de postura para a população, procura associá-la a “uma mentalidade negroide” e a “selvageria”, porém no final deixa realmente transparecer o que incomodava de fato, ou seja, a exibição não apenas da dança, mas de partes do corpo, consideradas por eles “cheia de lascívia e indignas de gente civilizada”, atrelando esse tipo de comportamento ao cinema norte-americano, especificamente a essa nação, pois tínhamos ali uma nação de origem protestante e que trazia constantemente em seus filmes uma suposta “liberdade” de costumes, de práticas e comportamentos que não se coadunavam com os parâmetros que estavam sendo desejados pelo grupo católico em Fortaleza.

Como vimos, essas danças invadiam não apenas os “*cabarets*” com salões que ainda se pretendiam “*familiares*”. O que denota para nós uma preocupação com a invasão desse hábito combatido pelos intelectuais católicos de Fortaleza, mas que eram difundidos pelo cinema americano não apenas em locais que simbolizavam o “pecado”, mas também ambientes mais destacados da sociedade como os “salões familiares”. Traz uma dupla preocupação, a primeira que estava relacionada a danças cheias de “contorções sensuais” e a divulgação dos “cabarets”, estabelecimentos que eram combatidos constantemente nas folhas do jornal católico e que era retratado pelo jornal como local de desordem e desregramento. Segundo, temos a preocupação com a invasão desse hábito dançante no seio de estabelecimentos familiares, pondo em risco essa instituição tão importante para o grupo católico e que, se prestarmos bem atenção, é também uma preocupação que consta no combate aos “cabarets”, pois estes locais poderiam pôr em risco a família, e trazer algo inconcebível para os católicos, ou seja, a sua dissolução. Nesse sentido, compreendemos as preocupações com esses hábitos que estavam sendo passados pelas telas do cinema junto com os costumes e valores que eram trazidos com suas películas, principalmente as norte-americanas.

Existiam valores que eram constantemente censurados pelo jornal e que apareciam com frequência:

¹⁴¹ GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados** (do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”) / Blanchard Girão. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

Filmes censurados: - [grifo do autor] “A’s oito em ponto”, monótono. cenas de semi-nudismo obrigam a restrições; “O punhal dos Borgias”, **impróprio a adolescentes**; “Uma noite no Ritz”, de bem humor, de enredo inverossímil, mas engraçado. Aceitável com reservas; “Galhardia de mulher”, **pela contextura do seu enredo em que há forte descaída moral, deve ser vedado aos adolescentes**; “O primeiro beijo”, **com reservas para adolescentes por cenas de paixão e banho da protagonista, além de um suicídio**; “Bonita e ladine”, condenável e prejudicial por cenas de adultério e divórcio.¹⁴² [grifos nosso]

Aqui vejamos os valores e costumes que estavam sendo censurados pelo jornal e para quem mais se direcionavam essas proibições. As cenas de nudez mais uma vez são condenadas por esse grupo em nome de uma moral, ou seja, de um “dever ser”, pois quando esse grupo proíbe tais cenas ou tais filmes ele está procurando determinar quais os costumes que deveriam ser combatidos e não seguidos, ao mesmo tempo em que direcionava essa população católica aos comportamentos e costumes desejados por esse grupo católico de Fortaleza.

Podemos citar como exemplo a restrição aos filmes que traziam cenas de adultério, divórcio e suicídio, comportamentos e valores que não se encaixavam com os costumes que eram desejados despertar na juventude fortalezense, pois a família católica desejada era nucleada e centrada nas figuras do pai e da mãe, em um casamento religioso (católico), indissolúvel e conseqüentemente “fiel”, por isso o combate feito ao divórcio e ao adultério, visto de forma inconcebível pela moral desejada, ao mesmo tempo em que se combatia filmes que continham cenas em “cabarets”, como já vimos, pois esses locais poderiam simbolizar esses valores que estariam diretamente ou indiretamente associados ao divórcio e principalmente ao adultério. Quanto ao suicídio, acreditamos nem precisar entrar em detalhes, pois sempre condenado pela instituição que, segundo o seu princípio religioso, um dos 10 mandamentos básicos do ensinamento católico é o “não matarás”, segundo o dogma desta doutrina se Deus é quem concede a vida só ele pode tirá-la.

Diante desses valores que estavam sendo estabelecidos pela censura e também pelo cinema, existia um público que despertava uma maior preocupação por parte dos católicos, como podemos ver no destaque que foi dado na citação. Dos seis filmes analisados por Sucupira, a metade foi diretamente proibida aos adolescentes, isso não significava que as outras faixas etárias também não fossem restringidas a esse grupo, mas que aqueles filmes deveriam ser restritos ao grupo daquela faixa etária em questão. Como já mencionamos, essa juventude representava simbolicamente o futuro católico, então era muitas vezes o foco

¹⁴² CINEMAS E THEATRO. **O Nordeste**, Fortaleza, 17 de fevereiro de 1937, p. 08.

principal das ações educacionais e do reestabelecimento dos valores católicos na capital cearense.

Por este motivo a preocupação recaía sobre as películas norte-americanas, a cultura e os costumes que eram introduzidos por elas, justificando, assim, a censura imposta pelo jornal..

Não se diga que é muito, quando se trata sempre sobre cinema.

Arma de dois gumes, edifica e destrói caracteres. Educa e barbariza corações.

E é, precisa e infelizmente, com o primeiro gume que se apresenta no cenário do mundo.

O cinematographo tem destruído muitos lares, tem morto muitos rapazes, tem desrespeitado muitas almas nobres...

Sendo produto de um capitalismo materialista, orientado por empresas anti-christãs, os filmes germanos e “yankees” trazem em si toda sorte de atentados á moral catholica e ao pudor social.

Assistido por todos, indistintamente, o filme corrompe com a maior facilidade, dada a assiduidade dos espectadores e a fascinação das películas.

O Bispo de Hollywood, Monsenhor Cantwell, disse o seguinte sobre o assumpto: “Quando o filme não é completamente imoral, está recheado de pormenores escabrosos de gracejos licenciosos, ás vezes obscenos, de situações ofensivas”.

É este o cinema que nos chega, o cinema a que assistimos com as nossas famílias.

Aqui no Ceará, pelo menos, não possuímos uma acreditada comissão de censura, por descuido dos governos. Só o “O Nordeste” mantém uma, que é seguida, felizmente, por várias famílias.

Em geral, porém o mal se alastra pela nossa sociedade, envenenando-a com o vírus cinematográfico norte-americano.

As forças catholicas está confiada a missão de salvaguardar o povo cearense, censurando toda e qualquer pellicula que nos chega.

Appello, confiante, para o sr. Governador, que há de compreender a elevada finalidade social do bom cinema, do cinema educador, porque de nada nos vale a humilhação de presenciar indecências importadas.¹⁴³

Vimos aqui um artigo escrito pelo professor José Valdivino no ano de 1936, que tece comentários a respeito do cinema e ataca mais uma vez o cinema norte-americano, que “tem destruído lares”, “matado muitos rapazes” e “desrespeitado muitas almas nobres”. O cinema sem sombra de dúvidas era uma forte arma na divulgação de valores e na formação da sociedade daquele período, devido a ser encarado como uma diversão, mas que influenciava comportamentos, vestimentas e trazia uma visão que fugia muitas vezes ao monopólio pretendido pelo grupo católico fortalezense à sua religião. Esse poder das telas cinematográficas era compreendido pelo próprio grupo que o combatia e era justamente por isso que eles o combatiam, pois sabiam do seu poder formativo e educacional.

Por esse motivo buscava não apenas combatê-lo, mas tentava trazer essa influência cinematográfica para fazer parte da divulgação dos ideais católicos, pois tinha noção que a indústria cinematográfica ianque não tinha a menor relação com os valores católicos na exibição de suas películas, como vimos anteriormente e como é ressaltado pelo

¹⁴³ CINEMA. **O Nordeste**, Fortaleza, 08 de janeiro de 1936, p. 08.

professor Valdivino quando se refere às palavras do Bispo de Hollywood. Mais a frente o intelectual destaca a importância da censura que é feita pelo jornal O Nordeste, colocando o cinema norte-americano como um vírus e em seguida ressaltando “a missão” das “forças católicas” de “salvaguardar o povo” desse “mal [que] se alastra[va] pela nossa sociedade”. Cria simbolicamente aquela conhecida visão dualista católica entre o “bem” o “mal”, este primeiro representado pelo grupo católico e o segundo pela influência cultural americana trazida pelos seus filmes. Por fim, ainda temos um “appello” feito no jornal ao Governador para que pudesse entender a importância do “bom cinema”, do “cinema educador” que era ressaltado pelo grupo católico, combatendo as “indecências importadas” que estavam chegando a nossa sociedade.

O escrito de janeiro de 1936 é importante para nos mostrar a especificidade e a certa autonomia que tinha essa intelectualidade católica em nossa capital, pois esses combates que já vinham sendo travados anteriormente, ganharam ainda mais força com a publicação de uma encíclica no mês de junho do mesmo ano, que ressaltava os cuidados que os católicos deveriam ter em relação ao cinema e sua influência sobre a sociedade de maneira geral, destacando que essa diversão atingia de forma mais intensa alguns grupos específicos da sociedade:

É indiscutível que, entre estes divertimentos, o cinema adquiriu, nos tempos modernos, uma importância máxima, por ter-se estendido a todas as nações. Não é necessário registrar que milhões de pessoas diariamente assistem às representações do cinema; que se abrem locais para semelhantes espetáculos cada vez em maior número, em meio de todos os povos de alta cultura ou só meio civilizados; que o cinema se tornou a forma mais popular de recreação, não só para os ricos, mas para todas as classes da sociedade. [...]

As variadíssimas cenas no cinema são representadas por homens e mulheres escolhidos sob o critério da arte e de um conjunto de qualidades naturais, e que se exibem num aparato tão deslumbrante a se tornarem às vezes uma causa de sedução, principalmente para a mocidade. O cinema ainda tem a seu serviço a música, as salas luxuosas, o realismo vigoroso, todas as formas do capricho na extravagância. E por isso seu encanto se exerce com um atrativo particular sobre as crianças e os adolescentes. Justamente na idade, na qual o senso moral está em formação, quando se desenvolvem as noções e os sentimentos de justiça e de retidão, dos deveres e das obrigações, do ideal da vida, é que o cinema toma uma posição preponderante.¹⁴⁴

Pio XI evidenciava nessa encíclica como o cinema ganhava espaço no cenário mundial e se tornava um divertimento não apenas para as classes mais abastadas, mas também para classes mais populares, devido à ampla difusão das salas de projeção. Em seguida realça como a seleção de homens e mulheres para a produção dos filmes e o simbolismo empregado na construção destes transformando-os em estrelas que eram admiradas, contempladas e

¹⁴⁴

PIO

XI.

Vigilanti

Cura.

Disponível

em:

<<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

serviam de modelo para os espectadores que os assistiam. Cria assim uma atmosfera de admiração por parte principalmente das crianças e adolescentes nesse mundo do espetáculo cinematográfico, sendo apontado pelo pontífice como o momento da “formação do senso moral” e de alguns valores na formação dessa juventude, e nesse aspecto o cinema exercia uma forte influência.

Isso nos mostra o poder que o cinema tinha diante da sociedade, seja ele encarado como diversão ou como um instrumento educativo, o que não pode ser desprezado é a sua aceitação diante da população que frequentava as diversas salas que tinham na cidade de Fortaleza. Esse poder das “telonas” diante da sociedade civil pode também ser observado pelo fato do Papa tratar em uma Encíclica da sua importância e do seu poder diante dos seus espectadores. Não era qualquer assunto que era tratado pelo pontífice em suas encíclicas, afinal de contas eram nelas que saíam as diretrizes que seriam transformadas em ações nas diversas nações católicas. Não era por acaso que existiam algumas salas de cinema que tinham a coordenação da Arquidiocese ou de setores ligados a ela.¹⁴⁵

Podemos perceber a influência do cinema na capital cearense nos escritos de Blanchard Girão:

O cinema é a maior diversão. A frase, um tanto desatualizada, adequava-se, contudo, à época em que o mundo conflagrado estava exposto nas telas.[...] Naqueles dias bem distantes, a cidade buscava no cinema o seu principal lazer. O Diogo, o Moderno e o Majestic – as três salas mais distintas e em cada bairro um cineminha mais modesto (o Luz, o Rex, o Ventura, o Benfica, tantos mais) estavam sempre lotados. [...] Quase todos os filmes tinham uma só procedência: Estados Unidos da América do Norte, pois impossível à importação de filmes europeus. A minha geração – meninos e adolescentes da década de 40 – sofreu decisiva influência do cinema, ou mais propriamente do cinema norte-americano. Diante de nossos olhos, em espetáculos deslumbrantes e majestosos, a apologia do heroísmo do homem americano, sua bravura pessoal, seu amor à liberdade, dentro de uma visão propagandística da invencibilidade da máquina bélica dos Estados Unidos. Claro que esta mensagem impregnava os espíritos em formação, através da disseminação daqueles valores que entravam, quase que em caráter definitivo, na estrutura mental da juventude de então. Ademais, os filmes nos ofereciam, ao mesmo tempo, os paradigmas glamorosos de uma sociedade rica, bonita, exaltada através da indiscutível e selecionada beleza dos astros e estrelas que o marketing de Hollywood elevava ao nível de divindades.¹⁴⁶

O autor dessa citação viveu sua juventude em Fortaleza nos anos de 1940 e nos mostra como essa diversão chegava a diversos e diferentes públicos na capital cearense, contando com salas de maior glamour e outras mais “modestas” espalhadas pelos bairros da cidade, o que proporcionava o acesso amplo ao público. Adiante distingue a procedência das

¹⁴⁵ GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados** (do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”) / Blanchard Girão. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

¹⁴⁶ Id. pp. 83 e 84.

películas que eram assistidas, “quase todos” norte-americanos, caracterizando os “espetáculos” que eram proporcionados e o simbolismo empregado neles, que trazia o “deslumbramento”, a “apologia do heroísmo do homem americano”, a “bravura pessoal”, o “amor a liberdade”, todos esses valores buscavam simbolicamente criar uma atmosfera de admiração dos espectadores à cultura norte-americana, e, conseqüentemente, construindo a ideia de modelo a ser seguido de nação, de costumes, de beleza e de cultura.

Como vimos, o grupo católico sabia do poder de convencimento e de influência que o cinema trazia para a formação dessa juventude fortalezense e entre as formas de combate através do jornal, também buscou criar salas de cinemas que estivessem sob o domínio católico, como na União dos Moços Católicos e no Círculo Católico São José, porém com exibições de películas que falavam da vida de santos católicos e sem o mesmo espetáculo das produções norte-americanas. O que parece não ter atraído tantos espectadores como os filmes hollywoodianos. Além disso, os valores que eram buscados por esse grupo nem sempre eram seguidos como se desejava, parece que a juventude não era tão influenciada pelos intelectuais católicos, pois eles combatiam novidades que chegavam de forma “espetacular” para aquela juventude, que via naquelas novidades trazidas pelo cinema um mundo novo, novas práticas, novos objetos de consumo, novas possibilidades, além dos “paradigmas glamorosos de uma sociedade rica, bonita”¹⁴⁷, que era passada através das telas de cinema e das estrelas que traziam junto com suas atuações padrões de beleza e práticas que até então não se tinha na cidade e que cada vez mais ganhou espaço com os filmes e as salas de cinema que foram se instalando em Fortaleza.¹⁴⁸

Faço estas considerações para estabelecer um paralelo entre a moral predominante na Fortaleza da década de 1940 e a inclusão abrupta de costumes oriundos de outra cultura, a norte americana, com a permanência entre nós de milhares de jovens soldados estadunidenses.

Eles vinham de uma sociedade muito aberta, onde o divórcio vencera o dogma da indissolubilidade do casamento, permitindo a separação dos cônjuges por razões muitas vezes insignificantes, quase sempre reunidas sob a rubrica geral de “incompatibilidade de gênios”. Se a lei dos Estados Unidos dava, com sobejas motivações, o mais rigoroso apoio à mulher solteira no caso de engravidar, não lhe exigia, entretanto, a incólume do hímen vaginal como condição *sine qua* para a validade do casamento. [...]

A Fortaleza que lia “O Nordeste”, que se escandalizava com cenas mais fortes nos cinemas, que não conhecia as revistas pornográficas, essa Fortaleza adormeceu depois da Segunda Grande Guerra. Deixou de ser a mesma. Acordou outra, modernizou-se ou numa palavra mais definidora, “americanizou-se” ou “americanalhou-se”.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Ibid. p. 84.

¹⁴⁸ A respeito dessa influência do cinema na juventude de fortaleza e nos comportamentos desse grupo ver: SANTOS, Lúcia Noêmia. **Brotinhos e seus Problemas: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da Década de 1950.** / Lúcia Noêmia Santos. – Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

¹⁴⁹ GIRÃO, Blanchard. Op. cit. pp. 80 e 81.

Podemos analisar a partir desse trecho as influências trazidas pelos norte-americanos, mesmo o autor trazendo um olhar já no período em que tivemos as tropas do EUA na capital cearense, essas influências culturais não se restringiram apenas à presença física deles aqui, pois sua presença cultural como percebemos já havia chegado aqui pelo cinema. Outro aspecto a ser mencionado é a visão do autor, que traz um tom pouco simpático a esses “novos valores” e a essa influência americana. Não temos como afirmar se Blanchard Girão era católico, mas ele vivenciou Fortaleza nas décadas de 1930 e 1940, período esse de forte influência católica em diversos setores sociais, principalmente na imprensa, local de forte atuação desse escritor, que chegou a conhecer Luiz Sucupira e Andrade Furtado. Então, facilmente podemos ver que esses valores defendidos pelos intelectuais católicos ainda eram fortes naquele período.

Estes mesmos valores podem ser percebidos na indignação do autor ao falar do divórcio, ao apoio que era dado à mulher solteira grávida e ao significado dado pelo autor quando se referia ao hímen “como condição *sine qua* para a validade do casamento”. Não estamos aqui querendo estabelecer qualquer juízo de valor sobre os aspectos culturais de sociedade ou de indivíduos, mas buscando compreender os valores que eram defendidos pelo grupo católico e os que eram combatidos, analisando as suas intenções e seus objetivos em tais defesas e combates.

Portanto, como dissemos anteriormente, os valores desejados pelo grupo católico e as estratégias colocadas em práticas por eles para alcançá-los, tinham como meta combater valores que estavam chegando para a população de Fortaleza e que não era aceitos pelo grupo católico. Estes costumes e comportamentos chegavam, como vimos, muitas vezes pelo cinema, que traziam hábitos e práticas idealizados pelos artistas de Hollywood. Porém, mesmo com todo esse combate a essas novas práticas que se inseriam na cidade, não era suficiente para impedir que elas chegassem à população de Fortaleza e principalmente à juventude da capital cearense. Algumas vezes suas estratégias tinham até mesmo efeito contrário do desejado por eles.

Você, Sucupira, exercitou também crítica de cinema e teatro. Eis o motivo por que frequentava com assiduidade o José de Alencar e as casas de cinema. Pelas suas opiniões orientavam-se muitas mães antes de permitirem aos seus filhos comparecimento às sessões cinematográficas. E serviam igualmente de roteiro àqueles que apreciavam filmes mais livres, pesados e obscenos. Se o jornal condenava a película, por inconvenientes morais, constituía o indicativo mais seguro de que o filme valia apena...¹⁵⁰

¹⁵⁰ ARARIPE, J.C. Alencar. Op. cit. p. 334.

Aqui podemos analisar como o discurso católico e suas estratégias não tinham o efeito totalmente esperado, pois se a censura possibilitava que alguns pais e mães impedissem que seus filhos assistissem a essa ou àquela película, essa mesma estratégia funcionava taticamente para os jovens e outros frequentadores como uma forma de seleção para os filmes que eles queriam e iam assistir, ou seja, os que eram censurados, pois acreditavam, como bem mencionava na fonte, ser os que “valia a pena” assistir, principalmente se tinham a censura decretada por questões “morais”.

Essa era uma das táticas usadas pelos jovens e que acabavam muitas vezes por burlar os padrões que estavam sendo estabelecidos e se aproveitando de uma informação que tinha a função de inibir a presença desse grupo na exibição da película, usando para o princípio oposto.

Para nossa análise, entenderemos a tática na perspectiva de Michel de Certeau:

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distancia, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” [...] e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesmo um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. O que ela ganha não se conserva. [...] Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Criar ali supresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.¹⁵¹

É justamente se utilizando dessa astúcia que a juventude procurava burlar a censura e principalmente os padrões que eram desejados impor a eles pelo grupo católico. No entanto, essa imposição não se aplicou de forma homogênea e não estava livre das táticas utilizadas pela juventude para encontrar brechas nessas estratégias católicas e de se apropriar, como vimos, de uma informação do jornal para servir como parâmetro para a escolha dos filmes que desejavam assistir, da mesma forma que escolhiam também os comportamentos que desejavam ou não praticar.

Na esteira dessa avalanche cultural, propagavam-se costumes e hábitos que ganhavam força persuasiva pelos que praticavam, celebridades endeusadas no altar da fama universal. Por exemplo, o vício de fumar. Na tela, o galã charmoso ou a estrela cintilante abusavam do cigarro, como se fosse um complemento da maneira melhor de viver. Não se sabe até que ponto funcionava o patrocínio do poder econômico das indústrias tabagísticas [sic]. Mas, na mensagem subliminar, de forte conteúdo estético, o cigarro acabou penetrando mais e mais no cotidiano da meninada, que se espelhava, obviamente, nos seus ídolos cinematográficos. A influência não se restringia apenas ao hábito de fumar. Mas vinham dos idolatras

¹⁵¹ CERTEAU, Michel de. Op. cit. pp.100 e 101.

atores e atrizes as modas do vestir masculino e feminino, os cortes de cabelo, a maneira de aparar o bigode (famosos os de Clark Gable, Robert Taylor e Tyrone Power), sem falar na masculinidade valente de um John Wayne, dum Henry Fonda, de um Victor Mature ou de um Randolph Scott, mestres da matança de índios e irresistíveis conquistadores dos corações das mulheres, que tinham no beijo final o desfecho de suas bravatas.¹⁵²

Assim, podemos analisar que, mesmo com todas as pressões do grupo católico em suas proibições e busca por impor e ditar costumes e valores para a juventude fortalezense, nem todos eram de acordo ou aceitavam essas práticas que eram ditadas pela Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade, muito pelo contrário, frequentavam os cinemas, até mesmo os filmes que eram censurados por este grupo e acabavam por praticar modos os quais eram combatidos, como o hábito de fumar, beber, usar cortes de cabelo, roupas além de imitar até mesmo a postura dos personagens hollywoodianos, como nos aponta Blanchard Girão. E não ficava limitada essa influência apenas aos modos e costumes da sociedade, Marciano Lopes ainda chega a mencionar que os filmes norte-americanos chegam a influenciar (em proporções menores) a arquitetura fortalezense, copiando os estilos das casas e “bungalows” de Beverly Hills, e cita até mesmo “uma réplica da mansão de Thara, do filme, *...E o vento levou*”, localizada “na avenida Santos Dumont, graças à planta solicitada ao estúdio produtor da referida película”.¹⁵³

Esse autor ainda nos traz outra informação importante ao falar de uma das salas de cinema de Fortaleza e que deve ser analisada por nós.

O Cine Rex podia ser chamado de o cinema das famílias. Localizado na rua General Sampaio, entre as travessas Pedro Pereira e Pedro I, era imenso, porém, simples e sem conforto. Era uma festa, cada noite, antes da sessão das sete e meia, com a juventude sadia e alegre, numa agitação, num vaivém sem fim. Quanto namoro e quanto casamento começaram no saudoso Rex...¹⁵⁴

O Cine Rex e o relato feito por Marciano Lopes nos mostram bem os medos que tinham o grupo católico e ao mesmo tempo a astúcia dessa juventude, pois um cinema que poderia “ser chamado de o cinema das famílias”, em um primeiro momento, pode nos parecer uma denominação que classifica aquele estabelecimento como um ambiente familiar, como eram supostamente os ambientes desejados pelo grupo católico aos jovens, porém, o escritor faz um uso jocoso com as palavras, pois o tal cine recebia tal denominação pelo fato da astúcia que era praticada pela juventude naquelas salas. O cinema, mais que uma simples diversão para os espectadores, também era utilizado como ponto de encontro dessa juventude

¹⁵² GIRÃO. Blanchard. Op. cit. p. 85.

¹⁵³ LOPES. Marciano. **Royal Briar**, a fortaleza dos anos 40 / Marciano Lopes. – 2ª ed. – Fortaleza: Armazem da Cultura. 2012. p. 116.

¹⁵⁴ Ibid. p. 118.

para os namoros fora do olhar atento de seus pais e ao mesmo tempo longe dos olhares do grupo católico. Possibilita não apenas um encontro entre casais, mas em uma sala de cinema, e com a escuridão eram proporcionadas possíveis ações que na casa das garotas ou até mesmo na rua não lhes eram possíveis.

Assim, o cinema era local de divulgação de uma cultura e de costumes norte-americanos, combatidos pela Arquidiocese e seu laicato, porém a juventude muitas vezes se utilizava taticamente da sua astúcia para usar desses locais, não da forma que os católicos combatiam, mas para conseguir encontros, namoros e práticas que em outro lugar não era possível ser proporcionado com as moças e rapazes. Nesse tom o Cine Rex era intitulado pelo escritor como o cinema das famílias, por proporcionar namoros, casamentos e no escurinho do cinema e no calor da juventude de moças e rapazes pudessem permitir diante daquela ocasião.

Dessa forma, o cinema foi combatido pela Arquidiocese de Fortaleza e seus intelectuais com o intuito de afastar da sociedade citadina e da juventude os novos valores que eram trazidos pelo cinema norte-americano. Esses filmes, com sua defesa da liberdade ao divórcio, proporcionando tramas que traziam adultério, suicídio, além de vários outros costumes e práticas eram combatidos por esse grupo. Porém, esse combate e essas estratégias usadas pelo grupo católico nem sempre tinham o resultado esperado e a juventude mesmo diante de todas as tentativas do grupo católico de impedir o avanço do cinema e dos costumes que eles influenciavam a sociedade fortalezense, continuava a aderir a algumas das influências e costumes trazidos pelo cinema norte-americano e ao mesmo tempo se utilizavam das salas cinematográficas com outros objetivos, que não eram o entretenimento esperado para os amantes do cinema. Contudo, a astúcia e as táticas que acabavam por ir além dos costumes que estavam sendo ditados pelo grupo católico, não se limitavam à educação física ou ao cinema. O carnaval, como também veremos, era outro ponto de combate do pensamento católico e que proporcionava comportamentos indesejados na capital cearense. Momento este que temos um rito de inversão, que colocava todos os costumes e os comportamentos desejados pelo grupo católico em questão ao mesmo tempo em que poderíamos presenciar uma festa popular que deixava transparecer as novas influências que se estabeleciam, ao mesmo tempo em que tínhamos nestes três dias de festa valores e costumes que questionavam as concepções de mundo dos intelectuais católicos de Fortaleza.

3.3 – O carnaval e os costumes católicos: ritual da desordem e da astúcia.

Os valores que eram buscados pela Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade laica para a sociedade fortalezense, através das disputas no âmbito da educação formal, na formação corporal da juventude, nos embates em torno dos costumes introduzidos e amplamente divulgados pelo cinema norte-americano, nunca foram tão combatidos e intensificados seus combates como nos dois primeiros meses do ano.

A proximidade com o carnaval parecia mexer com esses combates que eram feitos pelos católicos no que dizia respeito aos costumes e comportamentos da sociedade naquele momento específico do ano. O que estava em jogo nesse período para o grupo católico? O que realmente estava sendo combatido agora? Qual o poder simbólico dessa festividade para a população da capital cearense? Como os valores católicos eram considerados e praticados nessa festividade? Essas questões buscaremos compreender e analisar nos voltando para o carnaval da cidade de Fortaleza nas páginas do jornal O Nordeste.

AFRONTA A MORAL

Hontem, pela manhã, as famílias que se dirigiam às igrejas tiveram de suportar mais uma atentado a sua dignidade.

Num automóvel, três ou quatro rapazes, um dos quaes quase despido, andavam, pelas ruas e praças da cidade, na maior algazarra, exhibindo trajos inconvenientes.

Que esses moços frequentem á noite as casas de danças que admitem com taes fantasias, vá lá, mas que venham estardear, cá fora, nas ruas e praças, essa licenciosidade, escarnecendo, assim, da moral da família cearense é o que se não deve admitir e a nossa polícia tem por obrigação de obstar.

Embora estejamos na época carnavalesca, o decoro público deve ser respeitado.¹⁵⁵

Mesmo sem ainda estar propriamente nas datas determinadas para o ritual carnavalesco daquele ano, que aconteceu nos dias 23, 24, 25 e finalizando com a “Quarta-feira de cinzas”, no dia 26 de fevereiro, temos um relato feito pelo jornal católico no qual pede providência da polícia frente ao comportamento de alguns rapazes que andavam pelo centro da cidade fantasiados, sendo estas fantasias consideradas “trajos inconvenientes”, fazendo com que eles estivessem quase “despidos”, segundo o jornal. No entanto, tal comportamento é visto pelo editorial como uma “AFRONTA A MORAL” principalmente por se tratar de um domingo no qual as famílias saíam para a missa.

Porém, esse combate não era limitado às áreas do centro da cidade, ou pelo simples fato de ser um dia de missa para os católicos, mas por se tratar de um comportamento indesejado por este grupo e por esses rapazes estarem associados ao carnaval, com suas fantasias.

¹⁵⁵ AFRONTA A MORAL. O Nordeste, Fortaleza, 03 de fevereiro de 1936, p.04.

Outros exemplos de casos parecidos com esse podem ser vistos facilmente nas folhas do periódico católico.

A imoralidade implantada na Praia de Iracema

Um banho a fantasia que relembra a corrupção romana

Decedidamente querem transformar a Praia de Iracema num recanto de iniquidades.

A moralidade pública está sendo, ali, espezinhada as escancaras.

É imprescindível que se tomem providências contra esse desmoronamento dos nossos costumes. Do contrário, marchamos a passos rápidos para a hecatombe do imoralismo que afoga em lama a civilização.

O que os banhistas ali fazem está raiando pelo descaramento. Ninguém deve tolerar esse despudor. *E Satan conduz o baile...*

Hontem foi um famigerado *banho a phantazia*. Os foliões vestidos de papel crépon. Metiam-se nagua e ficavam semi-nus.

A falta de moralidade é o sinal mais sensível do esquecimento de Deus. E aí de um povo que esquece de Deus!¹⁵⁶ [grifos do autor]

Nesta notícia que também não é assinada e que se encontra publicada na capa do jornal católico, traz em letras garrafais e em negrito o seu título, ressaltando e desde já definindo que o comportamento que seria tratado na notícia era uma “imoralidade” e em seguida em seu subtítulo mais uma vez tratando de atribuir um valor pejorativo à prática que seria descrita, associando-a à “corrupção romana”. Isso para constar estava só no título e subtítulo, sem mencionar nada do corpo da notícia.¹⁵⁷

Em seguida, fala de um “banho a phantazia”, segundo o escrito, estavam vestidos de “papel crépon”, ficando assim todos “semi-nus”. Já tendo alarmado a respeito do “desmoronamento dos nossos costumes” e do “imoralismo que afoga em lama a civilização”, associa os festejos ligados ao carnaval (os bailes), sendo conduzidos pelo “*Satan*”, este representaria na visão dualista católica entre o bem e o mal, este último. Assim, finalizando o argumento católico, se esse festejo era conduzido supostamente por “*Satan*” é justamente pelo fato dessa população estar “esquecendo de Deus”, concluindo com uma suposta ameaça, dizendo: “ai de um povo que esquece de Deus!”.

As preocupações do grupo católico de Fortaleza não estavam se a festa era conduzida por “*Satan*” ou não. Não estava relacionada ao esquecimento, mas sim ao descumprimento dos valores que eram desejados por este grupo, por isso associa este tipo de comportamento a tal esquecimento, pois é justamente como se essa população não lembrasse

¹⁵⁶ A imoralidade implantada na Praia de Iracema. **O Nordeste**, Fortaleza, 25 de janeiro de 1937, p.01.

¹⁵⁷ “As primeiras manifestações festivas ‘carnavalizadas’, ou seja com excessos, mascaradas e bebedeiras, de que se tem notícia razoavelmente segura são as das antigas civilizações, como a greco-romana e a mesopotâmica. Na Grécia Antiga, alguns ritos, como os da iniciação de jovens para a integração com a vida adulta, já incluíam pessoas mascaradas e fantasiadas. [...] Alguns relatos descrevem outros tipos de festas que aconteciam na Antiguidade greco-romana e nas quais as práticas de transgressões, exageros e inversões das regras sociais eram características marcantes.” FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro** / Felipe Ferreira. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. pp. 18 e 19.

dos comportamentos desejados pelos católicos, associando essa suposta vontade comportamental deles à figura divina. Ao mesmo tempo tentavam fazer associações do tipo que vimos, ou seja, de *Satan* com o carnaval, procurando afastar cada vez mais a população desses festejos, visto que era encarado por este grupo como uma festa que conduzia a sociedade e a juventude a costumes e práticas que eram vetadas pelos católicos. Por este motivo a empreitada desse grupo na construção do imaginário social que ligava o diabo a esses festejos carnavalescos que tanto desagradavam os intelectuais católicos de Fortaleza.

Porém, mesmo com essas associações e com os combates feitos pelo grupo católico não faltavam pessoas, incluindo moças e rapazes, que quisessem brincar os festejos de carnaval, e conseqüentemente, muitas vezes iam de encontro aos valores que eram estabelecidos por este grupo, às vezes de forma intencional e outras vezes sem essa intencionalidade apenas pelo calor da brincadeira e dos festejos carnavalescos.

Dessa forma, é necessário entender as simbologias por traz do carnaval e o imaginário social que era construído por esse ritual carnavalesco que encantava parte da sociedade daquele momento, brincando em seus festejos e trazendo tanta preocupação para o grupo católico.

O antropólogo Roberto DaMatta foi um dos autores brasileiros que analisaram o carnaval e ele o definia como:

Até mesmo no carnaval que, como veremos mais adiante [...] é um “rito sem dono” (um festival de múltiplos planos), encontramos quem está mais perto dos seus centros: da música, do canto, da dança, do foco dos desfiles e dos gestos que fazem a harmonização e realidade. Sabemos que, em geral, ali se encontram os marginais do universo socialmente reconhecido ou, quando são os “ricos” que ocupam tais lugares, eles estão disfarçados e divididos; viram deuses ou reis, são membros de um clube ou associação.¹⁵⁸

E a respeito de sua compreensão sobre o ritual ele diz:

De fato, como o ritual é definido por meio de uma dialética entre o cotidiano e o extraordinário, o rito estando na situação extraordinária, ele se constituiu pela abertura desse mundo especial para a coletividade. Não há sociedade sem uma ideia de mundo extraordinário, onde habitam os deuses e onde, em geral, a vida transcorre num plano de plenitude, abundância e liberdade. Montar o ritual é, pois, abrir-se para o mundo, dando-lhe uma realidade, criando um espaço para ele e abrindo portas da comunicação entre o “mundo real” e um “mundo especial”. É no ritual, pois, sobre tudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter (e efetivamente tem) uma visão alternativa de si mesma.¹⁵⁹

¹⁵⁸ DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia de dilema brasileiro / Roberto DaMatta. – 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 32.

¹⁵⁹ Ibid. pp. 38 e 39.

Nessas duas perspectivas podemos ter noção dos perigos que o carnaval representava para a Arquidiocese e seus intelectuais, pois, como vimos, o autor coloca o carnaval como um “rito sem dono” e classifica em sua obra três tipos rituais (ou festas) o carnaval, o Dia da Pátria e os festejos religiosos, classificando-os respectivamente como rituais de “inversão”, de “reforço” e de “neutralização”. Segundo esse autor, resumidamente o Dia da Pátria era um momento em que se reforçavam as hierarquias sociais e os poderes do Estado, as festas religiosas, momento de neutralizar os conflitos sociais existentes e por fim os de inversão, como o carnaval inverte supostamente a ordem estabelecida, porém neste caso em um período momentâneo e permitido, no entanto como bem nos mostra DaMatta, o ritual se faz a partir de uma comunicação entre o “mundo real” e o “mundo especial”, criando, assim uma visão alternativa de si mesma, ou do mundo em que essa sociedade vive. E é justamente por estes motivos que as preocupações do grupo católico se exaltavam neste período, pois esse ritual de inversão trazia uma serie de inversões dos seus valores e da ordem que era estabelecida.

Com esse questionamento trazido pelo “rito sem dono”, temos que levar em conta o imaginário social em torno do carnaval e o seu poder para a inversão e questionamento sobre a ordem estabelecida, mesmo que essas ações sejam em um período determinado. Dessa maneira entenderemos:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referências simbólicas não se limitavam a indicar indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também formas mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. O Imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o *lugar* e o *objeto* dos conflitos sociais. [...]

A potência unificadora dos imaginários sociais é assegurada pela fusão entre verdade e normatividade, informações e valores, que se opera não por meio do simbolismo. Com efeito, o imaginário social *informa* acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo a ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma acção comum.¹⁶⁰ [grifos do autor]

Assim, analisamos claramente as preocupações e intenções do grupo católico, pois o imaginário social do rito carnavalesco era totalmente contrário aos comportamentos e às ações que eram desejados por eles, então assim imaginemos se os padrões que estavam sendo projetados simbolicamente e os comportamentos que estavam sendo praticados se

¹⁶⁰ BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social” e “Utopia”, In: **Enciclopédia einaudi**. V.5: “Anthropos-Homem.” Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. pp. 310 e 311.

consolidassem como práticas e costumes cotidianos na sociedade fortalezense, isso colocaria em cheque e em choque com todos os costumes e todas as ações combativas que foram empreitadas pelos intelectuais católicos até aquele momento. Pois o carnaval não apenas contestava esses valores como também fazia questionamentos políticos e sociais à ordem instituída naquele momento histórico, buscando não apenas questionar determinados comportamentos, mas quem sabe também projetar um outro padrão comportamental e também uma forma de protestar contra alguns pensamentos e práticas que eram impossíveis de serem questionados em qualquer outro momento, naquele período.

Viva a Folia!

Os cordões carnavalescos deram hontem uma demonstração de força, exibindo-se ruidosamente em Fortaleza, afim de que uma comissão especial de jornalistas podesse prognosticar qual o vencerá no Carnaval.

Os festejos de hontem pela estação radio difusora P.R.E.9 e deram uma nota vibrante de alegria nestes dias dolorosos de falta de dinheiro, carestia de vida e calor. Felizmente muita gente caiu no frêvo, e caiu com gosto, *moiando-se* antes que chovesse. Aliás não se pode compreender carnaval sem loucura esfuziante e esta sem os respectivos complementos – vinho, mulher e música...

Os ecos da festas de rua foram percutir nos salões de baile. E a folia continuou accessa, até quase o amanhecer do dia.

Felizmente chegou a época dos folguedos, afim de que o povo esqueça as suas magnas.

Pelo ensaio de hontem, o reinado de Momo este anno será ultra liberal!¹⁶¹ [sic.]

O jornal Unitário era um periódico que não tinha nenhuma ligação direta com o Estado ou os intelectuais católicos, ao mesmo tempo em que aparece em suas folhas a exaltação de alguns valores que eram combatidos pelo jornal católico fortalezense, nos trazendo informações, como vimos, que ultrapassavam esses dois grupos sociais há pouco mencionados, dando outra visão sobre essa festividade. Como podemos verificar, esse jornal usa do carnaval para fazer críticas à situação política vivida na capital cearense naquele momento histórico, dizendo que ele trouxe alegria para os “dias dolorosos de falta de dinheiro” e “carestia de vida”. E ainda mostra que estes festejos traziam bastante “barulho” quando se refere à demonstração de força exibida “ruidosamente”, o que nem sempre era compreendido pelo grupo católico como um espetáculo de ordem. Mais adiante traz alguns ingredientes os quais a festividade carnavalesca não poderia deixar faltar “vinho, mulher e música”. Sem dúvidas esse tipo de diversão não era o mais aconselhado pelo grupo católico e pelo que temos percebido era amplamente desejado e festejado por uma ampla parte da sociedade fortalezense, percebendo a perda de controle por parte católica sobre essa sociedade naquele momento festivo.

¹⁶¹ Viva a Folia! **Unitário**, Fortaleza, 09 de fevereiro de 1936, p. 03.

Se o grupo católico buscava uma ordem social baseada na hierarquização e em modelos de um determinado bom comportamento, no qual se separavam socialmente homens e mulheres, desde a escola aos seus papéis na sociedade constituída, o carnaval vem como um ritual que inverte e proporciona uma junção desses dois sexos e complementa essa “união” com ingredientes ainda mais combatidos pelos católicos fortalezenses, que seriam a bebida e a música, em festas que chegavam “ate quase o amanhecer do dia”. E ainda trazendo em seu conjunto festivo uma “loucura esfuziante” que fazia esses personagens se molhar antes que chovesse, dando um tom dúbio e ao mesmo tempo jocoso para essa afirmação e influenciando o imaginário social dos fortalezenses no que dizia respeito às “magoas” e às dificuldades enfrentadas por eles naquela situação política e social que se encontravam. Espera, assim, naquele momento festivo e simbolicamente não mais providências divinas de um ente metafísico, mas do reinado de momo que seria “ultra liberal naquele anno”, projetando valores, comportamentos e uma possível sociedade idealizada pelos personagens que ali brincavam carnaval.

Isso só para nos referirmos à situação mostrada pelo jornal Unitário. Vejamos agora as músicas que eram cantadas e propagadas neste mesmo período, que chegavam a trazer contestação aos valores e comportamento ditado pelos católicos em um tom de brincadeira e molecagem, bem típicas do carnaval.

Pilotos endiabrados

(Música de <<Uma porta e uma janela)

Sou piloto e com prazer
 Vou brincar o carnaval,
 Quem quiser que venha ver,
 Quem quiser que venha ver
 O meu bloco sem rival
 Solo:
 Eu sou piloto
 De diploma conferido
 Por uma escola de samba
 Dirigido por Cupido.
 Em homenagem aos gloriosos azes
 Da folia do Club Iracema:
 Eu sou piloto.¹⁶² [grifo do autor]

“Pilotos endiabrados”, não poderia existir de forma mais explícita uma contestação aos valores religiosos, já mostrada no título e como havíamos afirmado o tom de brincadeira toma conta da música carnavalesca, quando é mostrada a composição, definida

¹⁶² Pilotos endiabrados. **Unitário**, Fortaleza, 23 de fevereiro de 1936, p. 10.

como sendo de “Uma porta e uma janela”. Seguindo ainda a letra, podemos verificar o imaginário que cercava o carnaval, tanto ele como um momento de intensa brincadeira e de inversão de papéis, pois neste período qualquer pessoa poderia ser um oficial, um rei, um presidente e até mesmo um piloto, mesmo que fosse diplomado por uma escola de samba, mostrando mais uma vez o tom de ironia e de chacota despertados nesse momento festivo que não se limitava, como temos percebido, à data determinada ao carnaval, mas que parecia anteceder com um momento de preparação para aquele período estabelecido.

Dessa página do jornal *Unitário* é importante dizer que era destinada quase que exclusivamente para falar do carnaval e dos desfiles de blocos com uma chamada em letras enormes e em negrito com os dizeres “Viva o cidadão Momo, rei de todos os povos e de todos os mundos! Vivôôô!”. E como já bem diz a chamada tem um rei de “todos os povos e mundos” e este rei não é escolhido pelo grupo católico, e nem é o ente do qual a Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade diz representar, colocando em xeque todos os valores e costumes que buscavam ditar, restando, assim, combater esse “reinado”. Porém os súditos desse rei, não se entregavam fácil e tinham naquele momento uma festa legitimada a seu favor e como bem disse DaMatta, uma festa “sem dono” e carregada pela inversão de valores, e que projetava e possibilitava uma realidade diferente da que era vivida por aquela sociedade. Incita e deixa transparecer práticas que eram realizadas no cotidiano e que eram combatidas pelo grupo que buscava estabelecer uma ordem baseada na hierarquização e nos seus ditos “bons costumes”.

Em outra música chamada “Adeus batucada” temos em uma de suas estrofes:

Em creança
Com o samba eu vivia sonhando
Acordava
Estava tristonho chorando
Joias que se perdem no mar
Só se encontram no fundo,
Também [sic.] mocidade,
Sambando se goza neste mundo¹⁶³

A letra mostra que mesmo quando criança já vivia sonhando com o samba e procura mostrar à mocidade que existem prazeres que poderiam ser conseguidos nesse samba. Aqui temos valores que se mostram voltados aos prazeres da carne, às brincadeira, às danças, ao namoro, justamente valores que, segundo o pensamento difundido pelos intelectuais católicos, estavam hierarquicamente abaixo dos valores espirituais e morais, e por isso deveriam ser combatidos. Porém, as visões religiosas dos brincantes carnavalescos não se

¹⁶³ Adeus, batucada. *Unitário*, Fortaleza, 23 de fevereiro de 1936, p. 10.

prendiam aos valores estabelecidos pelos intelectuais leigos e a Arquidiocese de Fortaleza, até mesmo os dogmas e passagens bíblicas faziam parte das músicas e brincadeiras desse grupo de forma astuciosa e moleque:

Querido Adão [grifo do autor]
(Música de Benedicto Lacerda
Letra de Oswaldo Santiago)
Côro

Adão, meu querido Adão
Todo mundo sabe
Que perdeste o juízo.
Por causa da serpente tentadora
O nosso mestre
Te expulsou do paraíso

Mas em compensação
O teu pobre coração
Que era pobre pobre
Muito pobre de amor
Cresceu e aternisou,
Meu Adão,
O teu pecado encantador.¹⁶⁴ [sic]

Aqui temos uma narrativa bíblica que é usada como mote para a composição de uma música carnavalesca, que contesta e faz um jogo com o dogma católico do pecado original que segundo o pensamento católico seria responsável pela uma série de castigos determinado por Deus devido à desobediência no paraíso. E aqui pouco importa se Adão foi expulso ou não do paraíso pelo “nosso mestre”, e nem se comenta alguma coisa de castigo, muito pelo contrário exalta a ação daquele homem, chamando aquele pecado (intitulado de original e consequência de uma série de castigos pelos católicos) é denominado pela canção de “pecado encantador”, que fez “crescer e eternizar” o amor naquele “pobre coração” do Adão. Mostrando claramente seus questionamentos e não aceitação daqueles dogmas que eram propagados pelo grupo religioso da capital cearense.

Porém, as brincadeiras e os padrões questionados não estavam direcionados apenas ao sexo masculino:

Até no paraíso [grifo do autor]

Até no paraíso existe
Existe atrapalhação.
A Eva diz que já arranhou
Já arranhou um outro Adão
A Eva arranhou
Um outro Adão.
E esse é do samba rasgado.
Come maçã todo dia,
E ninguém

¹⁶⁴ Querido Adão. **Unitário**, Fortaleza, 23 de fevereiro de 1936, p. 10.

Vae lhe dizer que é pecado.
 Só porque Adão
 Comeu maçã,
 O mundo hoje vive a seus pés.
 Hoje as maçãs e as Evas
 Estão
 A dúzia a cinco mil reis...¹⁶⁵

Realmente, o samba e o carnaval chegaram “até o paraíso”. Conforme notamos naquela primeira canção, Adão era o ponto principal, que já questionava os dogmas e costumes católicos, aqui de forma mais explícita que naquela primeira e com tons ainda mais dúbios. Um elemento novo aparece em cena, Eva, uma mulher, que, segundo a canção, diz ter arranjado outro Adão, fazendo uma referência ao adultério, costume este condenado estritamente pelo grupo católico, principalmente se tratando de uma traição que parte da mulher. No entanto, continua a brincar com as palavras, dizendo que este novo Adão “é do samba rasgado, come maçã todo dia e ninguém vai lhe dizer que é pecado, só porque comeu maçã”. Fazendo com este escrito uma divertida relação entre o ato de comer maçã, ligado ao dogma católico, e às questões sexuais que envolvem o relacionamento entre casais e em seguida faz uma crítica, portanto, direta ao grupo religioso, por se referir ao suposto “fruto proibido” metaforicamente como uma maçã e ligar o ato de comer esse fruto a um suposto pecado responsável por “todas” as mazelas referentes à espécie humana.

Por fim a música ironicamente e em um tom de galhofa fala que “o mundo estava aos pés de Adão e que as maçãs e as Evas se encontravam a dúzia a cinco mil reis”. O que poderia aparentar ser uma brincadeira carnavalesca, traz outro comportamento criticado pela Arquidiocese, que pedia providência à polícia a respeito das “filhas de Eva”, ou seja, aos prostíbulos e prostitutas que habitavam nas proximidades do centro da cidade. Então se referir que “as maçãs e as Evas” estavam a “cinco mil reis”, fazia um jogo de ralação com o preço que seria cobrado por estas “filhas de Eva” e as relações sexuais.

Podemos nos perguntar se a Arquidiocese de Fortaleza e sua intelectualidade ficaram apenas a olhar tais protestos e questionamentos aos seus valores. Mas logo respondemos que não, além de combater intensamente como vimos inicialmente o carnaval, era programado um “retiro de carnaval”¹⁶⁶ que buscava resguardar a juventude, incluindo rapazes e moças, de forma separados é claro, das festividades e das tentações trazidas por esse “reinado de momo”. No entanto, pouco temos informações disponíveis sobre o que acontecia

¹⁶⁵ Até no paraíso. **Unitário**, Fortaleza, 23 de fevereiro de 1936, p. 10.

¹⁶⁶ O retiro fechado durante o carnaval. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 de fevereiro de 1936, p.03. ; Retiros Fechados. **O Nordeste**, Fortaleza, 13 de janeiro de 1937, p.01. ; RETIRO FECHADO. **O Nordeste**, Fortaleza, 21 de fevereiro de 1938, pag. 04. ; Chamada de capa. **O Nordeste**, Fortaleza, 22 de fevereiro de 1941, pag. 01.

nesses retiros, além de um reforço na formação desses católicos e de orações, segundo O Nordeste. Porém, podemos afirmar que os preceitos católicos em torno do carnaval não eram iguais perante todos os seus intelectuais, uma vez que no ano de 1938 foi possível perceber propagandas no periódico católico que não coadunavam com o seu discurso.

APROXIMAM-SE as horas do riso, da folia, das dansas, da loucura carnavalesca! Não se esqueça, entretanto, que, às vezes, nas horas da mais viva alegria, surgem, inesperadamente, as dores de cabeça, enxaquecas e indisposições. Previna-se contra ellas, não deixando que lhe desmanchem o prazer. Tenha sempre á mão CAFIASPIRINA, que dá alivio e bem estar, restituindo a bôa disposição para dansar, cantar, em summa, para divertir-se.¹⁶⁷ [grifos do autor]

O escrito era acompanhado pela imagem a seguir:



FIGURA 3: O carnaval bate às portas! *O Nordeste*, Fortaleza, 17 de fevereiro de 1938, pag. 05.

Essa propaganda nos chamou bastante atenção, primeiro pelo fato dela se encontrar no jornal católico de Fortaleza, que combatia constantemente o carnaval, segundo por esse fato ter acontecido apenas no ano de 1938, não ocorrendo em nenhum outro ano, e terceiro por mesmo em 1938 não temos essas propagandas sendo vinculadas em qualquer

¹⁶⁷ O carnaval bate às portas! *O Nordeste*, Fortaleza, 17 de fevereiro de 1938, pag. 05

outro jornal da capital cearense pesquisados por nós, encontramos propagandas da mesma indústria farmacêutica, do mesmo produto vendido, mas não com o mesmo teor.

Portanto, vejamos os valores que entravam em choque com os princípios católicos aqui nessa propaganda. Iniciemos pelo texto da propaganda que exalta “as dansas” e a “loucura carnavalesca” e em logo depois mostrar sua preocupação com que as pessoas não perdessem “as horas de alegria” e “prazer” por causa das dores de cabeça e enxaquecas, indicando um determinado medicamento e dessa forma “restituir a bôa disposição, para dansar, cantar” e “divertir-se”. Temos a compreensão de uma propaganda que busca convencer um determinado público a comprar seu produto, porém, como já havíamos afirmado, se houve uma permissão para que essa publicação chegasse às páginas do jornal, mostra que alguém dentro do jornal permitiu e em segundo lugar mostra que o próprio grupo católico tinha suas divergências com a doutrina propagada por eles. Pois dançar, cantar e aproveitar as horas de alegria e prazer carnavalescos não parecia ser valores e costumes que poderiam ser divulgados pelo jornal católico que até pouco tínhamos visto. Ainda mais quando estes valores estavam associados à gravura de uma mulher fantasiada, com uma saia que deixava suas pernas à mostra, num sorriso convidativo e aparentemente dançando em pleno carnaval e com os dizeres em destaque: “O carnaval bate as portas! Prepare-se para ele!”.

Dessa forma, não temos dúvidas que os valores que vinham sendo buscados e combatidos pelo grupo católico, nem sempre eram considerados ou vividos por parcela da população fortalezense, que por mais influência e força que esse grupo tivesse entre os setores mais abastados e conservadores da cidade, isso não significava ter seus costumes e regras sendo obedecidos. Como notamos, por mais que o grupo católico tivesse sob seu domínio um dos principais jornais da cidade, sendo este o de maior assinatura, isto não garantiria o sucesso das empreitadas da intelectualidade católica diante dos costumes que chegavam a esta sociedade.

Conforme verificamos, a educação formal, a educação física, o cinema e o carnaval foram palco das disputas estratégicas desse grupo católico para reestabelecer seus costumes, valores e padrões que eram desejados para a juventude e conseqüentemente para a sociedade fortalezense. Porém, as estratégias não são tão perfeitas e muito menos têm um alcance homogêneos em cada indivíduo, e isso possibilitou detectarmos as táticas usadas pela população fortalezense para burlar essas regras católicas, como também pudemos perceber o uso de uma determinada astúcia para fazer críticas e direcioná-las ao grupo católico, mostrando que essa população também tinha sua autonomia em relação às suas ações na arte

do fazer.¹⁶⁸ O que também nos mostra a força do rito carnavalesco em nossa sociedade e o poder simbólico inserido no imaginário social dos indivíduos na busca de outra realidade, que não era aquela que estava sendo estabelecida e que pretendia colocá-los como meros reprodutores da ordem e dos valores desejados pelos intelectuais que integravam a Arquidiocese de Fortaleza.

¹⁶⁸ CERTEAU. Michel de. Op.cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a ação da intelectualidade católica em Fortaleza como parte integrante e indissociável da Arquidiocese cearense, não podemos negar que os esforços desse grupo na cidade foram intensos e incisivos no que dizia respeito ao restabelecimento dos hábitos, costumes e comportamentos dessa sociedade. Para isso a atividade intelectual, como foi possível observar durante o trabalho, era uma peça fundamental, pois agia como criador e mediador dos ideais defendidas pelo grupo católico em Fortaleza.

Para essa tarefa, o jornal católico funcionou como uma trincheira, tanto para defesa como para o ataque desses intelectuais e as concepções e visões de mundo desejados por ele para a sociedade civil da capital cearense. Nesse sentido, Andrade Furtado, José Valdivino e Luis Sucupira se destacam nesse papel intelectual, pois seriam esses três as principais figuras de atuação constante no diário católico, com uma assiduidade quase que diária no período aqui trabalhado, além dos pontos que eram abordados e defendidos por estes três.

Como vimos, as lutas do grupo católico não estavam limitadas ao contexto apenas religioso, mas passava por outras searas, como a educação, o cinema e o carnaval. Mostra que não se estava buscando apenas uma intervenção simplesmente educativa, no sentido formal do termo. Foi possível constatar que as intenções do grupo católico visava restabelecer valores e concepções católicos que, saído dos padrões desejados pela intelectualidade católica, suas intervenções almejavam restabelecer um visão de mundo católico através dos costumes e da cultura, intervindo diretamente nos âmbitos da educação, da política e das concepções de mundo da sociedade Fortalezense.

Para isso não mediu esforços no que dizia respeito ao simbolismo e ao imaginário social que se buscava construir com o desejo de reestabelecer os costumes e a cultura desejada pelo grupo católico. Assim, muitas vezes atacou os supostos “perigos da coeducação” na busca por impedir que pudesse ser feita uma ação pedagógica que juntasse homens e mulheres em uma mesma sala de aula, que tivessem acesso aos mesmos conteúdos. Sendo isso considerada por alguns desses intelectuais algo prejudicial à formação moral e intelectual da sociedade, além de ser uma afronta às famílias católicas, se utilizando de argumentos dos mais diversos para defender essas concepções.

Além dos intelectuais pudemos também analisar como o vaticano direcionava sua atenção para educação, mostrando que esse setor era um ponto estratégico para o grupo

católico na obtenção de algumas conquistas e no restabelecimento dos valores por ele desejados. As encíclicas foram usadas pelos intelectuais católicos de Fortaleza que atuaram no jornal para fundamentar suas intervenções e falas, na tentativa de legitimar suas falas e posições a respeito dos valores que eram estabelecidos e normatizados no jornal católico.

No entanto, também foi possível analisar que a educação não era um setor de disputa apenas pelo grupo católico, existiam outros grupos que também desejavam intervir naquele setor, como foi mencionado os defensores da Escola Nova, além de outros grupos. Porém, um desses grupos foi atacado aqui na cidade de Fortaleza de forma intensa, os protestantes, principalmente porque esse grupo começava a instituir um Colégio que conseguia levar um número cada vez maior de alunos para seu estabelecimento. Isso era visto pelo grupo de intelectuais católicos e divulgado em seu jornal como algo de intenso perigo, chegando até mesmo a dizer que as famílias católicas não colocassem seus filhos nessa instituição de ensino. Pois se outras concepções de mundo eram perigosas para os intelectuais católicos, não temos dúvidas, mais perigoso ainda era se essas concepções e valores de mundo fossem ditados e divulgados por outro grupo religioso, como eram os protestantes.

Além disso, notamos em nossas análises que o Estado e a Igreja Católica não tinham ideais tão homogêneos como alguns autores costumam dizer, pois vimos que existiam divergências entre estes dois grupos, principalmente quando nos remetemos à educação física e às vestimentas usadas nessas atividades. Para o grupo católico ainda se tinha uma concepção de que a alma e o espírito estariam hierarquicamente superiores ao corpo. Diferente das concepções que eram desejadas e divulgadas pelo Estado Varguista, pois naquele período era almejado construir um modelo de jovem que se adequava ao projeto cultural do Estado, e, conseqüentemente, passava pela transformação física e da implantação da educação física nas escolas, com práticas esportivas, nas quais se buscava moldar os corpos da juventude, independente do sexo, em prol de uma eugenia.

No entanto, os intelectuais católicos não viam todas essas atividades com bons olhos, principalmente quando se tratava da atividade física aos corpos femininos, além das vestimentas que eram estabelecidas para as meninas, que praticavam as atividades em plena luz do dia a céu aberto, simbolizando nas palavras do grupo católico um “espetáculo de semi-nudismo”. Claro, toda essa preocupação se dava devido a ser o sexo feminino que estava em discussão. Segundo os valores e concepções católicas, as mulheres não deveriam ser colocadas diante de exercícios que fossem “inapropriados para o seu sexo”, pois a este grupo estava reservado o papel da maternidade, além de ser a mulher a responsável por ter naturalmente, segundo o pensamento do grupo católico, os dignos valores morais que

deveriam ser passados para a família fortalezense. Mostra a preocupação em torno das mulheres e do lugar social destinado a elas dentro da concepção de mundo dos intelectuais católicos, que destinavam a mulher aos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos e do marido. Cabendo a este último o trabalho, o estudo, a carreira política e intelectual.

Esses valores e essas concepções eram constantemente passados nas folhas do jornal O Nordeste, com as intenções de normatizar determinados comportamentos e visões de mundo, ao mesmo tempo em que buscava despertar no público católico uma ação comum em prol dessas concepções de mundo, que era construído e divulgado pelos intelectuais católicos, como foi possível observar quando falamos, por exemplo, do cinema norte-americano e os valores que eram divulgados pelos filmes exibidos pelas salas de cinema na cidade.

Porém, ao mesmo tempo em que foi possível analisar outros padrões que eram divulgados pelo cinema, pudemos analisar como o discurso católico e seus valores nem sempre atingiam os jovens como era desejado, pois vimos que os filmes não apenas despertavam certa diversão no grupo jovem como também serviam como ponto de encontro e namoro para diversos deles. Mostra que por mais que vários valores e comportamentos fossem divulgados e combatidos isso não significava que eram completamente seguidos. Como pudemos perceber, os jovens não apenas começavam a ver nos filmes norte-americanos outras concepções de mundo e comportamentos diferentes daqueles que eram passados pelos intelectuais católicos, como praticavam alguns dos comportamentos que viam, mostrando, assim, como o cinema e os costumes estavam chegando à cidade de Fortaleza, ao mesmo tempo em que eram amplamente combatidos pelo grupo católico. Porém, isso não significou muita coisa, pois o cinema era uma realidade na diversão dos jovens e as salas se espalhavam cada vez na cidade de Fortaleza, sendo que até mesmo o grupo católico fundou suas salas de cinema para poderem proporcionar filmes que pudessem ser assistidos “pela família católica”.

O Carnaval também não pode ser esquecido e como ele foi não apenas combatido pelo grupo intelectual católico como ele era símbolo do desregramento e de valores que eram combatidos pelo grupo católico. Esse ritual, que não tem dono, segundo Roberto Da Matta, mostrava uma festa da qual os valores e as hierarquias se desvirtuavam, sem contar os valores que eram exaltados naquele período diante da festividade carnavalesca. Apresenta um mundo no qual a hierarquia não tinha muito sentido, no qual a ordem era desvirtuada e que as mulheres, as festas, a bebedeira e as pulsões da carne falavam bem mais alto que os valores espirituais divulgados pelo grupo católico.

Analisando esse momento, vimos que assim como o cinema, os discursos católicos não eram praticados como desejado, mostrando como a população se utilizava de

táticas para burlar as estratégias católicas que almejava restabelecer seus valores religiosos e comportamentais. Táticas que nos apresentavam que diante dessa festividade homens se vestiam de mulher, criticavam valores tanto do Estado, como próprios valores católicos, como exemplo as músicas que falavam de Adão e Eva, que falavam de traição, que questionavam dogmas e concepções de mundo dos católicos. Assim, não apenas nas práticas exercidas durante essa festividade como também em suas músicas tocadas e publicadas nos jornais da capital cearense, nos mostra que os desejos da intelectualidade católica nem sempre eram alcançados e muito menos recebidos de forma pacífica pela população da capital.

Porém, o carnaval também nos mostrou outros pontos importantes, o primeiro deles a relação entre intelectuais católicos e essa festividade na cidade, pois estes católicos combatiam esta festa que ia contra os princípios e as visões de mundo defendidas por eles. Ficando visível algumas divergência que o carnaval trazia e os comportamentos que eram praticados nesse momento pela população da cidade. Comportamentos e valores que foram combatidos pelo grupo católico, mas que não impediu as manifestações e contestações da sociedade aos valores católicos defendidos por essa intelectualidade através do seu jornal.

Dessa forma, consideramos que as atividades intelectuais católicas em Fortaleza, através do jornal católico, não foram poucas e que este grupo esteve em ações que buscavam influenciar e pressionar a sociedade para que lutasse em prol das ideias católicas e no restabelecimento de costumes, valores e comportamentos que eram desejados por esta intelectualidade. No entanto, apesar das estratégias e ações desse grupo ser incisiva e contar com mecanismos de divulgação, como o jornal católico, que chegava a amplos setores da sociedade, isso não significava que a população da capital cearense aceitou todas suas ideias sem questionar ou sem criticar de forma muitas vezes jocosa e divertida.

Não havia apenas as visões do grupo católico, tínhamos várias outras concepções circulando no cenário político e cultural de Fortaleza. O cinema, como observado, foi um amplo mecanismo de divulgação de ideais que eram combatidos pela Arquidiocese de Fortaleza e que mesmo assim não impediu que a população fosse às salas de cinema, para assistir aos filmes que eram condenados pelo grupo católico, como também para namorarem longe das vistas dos pais e mães.

Outra forma de burlar esses preceitos que eram divulgados pelos católicos foi o carnaval, que possibilitou não apenas práticas que não eram desejadas pelo grupo religioso, mas também possibilitou críticas através das suas músicas, que eram cantadas, divulgadas e dançadas durante o mês do “Reinado de Momo”. Essa festividade que desvirtuava a ordem e os valores católicos, por ironia também deixou transparecer as divergências entre o Estado e a

intelectualidade católica, além de mostrar a heterogeneidade dos pensadores católicos de Fortaleza.

Nesse sentido, são essas as considerações que tínhamos a fazer sobre o tema, pois sabemos que o tempo não nos permitia alongar mais nossa pesquisa. Porém, saímos com mais perguntas do que respostas dessa caminhada. Pois nos perguntamos qual o papel da União dos Moços Católicos na formação de intelectuais e na divulgação dos ideais católicos em Fortaleza? Porque percebemos que essa agremiação tinha atividades constantes dentro do cenário intelectual da cidade, além de congregar integrantes e palestrantes importantes no cenário católico fortalezense. Outro ponto que nos chamou a atenção foi a relação entre a política e a intelectualidade católica uma vez que Raimundo Alencar Araripe e Menezes Pimentel, respectivamente Prefeito de Fortaleza e Governador do Ceará, teriam sua formação e base intelectual no seio do laicato católico. Além de acumular cargos, pois Raimundo Alencar Araripe além de prefeito, ainda era diretor da Liga Eleitoral Católica e Presidente da Associação São Vicente de Paula. Nesse mesmo sentido Andrade Furtado não foi diferente, pois ele seria vice-governador do Ceará, Presidente do Banco São José (Católico), Redator-Chefe do jornal O nordeste, além de integrante da Academia Cearense de Letras e do Instituto Histórico, sendo um intelectual, a nosso ver, diferenciado dos demais, pelos cargos assumidos, e por, em alguns festejos, ser ele o representante do Arcebispo.

Assim, compreendemos, ter respondido aquilo a que nos dispusemos, no entanto, essa caminhada nos mostrou caminhos que até o momento não foi possível percorrê-los, pois tínhamos que cumprir nossa tarefa. Diante disso, esperamos ter respondido as questões que havíamos proposto, além de ter contribuído com a história intelectual, com a história da Arquidiocese de Fortaleza e com a história de Fortaleza. Mostramos como um grupo de intelectuais no cenário fortalezense buscava restabelecer costumes e comportamentos em nossa sociedade ao mesmo tempo em que essa população questionava, criticava e praticava costumes e hábitos que iam de encontro ao que era defendido pelo grupo católico. Esperamos ter finalizado esta caminhada, para, a partir de então, começarmos outra.

FONTES

PERIÓDICOS:

O Nordeste, 1936 (janeiro, fevereiro e março);
O Nordeste, 1937 (janeiro, fevereiro, março, dezembro);
O Nordeste, 1938 (janeiro, fevereiro, março e abril);
O Nordeste, 1939 (janeiro, fevereiro e março);
O Nordeste, 1940 (janeiro, fevereiro e março);
O Nordeste, 1941 (janeiro, fevereiro e março);
O Nordeste, 1942 (janeiro, fevereiro e março);
Gazeta de Notícias, 1940 (janeiro e fevereiro);
Gazeta de Notícias, 1941 (janeiro, fevereiro e março);
O Estado, 1937 (novembro e dezembro);
O Estado, 1938 (janeiro e abril);
Unitário, 1936 (janeiro e fevereiro);
Unitário, 1938 (janeiro, fevereiro e março);
Unitário, 1939 (janeiro, fevereiro e março);
Unitário, 1940 (janeiro, fevereiro e março);
Unitário, 1941 (janeiro, fevereiro e março);

BIBLIOGRÁFICAS:

ARARIPE, J.C. Alencar. Despedida na saída. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo CXI, 1997.

GIRÃO, Blanchard. **A invasão dos cabelos dourados** (do uso aos abusos no tempo das “coca-colas”) / Blanchard Girão. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

GIRÃO, Blanchard. **O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-província**. 2ª edição. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1997.

LOPES. Marciano. **Royal Briar**, a fortaleza dos anos 40 / Marciano Lopes. – 2ª ed. – Fortaleza: Armazem da Cultura. 2012.

PONTE, Sebastião. **História e Memória do Jornalismo Cearense**. Sebastião Rogério Ponte (Coordenador). – Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/ UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará. Secretária de Cultura – SECULT. p. 199.

SABÓIA, Boanerges. **O Liceu que Conheci**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1995.

SILVA. Pedro Alberto de Oliveira. Raimundo de Alencar Araripe e a Prefeitura Municipal de Fortaleza (1936-1945). In: **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, tomo CXX, 2006.

DOCUMENTOS DIVERSOS:

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. **Membros da Academia Cearense de Letras de ontem:** Júlio Ibiapina. Disponível em: <<<http://www.ceara.pro.br/ACL/Academicosanteriores/AcademicosAnteriores.html>>> Acesso em: 03 de dezembro de 2011.

LEÃO XIII. **Rerum Novarum.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

Liga dos professores católicos do Ceará. **Registro de ata.** Abertura: 15 de abril de 1937. Fortaleza, 15 de abril de 1937. Sala de estudos eclesiásticos. Seminário da Prainha.

PIO XI. **Divini Illius Magistri.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius_magistri_po.html>> Pesquisado em: 27 de dezembro de 2011.

PIO XI. **Quadragesimo Anno.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

PIO XI. **Vigilanti Cura.** Disponível em: <<http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura_po.html>> Pesquisado em: 26 de novembro de 2011.

COLÉGIO SETE DE SETEMBRO. **Valores inestimáveis.** Disponível em: <<http://www.cognitiva.com.br/7museu/associados/7historia/Anos_30/Anos30_Escola.htm>> Pesquisado em: janeiro de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Berenice. **O Raid da Jangada São Pedro**: pescadores, Estado Novo e luta por direitos. 2007. 256f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.
- AMARAL, Eduardo Lúcio Guilherme. **Barão de Studart**: memória da distinção. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretária da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.
- ANDREUCCI, Álvaro Gonçalves Antunes. **O risco das ideias**: intelectuais e a política política (1930-1945) / Álvaro Gonçalves Antunes Andreucci. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2006. 235p. (História da Repressão e da Resistência, 1).
- ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos Labirintos da Cidade: Estado Novo e o Cotidiano das classes Populares em Fortaleza**. _Fortaleza: INESP, 2007. 338p.
- ARAÚJO, Maria Celina Soares D'. **O Estado Novo**/Maria Celina D' Araújo. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2000.
- BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social” e “Utopia”, In: **Enciclopédia einaudi**. V.5: “Anthropos-Homem.” Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARBALHO, Alexandre Almeida. **Textos nômades: política, cultura e mídia** / Alexandre Barbalho. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. 142 p. (Coleção Textos Nômades; n. 01).
- BENTHAM, Jeremy. **O panóptico**. Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: **O Brasil republicano**, v. 11: economia e cultura (1930-1964) / por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et al.]; introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 798p.: il. – (História geral da civilização brasileira; t. 3; v. 11).

BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: **Repensando o Estado Novo**. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico** / Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011.

CAMPOS, Nívio de. **Intelectuais e igreja católica no Paraná: 1926 – 1938** / Nívio de Campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo / Maria Helena Rolim Capelato. – Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Textos do tempo).

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: **O tempo do Nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo** / organização Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. – (O Brasil Republicano; v.2).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer** / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CUNHA NETO, Francisco Sales da. **Práticas do disciplinamento do Liceu do Ceará dos anos 1937 a 1945**. Fortaleza: Rbs, 2005.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia de dilema brasileiro** / Roberto DaMatta. – 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada** / Jean Delumeau; tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FARIAS, Damião Duque de. **Em defesa da ordem: aspectos da práxis conservadora católica no meio operário em São Paulo (1930 - 1945)**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro** / Felipe Ferreira. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: **O tempo do Nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo** / organização Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. – (O Brasil Republicano; v.2).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295 p.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: intelectuais e construção do mito Vargas. In: **O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo** / organizadores, Antônio Costa Pinto, Francisco Palomanes Martinho. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **História e historiadores** / Ângela de Castro Gomes. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HENZE, Hans Herbert M. **O centro D. Vital: Igreja, sociedade civil e sociedade política no Brasil (1930-1945)**. 1995. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**/Alcir Lenharo. – Campinas – 2ª ed. – SP: Papirus, 1986.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Construindo a nação: eugenia**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de. Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades / Maria Izilda Santos de Matos. –Bauru, SP; Edusc, 2005. 182p.; 23cm. – (Coleção História).

MIRANDA, Julia. **O poder e a fé: discurso e prática católicos**. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

MONTENEGRO. João Alfredo de Souza. **O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará, 1817 – 1978**. Fortaleza, BNB, 1992.

MOREIRA, Afonsina Maria Augusta. **Juventude da pátria a(r)mada: O Centro Estudantil Cearense Em Fortaleza, 1931-1945** / Tese de mestrado PUC/São Paulo 1999.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à história do jornalismo cearense**. – edição fac-similar / Fortaleza: NUDOC / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos de 1930: as incertezas do regime. In: **O tempo do Nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo** / organização Jorge Ferreira e Lucilia de Almeida Neves Delgado. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. – (O Brasil Republicano; v.2).

PARENTE, Francisco Josênio Camelo. **A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses**. / Francisco Josênio Camelo Parente. – Fortaleza: Edições UFC / Edições UVA, 2000.

_____. **Anauê: os camisas verdes no poder**. / Josênio C. Parente. – Fortaleza: EUFC, 1999.

PAULO, Heloísa Helena de Jesus. **O DIP e a juventude – ideologia e propaganda estatal (1939/1945)**. In: Revista brasileira de história – São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 7, nº 14, março/agosto de 1987.

PINTO, José Aluísio Martins. **“Não vingarão as sementeiras do anticristianismo”**: O Comunismo na Imprensa Católica (Fortaleza/CE, 1930 – 1945). Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Jos%E9%20Alo%EDsio%20Martins%20Pinto.pdf>> Acesso em: 25 de julho de 2010.

PONTE, Sebastião Rogério. **História e Memória do Jornalismo Cearense**. Sebastião Rogério Ponte (Coordenador). – Fortaleza: Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/ UFC, Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Ceará. Secretária de Cultura – SECULT.

RAMALHO, Bráulio Eduardo Pessoa. **Foi Assim! O Movimento Estudantil no Ceará (1928-1968)**/ Bráulio Eduardo Pessoa Ramalho. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2002.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A ordem** – uma revista de intelectuais católicos (1934-1945) / Cândido Moreira Rodrigues. – Belo Horizonte: Autêntica / Fapesp, 2005.

SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará**: “instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915 -1963) / Jovelina Silva Santos. – Fortaleza, 2007.

SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus Problemas**: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezense da Década de 1950. / Lídia Noêmia Santos. – Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

SCHWARTZMAN, Simon, **Tempos de Capanema** / Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny, Vanda Maria Ribeiro Costa – São Paulo : Paz e Terra : Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: **Por Uma História Política** / organização de René Rémond; tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOAREZ, Ednilo. **Edilson Brasil Soares**: um marco na educação. Editora Verdes Mares – Diário do Nordeste. Fortaleza – CE.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo** / Mônica Pimenta Velloso. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

VEYNE, Paul Marie, 1930 - Foucault revolucionou a história. In: **Como se escreve a história**. Trad. De Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 2ª ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília 1982, 1992. 198p.